

Estudos Doutrinários



**Preleções feitas no
CENTRO ESPÍRITA “18 DE ABRIL”
(Sistema didático)**

**GRAFICA MUNDO ESPÍRITA S.A.
Rua dos Inválidos, 216
Rio de Janeiro**

EXPLICAÇÃO

Sendo este o primeiro folheto resultante dos estudos doutrinários do Centro Espírita “18 de Abril”, parece-nos indispensável uma explicação a respeito. Nossos trabalhos não se destinam, como logo se vê, aos que já conhecem bem o Espiritismo, aos eruditos, mas aos que desejam estudar a doutrina, começando por estas noções rudimentares. Justamente por isso, resolveu a diretoria do Centro Espírita “18 de Abril” adotar um sistema didático mais ou menos adequado à compreensão geral da doutrina espírita, sistema que se lhe afigura mais prático do que o de conferências avulsas, feitas à vontade, sem coordenação. Tais conferências, conquanto sejam necessárias senão até indispensáveis, não tem objetivo pedagógico, visto que apenas fazem divulgação doutrinária ou exaltam, nobremente, a parte sentimental e consoladora do Espiritismo, mas não ensinam propriamente a doutrina. O povo, entretanto, precisa de orientação doutrinária, sem que se prejudiquem as orientações evangélicas, que tanto animo, tanta luz espiritual levam as criaturas sofredoras de todas as classes sociais.

Inspirando-se, desde a sua fundação, no Projeto de Allan Kardec, relativo ao ensino da doutrina espírita e a instituição de um Curso Regular de Espiritismo, segundo se lê na parte final de “Obras Póstumas”, vem procurando a diretoria do Centro Espírita “18 de Abril”, que se fundou para estudar a Codificação de Allan Kardec, fazer alguma coisa neste sentido, em obediência ao programa que lhe cumpre executar em face de seu estatuto.

Nossos estudos de 1948 foram divididos em dois períodos, na seguinte ordem:

1º período

JANEIRO a JUNHO

Exposição geral da doutrina

Nesse período, puramente expositivo, apenas apresentamos a codificação de Kardec, começando pelo LIVRO DOS ESPÍRITOS e terminando com A GÊNESE.

O mês de Julho ficou livre para conferências.

2º período

AGOSTO a NOVEMBRO

Interpretação da doutrina

Nesse período, tendo saído da simples exposição dos livros de Kardec, começamos a interpretar a doutrina a luz do “Livros dos Espíritos”. Nosso estudo ficou dividido em três séries:

- a) – Deus
- b) - Reencarnação
- c) – Leis Morais

Esses estudos são feitos por um dos diretores do centro.

O mês de outubro, em homenagem a data do aniversário de Allan Kardec, cujo natalício, no dia 3, tem comemoração obrigatória pelo estatuto foi escolhido para estudos sobre o Codificador.

Como de praxe, por ser o mês de Natal, dezembro é destinado exclusivamente a estudos evangélicos. Do programa de dezembro consta uma série de estudos sobre “O Sermão da Montanha”. Devemos acrescentar que na última 4ª feira de cada mês, nosso infatigável e culto companheiro Dr. J. C. Moreira Guimarães faz um estudo para estabelecer ligação da matéria comentada durante o mês com O Evangelho Segundo o Espiritismo. Por gentileza da Liga Espírita do Brasil em cuja sede estamos instalados desde os primeiros passos do Centro, o resumo de nossos estudos tem sido publicado na “Revista Espírita do Brasil”, órgão oficial dessa prestigiosa entidade.

A iniciativa da publicação de nossos estudos em folhetos não é nossa. Não cogitávamos disso, mesmo porque o Centro não tem recursos. Partiu do atual administrador da Gráfica Mundo Espírita S.A. a lembrança da publicação de folhetos ou opúsculos mensais, logo em agosto, quando iniciamos o 2º período de estudos. Pouco depois o confrade Elias Sobreira apresentou ao Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas uma proposta no sentido de serem nossos estudos mensais reunidos em folhetos e divulgados por todo o país, o que foi unanimemente aprovado. Apoiando a idéia, o Diretor-Presidente da Gráfica Mundo Espírita S.A., Dr. Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, autorizou a publicação pela Gráfica. Eis, pois, a razão deste folheto, que é, como se vê, o 1º de uma série a ser publicada. A todos, sinceramente, nossos agradecimentos. O folheto n.º 2 trará os estudos do 2º ciclo.

Terminada, em novembro, a parte interpretativa, teremos, em 1949, os períodos seguintes:

3º período: comparação do Espiritismo com outras doutrinas.

4º período, para encerrar o programa: crítica de outras doutrinas à luz do Espiritismo.

Começamos, pois, pela simples exposição da doutrina (1º período); passamos, depois, para a interpretação (2º período); entraremos, depois disto, na comparação (3º período) e pretendemos terminar com a crítica (4º período).

Dando ao público espírita este folheto, que é o primeiro fruto do Centro Espírita “18 de Abril”, centro ainda novo, desejamos que ele tenha alguma utilidade. É o que esperamos. Está, finalmente, dada a explicação que compete a DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “18 DE ABRIL”.

I

Tema geral: DEUS

“ O LIVRO DOS ESPÍRITOS”

A Doutrina espírita começa pela afirmação de Deus. (cap. I d’ O Livro dos Espíritos). O fim da doutrina é consolidar a crença do homem. Sendo este período de estudos doutrinários (2º ciclo) destinado a interpretação da doutrina devemos começar, é lógico, pelo livro inicial da codificação de Allan Kardec: O Livro dos Espíritos, tanto por ser, cronologicamente, o 1º livro básico da doutrina, como porque trata da parte filosófica do Espiritismo. É nesse livro que se encontram os princípios gerais da doutrina. Vamos, pois, começar a interpretação do Espiritismo pelo capítulo I d’ O Livro dos Espíritos: DEUS. Sendo Deus causa e não efeito, é indispensável que iniciemos nossa interpretação, partindo naturalmente do conhecido para o desconhecido. O conhecido é a matéria, com todas as suas transformações; o desconhecido é Deus, cuja presença real não se manifesta a olho nu, mas através de seus efeitos. Para compreendermos bem as manifestações de Deus, “Causa primária de todas as coisas”, precisamos figurar, logicamente, esta escala, de baixo para cima:

Deus
Espírito
Matéria

MATÉRIA – Estamos envolvidos pela matéria em todas as direções da terra. O mundo que nos rodeia é matéria; tudo o que fere os nossos sentidos humanos é matéria, em estados diferentes, mas sempre matéria. Logo, o primeiro elemento conhecido, para nós, é a matéria. Mas é na matéria que nós vemos os efeitos de uma causa desconhecida. Façamos, pois, o seguinte paralelo:

CONHECIDO
MATÉRIA
CORPO
HOMEM

DESCONHECIDO
Substância
Espírito
Deus

Esse paralelo entre o conhecido e o desconhecido corresponde a duas ordens de conhecimento: o conhecimento que nos vem pelo sentidos materiais, ou sentidos comuns (visão, olfato, etc.) e o conhecimento que só nos chega através de sentidos espirituais.

Já dissemos, à luz da doutrina, que, na contemplação do Universo, o primeiro elemento conhecido é a matéria. Que é a matéria? Para compreendermos o espírito, que é a essência e não a forma, precisamos conhecer a matéria. Não podemos compreender a causa de uma coisa sem examinarmos, antes, os efeitos dessa causa. É o que se dá entre espírito e a matéria. Logo, o conhecimento do espírito reclama o conhecimento da

matéria, visto que um é mediato e o outro imediato. Esclarecimento: existem coisas que nós conhecemos imediatamente, sem dificuldade; existem, porém, atrás dessas coisas, realidades que nós não podemos conhecer senão através de objetos visíveis. Digamos melhor: aquilo que conhecemos por meio de coisas visíveis é o que chamamos conhecimento mediato, em oposição ao conhecimento imediato, que é direto, ao passo que o outro é indireto. Passemos, agora, ao quadro negro:

CONHECIMENTO DAS COISAS

IMEDIATO
Matéria

MEDIATO
Substância

Em conseqüência , temos:

MATÉRIA

- ❖ Forma ----- Conhecimento direto
- ❖ Substância----- Conhecimento indireto

O conhecimento da matéria é direto porque é mediato, isto é, porque vemos, apalpamos, medimos a matéria diretamente; mas isso que vemos e apalpamos é a forma da matéria, a parte que esta mais próxima de nós, e não a substância. Justamente por isso é que o conhecimento da substância é indireto, pertence à ordem de conhecimento mediato. Que quer dizer mediato? Aquilo que não conhecemos diretamente, mas por meio de alguma coisa. Explicação: nós vemos as transformações da matéria, as formas da matéria, mas não vemos a essência da matéria, isto é, vemos a parte exterior das coisas, a parte visível, concreta, mas não vemos a substância, aquilo que determina a constituição íntima da matéria.

Resumindo: atrás do espetáculo que a natureza nos apresenta, na ordem material, existe uma causa, que pertence à ordem extra-material. Vemos a matéria transformar-se, contemplamos as forças da natureza através de seus fenômenos etc. Mas, logo depois, perguntamos: qual a causa de tudo isso? Tudo é movimento. Qual o motor que move todo esse mundo que nos rodeia?

Estudando a matéria, nós observamos que os fenômenos da natureza tem uma causa, obedecem a uma força que nós não vemos. Partindo desta observação, iremos marchando de matéria para a substância, do corpo para o espírito, do espírito para Deus. Sempre do conhecido para o desconhecido. Na próxima exposição trataremos deste ponto: os fenômenos da natureza não se explicam por si mesmos.

(1ª preleção doutrinária do 2º ciclo de estudos, iniciado em agosto de 1948).

II

Tema: MATÉRIA

LIVRO DOS ESPÍRITOS (cap. II nº 21, em confronto com A Gênese(cap. VI, nº 3).

Verificando-se que os fenômenos da natureza não se explicam por si mesmos, isto é, sem um agente responsável, sem uma causa, em suma, como vimos na exposição anterior, as modificações da matéria, sua solidez, sua compressibilidade, assim como as diversas propriedades dos corpos dependem de um elemento invisível, força ou energia, de cuja existência não podemos duvidar, porquanto os efeitos visíveis estão diante de nós. (Veja-se A Gênese, de Allan Kardec – “Uranografia geral”, cap. VI). Não percamos de vista este ponto de orientação: as coisas visíveis explicam as invisíveis. Exemplo: no funcionamento de qualquer máquina, nós vemos os movimentos das peças, a engrenagem de todas as suas partes, bem ajustadas, bem combinadas, etc.; mas não vemos a força que produz o movimento, que dirige o ritmo da máquina. Podemos negar a existência dessa força? Não, porque estamos diante de seus efeitos; ela, portanto, depende de uma causa; Conclusão: o funcionamento da máquina, que é apenas efeito, não se explica por si mesmo, mas pela causa de que se origina.

Começemos pela matéria, pelas coisas mais simples e imediatas, e chegaremos a lei universal de causalidade, reconhecemos que a causa do Universo é DEUS, causa primária de todas as coisas. (“Livro dos Espíritos” – cap. I). Tomemos, pois, como ponto de partida, uma lei geral: Nenhuma coisa se explica por si mesma.

A matéria, portanto não se explica por si mesma. Ela existe porque antes dela existe uma causa. Essa lei geral tem aplicação as grandes como as mínimas coisas. Exemplo: temos aqui na mão, um livro; nós vimos esse livro sair da máquina, vimos como ele foi feito na oficina, etc.; ,as tido isso é efeito, porque a causa do livro não esta na máquina. Neste caso, qual a verdadeira causa do livro? A inteligência que o organizou; ela não sairia da máquina já pronto, já na forma definitiva para ser lido, se não houvesse, antes dele, uma causa invisível, uma inteligência criadora. Logo, o livro que está em nossa mão é uma coisa que não se explica por si mesma. Conclusão: existe o livro porque existe a inteligência que o elaborou. Sem inteligência, que é a causa do livro, não existiria o livro, porque a máquina por si só, não faria a composição da obra. A máquina, finalmente não poderia ser, ao mesmo tempo, causa e efeito. Resumo da questão: nós não vemos a inteligência que elaborou o livro, mas sabemos que existe essa inteligência, porque estamos vendo o efeito. Como? Olhamos para o livro, vemos sua organização material, sabemos que ela saiu da máquina impressora, mas logo verificamos que tudo isso, bem feito, bem distribuído, não pode ser obra do acaso, mas de uma inteligência. Então pelo visível, que é o livro, nós reconhecemos a existência do invisível, que é a inteligência criadora do livro. Não conhecemos o autor do livro, mas sabemos que o livro tem autor. A comparação também se aplica, dentro daquela lei geral, à compreensão do Universo. Se “nenhuma coisa se explica por si mesma”, o Universo é efeito e não causa. Seguindo a lei de causalidade, vamos chegar a conclusão de que é Deus a causa do Universo.

O estudo geral da matéria nos induz a procurar sempre a lei universal de causalidade. Já tratamos, embora superficialmente, da matéria e da substância. Vamos dar mais uma explicação, aliás muito primária.

Essencial..... O que é permanente

MATÉRIA

Acidental..... O que é transitório

A matéria tem sua parte essencial. (o que ela é por si mesma) e sua parte acidental(o que é instável, transitória), o que corresponde a substância e fenômeno.

A matéria apresenta, portanto, duas ordens de realidade: a que se vê e a que não se vê.

Visível.....Fenômeno.....Transformação da
matéria

REALIDADE

Invisível.....Substância.....Constituição íntima,
força

Resumo: o que nós vemos são as transformações, o aspecto exterior da natureza, os fenômenos através de seus efeitos materiais; mas não vemos a força que produz os movimentos da matéria. Não negamos a existência dessa força, porque ela é uma realidade. Então para encerrar esta parte: a matéria, que é o elemento conhecido, explica o desconhecido, ou, por outras palavras, o efeito, que é o mundo que nos rodeia, explica a existência da causa, que é imponderável, intangível, imaterial. A organização do Universo, finalmente, explica a inteligência Divina. (2ª preleção do 2º ciclo de estudos, para interpretação da doutrina).

III

Tema: ORIGEM DAS COISAS

O Livro dos Espíritos (continuação)

A explicação do Universo, como vimos desde o cap. I do Livro dos Espíritos. Enquadra-se na lei citada na preleção anterior: nenhuma coisa se explica por si mesma. A causa primária do Universo é Deus.

O materialismo pretende explicar o Universo pelos fenômenos da natureza. Mas os fenômenos da natureza tem uma causa invisível. Dentro da própria ciência humana, como veremos, há um princípio que se opõe à tese materialista: todo fenômeno supõe um substância. Onde esta a substância dos fenômenos da Natureza, tão endeusada pelo materialismo? Onde esta a causa da transformação da matéria? A Natureza move-se por si mesma. Sim, mas em virtude de uma força que nós não vemos. Qual a causa dessa força, cujos efeitos na terra, nos astros, nos seres, impressionam os sentidos humanos? De qualquer forma, a tese espírita leva à lei científica de que “nenhuma coisa se explica por si mesma”.

Façamos, para maior compreensão desta lei, uma ilustração rudimentar.

Temos por exemplo, um vaso de tinta vermelha.

Na tinta vermelha, que é um elemento visível, há elementos invisíveis. A tinta existe porque existem outros elementos. Logo, ela não se explica por si mesma. É a lei. Quais os elementos invisíveis? Justamente as que dão origem à tinta. Nós não vemos a inteligência que combinou as substâncias e formou a tinta, mas não podemos negar a existência dessa inteligência. Conclusão: a tinta é efeito, a causa esta distante de nós, é invisível, mas existe.

ÁGUA + INGREDIENTES = TINTA

A tinta existe porque existem dois elementos: a água e a substância que lhe dá a cor vermelha.

Logo, a tinta é um efeito cujas causas estão na água e na substância vermelha.

Nós não vimos a água nem o ingrediente misturado, mas sabemos que esses dois elementos existem. Então, voltemos ao princípio inicial: o conhecido, isto é, a tinta, explica o desconhecido, a água e a substância. Mas a água e o ingrediente por si mesmos não formariam a tinta se não houvesse uma inteligência encarregada de fazer a combinação química.

INTELIGÊNCIA + ÁGUA + SUBSTÂNCIA = TINTA

Então para concluir, temos:

A existência da tinta vermelha, que é um elemento conhecido, revela a existência de outros elementos. O conjunto desses elementos revelam a existência do poder inteligente.

Conclusão: a inteligência é abstrata, mas nós afirmamos que ela existe, porque estamos vendo os objetos visíveis. Ora, os objetos não se criam por si mesmos. Logo, há uma causa que dá origem aos objetos: a inteligência do homem. A inteligência humana esta para os objetos como a inteligência divina esta para o Universo.

Diante da matéria portanto, observando os fenômenos da natureza, somos levados a reconhecer naturalmente a existência de Deus. (3ª preleção).

IV

CRIAÇÃO DO UNIVERSO

(Cap. III – Parte I – d'O Livro dos Espíritos)

O n.º 37 do cap. II d'O Livro dos Espíritos leva á lei de causalidade. As transformações da matéria demonstram a existência de uma causa invisível. Continuando, pois a acompanhar a Lei de causalidade, verificamos que o mundo exterior, isto é, o mundo que nos rodeia procede, sem dúvida alguma, de uma causa.

A forma das coisas sofre alterações, como o homem, fisicamente, muda de aspecto. Mas, em essência, o homem não deixa de ser o que é. O homem espiritual, portanto, é sempre o mesmo quanto à essência. Pois bem, o conjunto das coisas que nós

vemos, apenas nos mostra a parte acidental, o que está sujeito a transformações e mudanças. Mas a essência, o elemento substancial das coisas é imponderável.

Terminando:

O homem físico, o homem visível, revela a existência das leis naturais.

Pelo corpo, isto é, pela forma do homem, reconhecemos a existência do espírito; pelo espírito, com seus atributos, reconhecemos a existência de Deus. A filosofia do Espiritismo, portanto, é toda ela baseada na existência de DEUS, criador de todas as coisas. Começamos a compreender a sabedoria de Deus através de três elementos: MATÉRIA – HOMEM – ESPÍRITO. Do mundo físico, passamos ao mundo moral, cujas leis explicam DEUS, fundamento da vida.

As preleções desta série foram feitas, como de costume, por um dos diretores do Centro. De acordo com o programa, a última sessão de cada mês destina-se a estabelecer relações entre o assunto estudado e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

O Dr. J. C. Moreira Guimarães, desde o começo destes estudos, encarrega-se de, no fim de cada mês, estudar a matéria comentada à luz do Evangelho.

Para 1949: 3º período, iniciando-se em janeiro com estudo comparativo, de acordo com o programa do Centro.

Programa do Centro “ 18 de Abril”

Art. 1º O Centro Espírita 18 de Abril. Assim denominado em homenagem a data em que foi publicado a 1ª edição d’ O Livro dos Espíritos, é uma sociedade civil, com sede e foro no Distrito Federal, para estudar o Espiritismo, de acordo com a codificação de Allan Kardec. (Do Estatuto)

DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “ 18 de Abril”

Presidente: Deolindo Amorim

Vice-presidente: José Fernandes de Sousa

1º Secretário: Alberto Nogueira Gama (licenciado)

2º Secretário: Ary Póvoas (licenciado)

1º Tesoureiro: José Alves de Oliveira

2º Tesoureiro: Sra. Ernestina Andrade

Bibliotecário: José Maria Soler

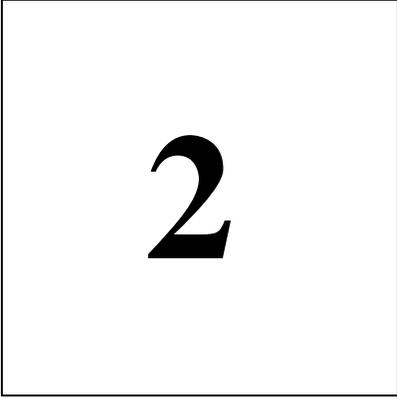
Comissão Fiscal
Eduardo Barreiros
Dr. Lauro Sales
Dr. João Ribeiro

A LIGA ESPÍRITA DO BRASIL tem 6 escolas gratuitas para crianças, sem distinção de crenças religiosas, cor ou nacionalidade.

Ajudai a obra escolar da Liga Espírita do Brasil, inscrevendo-se como sócio daquela instituição

Cadernos Doutrinários

Centro Espírita “ 18 de Abril”



2

DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO

RIO DE JANEIRO

-

BRASIL

**“CONHECE-SE O VERDADEIRO ESPÍRITA PELA
SUA TRANSFORMAÇÃO MORAL”**

ALLAN KARDEC

A “Revista Espírita do Brasil” (orgão oficial da Liga Espírita do Distrito Federal) publica mensalmente o resumo dos estudos doutrinários deste Centro.

EFEMÉRIDES ESPIRITAS

3 de outubro – Nascimento de Allan Kardec (1804)

9 de outubro – “Auto de Fé” na Cidade de Barcelona, Espanha, no ano de 1861, onde foram queimados, por ordem do Bispo, o “Livro dos Espíritos” e outras obras espíritas.

31 de março (1848) – Verificam-se em Hydesville, Estados Unidos, com as irmãs Fox, os fenômenos que deram origem ao movimento chamado Espiritualismo moderno, depois denominado Espiritismo por Allan Kardec, em Paris, no dia 31 de março de 1869.

18 de abril – Aniversário d’ O Livro dos Espíritos, 1ª obra da codificação de Allan Kardec(1857).

O CENTRO ESPÍRITA “ 18 DE ABRIL “ funciona provisoriamente a rua Uruguaiana, 141 sobrado, na sede da LIGA ESPÍRITA DO DISTRITO FEDERAL (ex. Liga Espírita do Brasil). Suas sessões se realizam às 4ª s. feiras, às 20,30 hs.

Rio de Janeiro - Brasil

EXPLICAÇÃO

O presente caderno contém o resumo dos estudos doutrinários realizados no centro espírita “18 de Abril”, no período de janeiro a março de 1950, e parte dos estudos de 1949, de acordo com o programa aprovado pela Diretoria. Por motivos especiais, inclusive a reunião, no Rio de Janeiro, do II Congresso Espírita Pan-Americano, os nossos estudos doutrinários tiveram algumas interrupções no último trimestre de 1949, o que, entretanto, não impede a inclusão, neste folheto, de uma parte daqueles estudos.

Tendo publicado o 1º folheto em 1948, pretendia a Diretoria do Centro publicar o 2º logo em 49, mas não o fez porque não lho permitiram as circunstâncias. Diante disto, para não interromper a seqüência dos estudos, cujo desdobramento é acompanhado, fora desta capital, por algumas pessoas interessadas, resolveu a Diretoria incluir no folheto nº 2 pelo menos uma parte dos estudos de 49: **Noções de História da Filosofia**. Assim, pois, este folheto sai com duas seções : parte da matéria estudada em 1949 e o resumo dos estudos de 1950, de janeiro a março.

Nosso esquema de estudos didáticos para 1950 ficou assim dividido:

1º período

PRINCÍPIOS GERAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

JANEIRO a MARÇO

2º período

FENOMENOLOGIA

Fenômenos anímicos e fenômenos espíritas

MAIO a AGOSTO

3º período

NOÇÕES DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

SETEMBRO

Não estão compreendidos no esquema os meses de ABRIL, OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO, pelas seguintes razões:

- a- O mês de abril (aniversário do “ LIVRO DOS ESPÍRITOS “ é destinado para estudos especiais daquele livro básico do Espiritismo;
- b- Durante o mês de outubro (mês de Kardec) realizam-se palestras sobre o codificador do Espiritismo e sua obra;
- c- De acordo com o programa anual, deixou-se o mês de novembro para estudos complementares, a critério da Diretoria;
- d- Em obediência a praxe que este Centro adotou, desde o início de seus trabalhos, o mês de dezembro, por ser o mês de Natal e, ainda porque neste mês se encerram as atividades do Centro, é escolhido para dissertações sobre o “ Sermão da Montanha “, como coroamento dos trabalhos do ano.

Nossos estudos obedecem, tanto quanto possível, ao método didático, de acordo com o esquema indicado linhas atrás. Na última 4ª feira de cada mês, o Dr. J.C. Moreira Guimarães, Vice-presidente do Centro, faz uma dissertação evangélica, tomando por tema um capítulo d’ O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Eis finalmente em linhas gerais, a súmula das atividades anuais do Centro Espirita “18 de ABRIL”.

Que este Caderno seja, de alguma forma forma, útil aos estudiosos do Espiritismo, como simples forma à divulgação popular desta consoladora doutrina, é o que sinceramente deseja a DIRETORIA DO CENTRO ESPIRITA “18 DE ABRIL”.

Rio de Janeiro, dezembro de 1950

NOÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA

(Resumo da 1ª parte dos estudos doutrinários de 1949)

DEFINIÇÃO – Antes de tratarmos da História da Filosofia, devemos saber o que é Filosofia, para podermos compreender melhor o aspecto filosófico do Espiritismo. Que é Filosofia? Eis a pergunta que se faz, naturalmente, quando se iniciam estudos desta natureza. Tendo o Espiritismo, como se sabe, uma parte filosófica, é natural que procuremos ter, como base de conhecimentos gerais, pelo menos alguma noção do assunto. Filosofia – diz se – é a Ciência dos *porquês*, justamente porque trata do porquê das coisas, isto é, explica a origem, a causa das coisas. Isto, porém, é a Filosofia no sentido clássico. Modernamente, com o desenvolvimento das pesquisas científicas, a Filosofia é a atividade que consiste na coordenação dos fatos da Ciência, para que se encontre uma causa geral. É a Filosofia aplicada à Ciência. Filosofia é também concepção da vida e do universo. No sentido amplo, porém, Filosofia quer dizer: explicação das causas, do porquê das coisas. Daí chamar-se “*a Ciência das primeiras e últimas causas*” segundo uma definição clássica. Resumo do assunto: a Ciência

examina a coisa, como ela é, de que se compõe, etc.; a Filosofia diz porque a coisa existe, qual a sua causa. Como se vê, a Ciência trata do conhecido, a Filosofia trata do desconhecido. Estas noções, como todas as outras deste estudo, são muito primárias, e por isso não passam de simples embocadura do assunto. Temos, portanto, no Espiritismo, também uma parte filosófica, porque:

- a) – A parte científica trata do fenômeno, suas características, a lei que o rege, o mecanismo do fenômeno;
- b) – A parte filosófica explica a origem do fenômeno, isto é, porque existe espírito, sua natureza, e para que fim se dá o fenômeno. Temos aí, bem definidos, dois campos no Espiritismo: o **científico** e o **filosófico**.

FILOSOFIA e CIÊNCIA – O Espiritismo tem uma parte científica e outra filosófica, como já vimos. (Oportunamente trataremos da parte moral, ou religiosa, baseada no Evangelho). Há distinção entre Ciência e Filosofia. A *Ciência trata do concreto*, a *Filosofia trata do abstrato*. A palavra Filosofia quer dizer amor à sabedoria. Diz a tradição que foi Pitágoras, sábio da antiguidade, quem propôs o uso da palavra *filósofo* para substituir o qualificativo de *sábio*, usado entre os antigos.

Realmente filósofo (amigo do saber ou da Ciência) é o que procura a verdade, a razão de ser das coisas, a causa primária do universo e da vida, de acordo com a formação da palavra (*Philos*–amigo e *Sophia*–sabedoria, Ciência), ao passo que o qualificativo de sábio parece arrogante, porque dá idéia de saber tudo, não ignorar coisa alguma. Naturalmente Pitágoras achou a designação de filósofo mais modesta do que a de sábio.

O papel da Ciência, que não é moral nem imoral, não é religioso nem ateu, é examinar, experimentar, comparar, estudar os fenômenos e as suas leis para dizer, no fim de tudo, se uma coisa *é* ou *não é*; o papel da Filosofia é dizer porque a coisa existe e para que existe. Exemplo: a Ciência estuda o fenômeno, procura a lei do fenômeno, diz qual o agente do fenômeno (espírito, por exemplo) e conclui a sua tarefa, afirmando ou negando; a Filosofia trata da causa que produz a lei, vai buscar a origem do espírito que deu causa ao fenômeno. Temos, pois, no conhecimento humano, três departamentos:

- a) **A Ciência**, que se preocupa com os fatos para verificar se é verdadeiro ou falso aquilo que se afirma.
- b) **A Filosofia**, que se preocupa com a origem de tudo o que existe, a causa inteligente que produz o espírito, etc.
- c) **A Moral**, que se preocupa com a aplicação, o fim útil que devem ter as coisas.

Estes departamentos correspondem à seguinte escala: **Ver** (Ciência); **Raciocinar** (filosofia); **praticar** (moral). Em suma, para terminar esta parte: A Ciência diz *É* ou *não É*; a Filosofia diz **PORQUE**; a moral diz **COMO** devemos proceder em face do que aprendemos, qual o uso que devemos fazer do conhecimento.

DIVISÃO DA FILOSOFIA – Divide-se a Filosofia em quatro partes: **Psicologia** (Ciência da alma) que estuda os fatos de nossa consciência, nossas emoções, nossas reações, etc.; **Lógica** (Ciência do raciocínio) que regula nossa maneira de pensar, estuda as leis do pensamento; **Ética** (para alguns, moral) que trata dos costumes, do procedimento humano em face do conhecimento; **Metafísica** (para além do mundo físico, acima da física) estudo geral do Ser, da essência das coisas, da parte invisível dos objetos, da origem do Universo.

Enquanto a Psicologia quer saber *SE* pensamos, se, de fato, existe em nós o pensamento, a Lógica procura saber *COMO* pensamos. A Lógica é indispensável ao estudo da Filosofia. Existe, é verdade, a lógica natural, a chamada lógica do bom senso. Mas a Lógica é uma Ciência, tem as suas leis, seu método para chegar à verdade. A Psicologia refere-se à existência do pensamento, a Lógica refere-se à legitimidade do pensamento. Não basta pensar, é necessário pensar com acerto. Pensamento legítimo, logicamente falando é aquele que não é incoerente ou contraditório. A Lógica trata, portanto do raciocínio. Qualquer indivíduo, por exemplo, pode defender um ponto de vista contrário ao nosso, mas pode acontecer que o raciocínio seja lógico. Há ocasiões, porém, em que o indivíduo pensa, defende suas idéias, mas não tem lógica. Ilustramos este ponto com dois tipos de raciocínios:

1º tipo Deus não existe, porque nunca o vi.

CRÍTICA – Este raciocínio é o que se chama simplista, porque pretende resolver uma questão de transcendental importância com um argumento muito simples.

2º tipo Há muita coisa que nunca vi, não sei como é, no entanto existe. Logo, não nego a existência de Deus embora nunca o tenha visto.

CRÍTICA – Este raciocínio é mais lógico do que o outro. Por analogia, não nega a existência de Deus, uma vez que há muita coisa que se não vê, mas existe.

A outra parte da Filosofia é a Moral. Compete a Moral ditar as normas do procedimento humano. Chama-se também ética.

De fato, a Filosofia não nos leva somente à especulação, mas à prática, isto é, a aplicação daquilo que aprendemos para um fim: o bem. A ética, portanto, refere-se aos costumes. Depois da moral, vem, finalmente, a Metafísica. Que quer dizer Metafísica? Aquilo que está além ou acima da física. A Ciência, como já vimos, trata do que é concreto, tangível, palpável, visível; a Metafísica trata da essência das coisas, daquilo que se não vê, que se não pode medir. No tempo de Aristóteles (Grécia antiga) a Metafísica era o que se chamava *Filosofia* primeira. Vamos dar um exemplo, a fim de que fique bem compreendido o que é que se entende por Metafísica. Temos uma fruta na mão, suponhamos. Nesta fruta, considerada sob o ponto de vista puramente físico, o que é real, verdadeiro para nós é somente o que se vê, cheira, apalpa, etc.: cascas, caroço, suco e outros elementos. Mas a fruta existe, porque existe a árvore; a árvore, por sua vez, existe, porque lhe deram elemento de vida. Até aí temos apenas a parte física. E de onde vem a vida da árvore? Da natureza, de um plano da criação universal? Estas indagações não pertencem mais à ciência positiva, mas à Metafísica. Com este exemplo vulgar, pretendemos apenas dar uma idéia muito simples do que é Metafísica, a parte

mais transcendental, mas sutil da Filosofia. A Filosofia, em suma, dá-nos a idéia da unidade do conhecimento. Algumas escolas filosóficas negaram a Metafísica. O positivismo, por exemplo, desprezou completamente qualquer indagação no campo metafísico. Daí o nome de positivismo, porque se preocupa exclusivamente com o que é positivo, concreto, com o que está ao alcance dos sentidos humanos. Na opinião de Augusto Comte, o fundador do positivismo, a humanidade caminharia na seguinte ordem, de acordo com o que ele denominou a “Lei dos três estados”:

1º Estado Teológico

No estado teológico (período primário) a humanidade crê em Deus, adora ídolos, tem superstições, etc. É o período da religião.

2º Estado Metafísico

O estado metafísico (período intermediário) a humanidade começa a indagar, analisar para saber. É o período, como se vê, da Filosofia.

3º Estado Positivo

O estado positivo (período superior) é, segundo Comte, o estado em que a humanidade abandona a religião, porque não precisa mais da crença, deixa a pura especulação e entra no terreno positivo. É o período, finalmente, da Ciência.

Temos aí a “lei dos três estados”, segundo Augusto Comte. Por entender assim, o positivismo despreza a Metafísica, isto é, coloca o assunto nos seguintes termos: a inteligência humana é incapaz de chegar a conclusão verdadeira acerca de Deus, da origem do universo, etc. Logo devemos deixar de lado tais questões, que são abstratas, inexplicáveis. O positivismo entende que devemos buscar solução de todos os problemas na Ciência positiva e nunca nas abstrações da Metafísica. As escolas filiadas ao materialismo, fenomenismo, positivismo, evolucionismo, etc. negam valor a Metafísica. Temos, até aqui, algumas noções muito rápidas do que vem a ser Filosofia. Passemos agora à História da Filosofia em linhas gerais.

Noções primárias da História da Filosofia – O berço da Filosofia, como da religião, segundo o que ensinam os autores mais acatados é a Ásia. Justamente por este motivo a História da Filosofia começa pela *Filosofia oriental*. Entende-se por Filosofia oriental as idéias filosóficas dos países asiáticos (Índia, China, Pérsia) onde realmente despontaram tais idéias. A História da Filosofia dividi-se em quatro períodos:

I – FILOSOFIA ORIENTAL (Antes de Jesus Cristo)

Bramanismo – Budismo - Lao Tse - Confúcio.

II – FILOSOFIA GREGA (Do séc. VII AC ao VI séc. DC)

Pré-socrática - Socrática - Pós-socrática.

III – FILOSOFIA MEDIEVAL (Do séc. IX ao séc. XVII)

Escolástica - Formação, apogeu e decadência

IV – FILOSOFIA MODERNA (Séc. XVII ao séc. XIX)

Racionalismo - Experimentalismo.

V – FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA (Séc. XIX ao séc. atual)

Pragmatismo - Intuicionismo, etc.

Há um período intermediário entre a Filosofia Grega e Medieval ou da idade média: *Filosofia Patrística*, assim chamada por ter sido a Filosofia dos padres.

Sistematização da Filosofia – Convém notar, desde já, o seguinte: do Oriente veio a Filosofia pura e não a Filosofia sistematizada. Sistematizar quer dizer organizar dividir os assuntos, formar plano de conjunto. Foi isto, precisamente, o que se começou a fazer na Grécia, depois de Sócrates. No Oriente, por exemplo algumas doutrinas filosóficas se confundia, com algumas com as idéias religiosas. Finalmente, a Filosofia Oriental confundiu-se muito com a religião. Há quem diga que não é fácil distinguir, no Oriente, os místicos e os filósofos. É verdade que a Filosofia de Lao Tse não era mística. Mas, no conjunto, os filósofos Orientais parecem muito mais religiosos do que propriamente filósofos, na opinião de alguns críticos e historiadores. Passemos adiante. De qualquer forma, as idéias filosóficas vieram do Oriente. Os Gregos tiveram, desde o começo, muita preocupação científica. O materialismo e naturalismo, por exemplo, nasceram na Grécia. Enquanto os orientais olhavam muito para cima, isto é, cultivavam a Filosofia pura, abstrata, contemplativa, os gregos procuravam compreender o mundo físico, os fenômenos da natureza sua causa, etc. São da Grécia os três primeiros filósofos clássicos: Sócrates, Platão e Aristóteles. Estes nomes representam três pilastras de cultura humana tão grande, tão marcante foi a influência de Sócrates na Grécia, que a *Filosofia Grega* ficou dividida em três fases: antes de Sócrates (pre-socrática), durante Sócrates (socrática), e depois de Sócrates (pós-socrática). Duas idéias fundamentais do Espiritismo foram aceitas no período, aliás brilhante, da Filosofia Grega: a imortalidade da alma e a reencarnação. (veja-se a introdução de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec). SOCRATES – diz Kardec – foi um precursor do Espiritismo, da idéia imortalista, oposta ao materialismo.

As primeiras manifestações do materialismo, na Grécia, estão na teoria de Demócrito. É a teoria atomística, que considera a alma simplesmente um conjunto de átomos. Houve outras teorias do fundo materialista, ainda na Filosofia Grega. Tratemos, porém, da sistematização. A princípio a Filosofia confundia-se com a Ciência. Os gregos dividiram os dois campos: A Ciência trata dos fatos concretos, da natureza, do mundo sensível, a Filosofia cuida do mundo metafísico, do que é abstrato, em suma. A Ciência estuda o conhecido, a Filosofia estuda o desconhecido. Começou, portanto, com os gregos a sistematização dos conhecimentos humanos. Antes de Sócrates, os primitivos filósofos gregos, devendo-se destacar Tales de Mileto, voltaram-se muito para a Natureza. Surgiu assim, a escola naturalista. Nota-se que esses filósofos, apesar de serem considerados sábios para a sua época, tiveram algumas concepções absurdas senão infantis para nossa época. Basta dizer que, na Grécia, a água e o fogo chegaram a ser considerados elementos causadores da vida! Era na água – pensavam eles – que estavam a origem do mundo!

O ponto mais luminoso, mais alto da Filosofia Grega é o que começa com Sócrates. Há, porém, diferenças importantes entre os três filósofos clássicos: A Filosofia de Sócrates foi essencialmente moral; a Filosofia de Platão foi mais idealista, preocupou-se mais com a idéia pura; A Filosofia de Aristóteles foi naturalista. Aristóteles faz a primeira classificação das Ciências, classificação adequada à época, e por isso foi substituída, mais tarde, por outras classificações mais desenvolvidas. Apesar de ser um gênio, Aristóteles não ficou e nem podia ficar imune de críticas posteriores. Rejeitou-se, com o tempo, muita coisa do grande filósofo grego. Mas Aristóteles é precursor da Ciência. A Filosofia Aristotélica predominou, durante séculos, na Filosofia Escolástica. Os doutores da igreja, na idade média, adaptaram a Filosofia de Aristóteles (pagão) à teologia católica. Nada se fazia a não ser dentro do padrão escolástico. Aristóteles passou a ser, para os escolásticos, uma espécie de tabu, porque fora de Aristóteles tudo era perigoso, duvidoso... Mais tarde veio a reação. Surgiu a Filosofia moderna, com Descartes e Bacon, propondo outros processos de raciocínio e observação. Tomas de Aquino, um dos maiores vultos da Filosofia medieval, o *doutor angélico*, segundo a igreja, formou a sua *Suma Teológica* baseada na Filosofia de Aristóteles e na teologia católica. Mas o prestígio da Escolástica (Filosofia da Idade Média) entrou em decadência, depois de algum tempo. Aristóteles, o fundador da Lógica, criou a famosa Escola peripatética, assim denominada porque o filósofo ensinava caminhando no jardim perante os discípulos. Sem dúvida alguma, Aristóteles é uma das glórias da humanidade.

Registra-se ainda na *Filosofia Grega* a escola dos sofistas. Eram indivíduos que zombavam de tudo, não investigavam, mas pretendiam destruir, por hábeis processos de raciocínio, tudo quanto os outros haviam organizado no domínio da Filosofia. Terminemos aqui, por não estamos fazendo um curso de História da Filosofia, mas comentando alguns pontos da História das doutrinas filosóficas como introdução indispensável à parte filosófica do Espiritismo.

Não podemos esquecer que os conhecimentos básicos ou fundamentais vieram de Aristóteles: a biologia, a psicologia, a lógica, a história natural. Passemos, porém, à Idade Média.

Filosofia Medieval – Como já vimos no esquema, a Idade Média é o período que vai do século IX ao séc. XVII. Depois do apogeu da Idade Média, veio o movimento chamado Renascença, cuja influência se fez sentir principalmente nas artes,

na literatura e até na ciência. A Filosofia da Idade Média chamava-se *Escolástica* porque era ensinada nas escolas medievais. Uma das maiores figuras da Escolástica foi Tomas de Aquino, doutor da igreja. A Escolástica teve três períodos: formação, apogeu e decadência. Durante a *Escolástica*, a Filosofia tomista (assim chamada por ser a Filosofia de Tomas de Aquino) teve grande influência na vida intelectual do mundo. O *tomismo* formou uma síntese dos conhecimentos humanos na seguinte maneira: aproveitou, como já vimos a ciência organizada na Grécia e adaptou o pensamento de Aristóteles à *Suma Teológica*, obra destinada a interpretar o pensamento da igreja em face da Ciência e da teologia, isto é, a Igreja perante o temporal e o espiritual. Mas no seio da *Escolástica*, entre os próprios doutores da Igreja, houve muita divergência. Formaram-se duas grandes correntes: *tomistas* e *anti-tomistas*. Inegavelmente os três maiores vultos da igreja, nesse período, são Tomas de Aquino, Agostinho e Alberto Magno. Entre Tomas de Aquino e Agostinho há concepções diferentes. A Filosofia agostiniana é mais platônica, isto é, pende mais para as idéias de Platão, enquanto a de Tomas de Aquino é aristotélica, apoia-se na ciência de Aristóteles. (Quando estudamos a *Filosofia Grega*, verificamos que Aristóteles divergiu de Platão em determinados pontos). A escola franciscana, no período da Escolástica, preferiu seguir a orientação de Agostinho, tendo rejeitado a escola tomista. A discussão entre as duas velhas correntes filosóficas da Igreja não feriu as bases da fé, porque se restringiu, como até hoje, a sutilezas filosóficas. Ainda hoje a divergência entre tomistas e agostinianos é assunto debatido apenas entre as elites da Igreja, nas discussões teológicas. Os simples crentes, os homens de fé, é claro, não entram nestes pontos de pura indagação filosófica, aliás sem conseqüências práticas na fé.

Depois de muito esplendor, a *Escolástica* (Filosofia da Idade Média) começou a entrar em decadência. Diversas causas concorreram para o desprestígio da *Escolástica*: a Renascença, a Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero, a nova concepção da autoridade dos Reis, cujos poderes deixaram de ser considerados de origem divina. Finalmente depois da Idade Média, período em que predominou o pensamento de Aristóteles, interpretado segundo a filosofia *Escolástica*, veio o que se chama Filosofia Moderna e, com esta, grande revolução na ciência e na filosofia. *Filosofia Moderna* – Chama-se moderna a filosofia do século XVII ao séc. XIX. A Filosofia Moderna tomou duas direções definidas: o *racionalismo* e o *experimentalismo*. Os dois homens que personificaram a Filosofia Moderna são: René Descartes (Francês) e Francis Bacon (Inglês). Deve-se a Descartes e Bacon um dos períodos mais fecundos e mais brilhantes do pensamento humano. Pode-se dizer que a *Filosofia Moderna* foi um movimento de reação à Escolástica: foi, para melhor dizer, uma imposição da própria evolução da idéias. Ao chegar ao século XVII, a humanidade estava saturada dos ensinamentos escolásticos, queria idéias novas, métodos novos, inteligências mais ativas desejavam a renovação. Compreendemos muito bem este fenômeno à luz da doutrina: A renovação das idéias é uma característica da evolução. Vamos resumir o mais possível as linhas gerais deste grande período. Houve duas correntes na Filosofia Moderna: o *racionalismo* ou *cartesianismo*, com Descartes; o *empirismo* ou *experimentalismo*, com Bacon.

O sistema de Descartes chama-se racionalismo, porque é baseado na supremacia da razão; o sistema de Bacon chama-se empirismo porque é baseado na experiência. (A palavra empirismo significava, naquele tempo, experimentar, submeter o objeto às provas práticas; hoje, porém, diz-se empirismo quando se quer dizer que isto

ou aquilo é feito sem os métodos científicos: medicina empírica, isto é, medicina dos curiosos, os que não são formados, etc.). Vamos resumir o assunto: Descartes, o espírito matemático, criou o método racional, isto é, o método que tem por base a razão para aceitar a verdade; Bacon criou o método experimental, o método pelo qual tudo deve ser submetido à experiência para que se possa aceitar a verdade.

Embora seja diferente os dois métodos – o de Descartes e o de Bacon – porque um apela para o primado da razão e o outro apela para o primado da experiência, o que é verdade é que esses dois grandes homens abriram o caminho da investigação científica. Antes deles, aceitava-se muita coisa pela fé; depois deles, como que se emancipou o espírito humano, porque a razão e a experiência passaram a decidir no conhecimento. Francis Bacon é, perante a História, o precursor do método experimental. Aliás, ainda na idade média, outro Bacon tentou introduzir o método experimental na Ciência, mas não pôde realizar os seus planos. Foi o Frade Rogério Bacon.

Tinham razão os dois: Francis Bacon e René Descartes. Não se pode chegar à verdade sem os dois grandes instrumentos: a razão e a experiência. Mas nem um dos dois, por si só é capaz de nos trazer toda a verdade. Já fizemos, neste centro, uma série de estudos comparativos, justamente para que pudéssemos mostrar a posição do espiritismo entre as doutrinas e métodos filosóficos. Lembram-se bem os confrades da exposição relativa a Filosofia Moderna. Dissemos, naquela ocasião, porque o estudo era comparativo, que a Doutrina Espírita concilia muito bem as duas correntes da Filosofia Moderna, uma vez que reconhece o valor tanto da experiência como da razão. Descartes e Bacon prestaram grande serviço à inteligência. Descartes exaltou a razão contra a supremacia da fé; Bacon também recusou o predomínio da fé, mas o fez com base no método experimental. O fim era o mesmo: negar autoridade à fé para dirigir o conhecimento humano.

Durante o período em que se desenvolveu a *Filosofia Moderna*, surgiram muitas escolas filosóficas. Não nos é possível tratar, aqui, de todas elas, porque se o fizéssemos, ainda que em linhas gerais, sairíamos do fio destes estudos. Assim, pois, simplesmente a título de informação histórica, vamos indicar as principais correntes filosóficas desse período, um dos mais notáveis da História da Filosofia. De passagem, apontamos as seguintes escolas filosóficas posteriores a Descartes e Bacon:

Idealismo – Os partidários do *idealismo*, embora exaltem muito a idéia, distanciaram-se do idealismo puro de Platão. Os *idealistas* consideraram a matéria uma representação da idéia. Esta escola filosófica tanto serviu para reforçar certos princípios espiritualistas como para fortalecer a opinião de alguns partidários do materialismo metafísico. Ponto fundamental: a realidade não é matéria, mas a idéia.

Sensualismo – A escola sensualista caiu no materialismo, porque afirmou o seguinte: o conhecimento vem dos sentidos, nada se pode conhecer sem a sensação. Consequência: fora daquilo que fere os sentidos humano, tudo é incerto, hipotético. Que é isto, senão materialismo?

Críticismo – Em oposição à escola sensualista, Emanuel Kant, filósofo alemão, lançou a *Crítica da Razão Pura*, formando o sistema que tomou o nome de *Críticismo*: “Crítica da Razão Pura” e “Crítica da Razão Prática”, sobre a Filosofia e a

Moral. Tema central do *Criticismo*: Nem todo conhecimento vem dos sentidos materiais, porque existe a razão pura, independente dos sentidos humanos.

Fenomenismo – Os fenomenistas afirmam que tudo se explica pela sucessão de fenômenos no universo. Conclusão: não precisamos apelar para a crença em Deus, porque todo o mecanismo universal depende da sucessão de fenômenos sem qualquer inteligência criadora.

Evolucionismo – Esta escola é quase contemporânea da Codificação de Kardec. Spencer desligou-se em parte, do Positivismo e fundou a escola evolucionista. Característica da escola spenceriana: embora afirme a evolução do mundo material, considera impossível à inteligência humana compreender o desconhecido. Para Spencer o desconhecido é o absoluto ou o incognoscível. Devemos deixar de lado o absoluto, porque nos é impossível compreendê-lo.

Panteísmo – Como o seu nome esta indicando (*pan* - tudo e *theo* - Deus) *Panteísmo* é a doutrina que admite a presença de Deus em tudo. O *Panteísmo* é muito antigo; seu chefe, nos tempos modernos, foi Spinoza. Segundo o Panteísmo, existe a alma universal e não a alma individual como afirma o Espiritismo. Esta doutrina anula a responsabilidade do espírito após a morte, porque a alma volta para o todo, isto é, a alma universal. O Espiritismo não aceita a tese panteísta. (Ver “O Livro dos Espíritos” cap. I, 1ª parte, nº 14).

Convém notar que a Filosofia Moderna, no século XVIII, teve participação no grande movimento chamado *Enciclopedismo*, cujo espírito preparou a Revolução Francesa. Houve ainda outras correntes filosóficas, como, o neo-kantismo, o idealismo renovado, o neo-escolasticismo, etc. Tratemos agora do *Positivismo*, doutrina fundada pelo filósofo Augusto Comte, francês desencarnado precisamente no ano em que Allan Kardec publicou “*O Livro dos Espíritos*”: 1857. O Positivismo teve grande influência no Brasil. É interessante observar que, tendo nascido em França e sendo francês o seu fundador, o *Positivismo* teve mais projeção no Brasil que na terra de origem. O *Positivismo* influenciou muito na propaganda e proclamação da República Brasileira. A divisa da Bandeira Nacional - *Ordem e Progresso* - é de origem positivista. Depois de sua obra científica, Augusto Comte fundou uma religião sem Deus e sem alma, isto é, a *Religião da Humanidade*. Sob o ponto de vista humano, puramente humano e não espiritual, esta religião tem pontos de coincidência com o Evangelho. O Positivismo tem a seguinte base, sem aceitar a existência de Deus nem a imortalidade da alma: *o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim*. Tudo isto, sob outro ponto de vista, pode ser aplicado à doutrina cristã. O Evangelho ensina: *amai-vos uns aos outros*. O Positivismo ensina: *viver para outrem*. O Evangelho diz: *sim, sim, não, não!* O positivismo predica: *viver às claras*. Mas o que é verdade é que nós esposamos estes princípios em função da crença na vida futura, na imortalidade da alma e na existência de Deus; o Positivismo prega também estes princípios, mas o faz em função apenas do amor à humanidade, para a vida presente, na terra. Na forma, existe certa aproximação entre o Positivismo e o Evangelho; no fundo, porém, a separação é absoluta, porque um tem por base a vida futura, depois da morte, enquanto o outro se apoia no princípio de que a imortalidade é subjetiva, isto é, consiste apenas na lembrança dos mortos, no

sentimento de respeito. Para, nós, a imortalidade é objetiva, real, porque já está demonstrada.

O Positivismo dividiu-se em dois grupos: o de Littré, que não aceitou a Religião da Humanidade, tendo preferido ficar apenas com a parte científica da obra de Comte, e o de Pierre Lafite, que aceitou integralmente a doutrina positivista. O 1º grupo chamou-se *dissidente*, o 2º grupo é chamado *ortodoxo*, porque defende a aceitação total do pensamento de Comte. Augusto Comte fez a seguinte classificação das Ciências: Matemática – Astronomia – Física – Química – Biologia – Sociologia – Moral.

Desde Aristóteles, os filósofos, pensadores e experimentadores têm procurado classificar as ciências. Houve, por isso, diversas classificações. Mas a que, até hoje, teve mais aceitação foi a de Comte. Para nós, imortalista, a Psicologia é uma das ciências fundamentais, porque é a ciência da alma. Mas é necessário observar o seguinte: Augusto Comte não considerava a *Psicologia* ciência autônoma, porque, sendo ele positivista, não admitia a existência da alma independente do corpo. Vemos aí apenas a *Biologia* (ciência da vida ou dos seres vivos), porque, segundo a classificação de Augusto Comte, a Psicologia está enquadrada na Biologia. Depois de Comte, a Psicologia passou a ser uma ciência como as outras, porque se tornou autônoma. Tratemos, agora, como encerramento desde período de estudos, da Filosofia contemporânea, embora pouco tenhamos a dizer a tal respeito.

Filosofia Contemporânea – Entende-se por *Filosofia Contemporânea* o conjunto das correntes filosóficas formadas entre o século passado e os dias atuais. Parece-nos necessário apenas tratar ligeiramente de duas correntes da *Filosofia Contemporânea*, porque já passaram para a História, enquanto outras, mais novas, ainda estão sendo discutidas ou observadas. As duas principais doutrinas filosóficas deste período são as seguintes: *Pragmatismo*, de William James, nos Estados Unidos, e *Intuicionismo*, de Henri Bergson, na França. A palavra pragmatismo vem de *pragma*, que quer dizer ação. Assim, pois, o Pragmatismo é a Filosofia da ação, a Filosofia prática. Os pragmatistas entendem que devemos procurar, em tudo, o lado útil; aquilo que não tem utilidade não deve ser objeto de cogitação: se, por exemplo, a idéia de Deus é útil, devemos cultivá-la mas pela sua utilidade e não pela simples crença. Mas o conceito de utilidade foi mais exagerado na filosofia pragmatismo. Para muita gente, útil é o que é imediato concreto. Em suma, o Pragmatismo, para determinados indivíduos, passou a ser uma filosofia puramente utilitária, a filosofia do interesse. Todas as escolas filosóficas têm espíritos radicais. O *Intuicionismo* é uma doutrina que afirma a supremacia da intuição sobre a inteligência. Para Bergson (desencarnado há poucos anos) a inteligência não pode compreender as coisas transcendentais. O problema de Deus, por exemplo, escapa às possibilidades da inteligência. É pela intuição, conhecimento superior, que podemos compreender certas questões, como o destino humano, a justiça divina, etc. A inteligência apenas pode compreender o que é finito, limitado, material. A doutrina de Bergson é muito discutida, até mesmo entre filósofos católicos. Para alguns críticos, Bergson não é, a rigor, um filósofo; na opinião de outros, Bergson pode ser considerado um verdadeiro filósofo. Certos teólogos acham que a teologia de Bergson veio demolir a fé; alguns católicos conciliadores entendem, ao contrário, que o criador do *Intuicionismo* não ofendeu a fé. Como se vê, a filosofia bergsoniana ainda está sujeita a muitas opiniões divergentes. Aqui termina a exposição, aliás muito sumária, das escolas filosóficas.

Encerramento – Depois de havermos passado, muito por alto, pela História da Filosofia, de acordo com o programa anual do centro Espírita “18 de Abril”, podemos encerrar esta série de estudo semanais com as seguintes:

CONCLUSÕES

1 – A História da Filosofia prova que a crença na reencarnação já existia nas primeiras manifestações da filosofia, antes do Cristianismo, o que vem reforçar, historicamente, a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, no século XIX;

2 – O estudo da História da Filosofia é necessária à cultura espírita para que se possa ver a posição do Espiritismo em face das escolas e doutrinas filosóficas;

3 – Não sendo propriamente uma *escola*; no sentido limitado em que se toma esta palavra, o Espiritismo tem elementos para esclarecer pontos obscuros de qualquer escola filosófica, por ser uma doutrina de sentido universalista.

4 – Tendo sido organizada e publicada na segunda metade do século XIX, a Codificação de Allan Kardec surgiu na fase final da influência da Filosofia Moderna, mas não se filia a nenhuma escola filosófica desse período.

5 – A História da Filosofia revela a existência de três tendências bem definidas: o *fideísmo*, que se apoia na fé; o *racionalismo*, que tem por base a razão; o *experimentalismo*, que se firma na ciência experimental.

6 – Em face do que nos mostra a História da Filosofia, o Espiritismo é uma doutrina atual, apesar de organizada no século passado, porque os seus princípios morais e filosóficos, assim como os seus processos científicos, estão em condições de atender às necessidades atuais do espírito humano.

7 – O Espiritismo responde à maior questão da Filosofia: de onde vem, porque vive e para onde vai o homem.

2ª PARTE

PRINCÍPIOS GERAIS DO ESPIRITISMO

(Resumo dos estudos doutrinários relativos ao 1º Ciclo de 1950: janeiro a março)

Fontes básicas:

O Livro dos Espíritos
O Livro dos Médiuns
A Gênese
O Evangelho segundo o Espiritismo

INTRODUÇÃO – No período anterior (1949) estudamos resumidamente a História da Filosofia. Já vimos, assim, como nasceram e se desenvolveram as doutrinas filosóficas. Tendo-se a noção do que é Filosofia, compreende-se melhor a parte filosófica do Espiritismo. Em que consiste a parte filosófica do Espiritismo? Na explicação das causas, do *porque* dos fenômenos e suas conseqüências morais. Quando se tem a idéia geral do que é Filosofia, pode-se interpretar a parte filosófica do Espiritismo.

Assim, pois, a parte filosófica do Espiritismo abrange a questão da causa, da origem do espírito, como a origem do Universo e, finalmente, as conseqüências morais de tais indagações. Toda doutrina tem os seus princípios gerais. Quando se inicia o estudo de uma doutrina, logo se pergunta: quais são os princípios gerais, ou princípios básicos desta doutrina? Então, para estudar o Espiritismo, convém saber, de antemão, quais são os seus princípios fundamentais. Os princípios básicos ou fundamentais caracterizam as doutrinas. O Espiritismo tem os seguintes princípios básicos:

imortalidade da alma;
reencarnação;
existência de Deus.

Pelo enunciado destes princípios, qualquer pessoa que não conheça o Espiritismo, já sabe que está lidando ou vai lidar com uma doutrina *imortalista, reencarnacionista e deísta*. Tem-se aí a idéia geral da doutrina.

Antes, de entrarmos no problema da reencarnação e suas conseqüências, devemos tratar do elemento mais positivo: a alma. Isto significa partir do mais próximo para o mais distante, do conhecido para o desconhecido. É questão de método.

MÉTODO – Todo estudo regular exige método. Metodizar é pôr em ordem, organizar plano de trabalho para chegar a um objetivo. O estudo feito a esmo não é estudo metódico. Nos estudos filosóficos há dois métodos a seguir: *o que parte do todo para as divisões e o que parte de cada divisão para o todo*. Chamam-se estes métodos: sintético e analítico. Isto quer dizer, por outras palavras, o seguinte: ou nós começamos a estudar o conjunto e, depois, estudamos cada uma das partes ou começamos pelas partes, separadamente, para chegarmos ao todo, ao conjunto. Método, portanto, é o caminho que se segue, em qualquer gênero de estudo para chegar a um fim. Há métodos gerais e universais (sintético e analítico) e há métodos particulares, aplicados a determinadas ciências. Qual o método que convém ao Espiritismo, quando estudamos os princípios gerais desta doutrina?

Vejam os que ensina Kardec. Diz ele, no *Livro dos Médiuns* cap. III, que, antes de quisermos fazer alguém *espírita*, devemos fazer esse alguém *espiritualista*. Que significa isso? Que devemos, antes de tudo, demonstrar o princípio da imortalidade da alma, para que, depois, possamos falar melhor acerca das conseqüências da

imortalidade: reencarnação, etc. Se o indivíduo não admite a simples existência da alma, muito menos poderá admitir a reencarnação, que é uma conseqüência da imortalidade. Então, como devemos começar o estudo dos princípios básicos do Espiritismo? Pela alma, que é o primeiro ponto, o alicerce da doutrina. Do problema da alma é que passamos para os outros problemas: reencarnação, justiça divina, comunicação do espíritos, etc. Todas estas questões dependem da primeira questão: Existe a alma?

Não é lógico dizer a um indivíduo que a alma se manifesta aos vivos, que a alma reencarna, que a alma continua a ter responsabilidade depois da morte, etc. quando ele não sabe se existe a alma. Logo, o ponto de partida, pelo método indutivo ou a *posteriori* é a alma, porque só se compreende a lógica da reencarnação, que é a base filosófica da Doutrina Espírita, admitindo a existência da alma. Temos, portanto, o primeiro princípio básico do Espiritismo: a *existência da alma*.

CONCEITO DE ALMA – Antes de falar acerca da sobrevivência ou imortalidade da alma, torna-se indispensável fixar o conceito da alma. Que é alma? Para nós, que acreditamos na vida espiritual, alma é uma coisa; para o panteísta, é outra coisa; para o positivista, o conceito de alma é muito diferente. Precisamos, pois, deixar bem claro qual é o conceito de alma, segundo o Espiritismo. Desde que nos entendamos, inicialmente, sobre este ponto, podemos falar, depois, da imortalidade da alma, sua individualidade, reencarnação, etc. Antes de tudo, porém, precisamos deixar bem claro o que é que nós, espíritas, entendemos por alma. Há palavras de sentido muito amplo, e por isso podem ser empregadas com significados diferentes. A palavra alma, por exemplo, tem muitas aplicações. Para nós, porém, alma é o princípio inteligente e imortal da criatura humana. É indispensável ler a introdução do *Livro dos Espíritos*, porque Allan Kardec, com espírito didático, deixa bem claro o que é *alma* e o que é *princípio vital*, duas noções distintas, que se não confundem. (“Livro do Espíritos” cap. IV parte I e cap. II parte II).

Sabe-se que a palavra alma vem do latim: *anima*. Nem todos, porém, empregam esta palavra no sentido em que nós a empregamos. Para algumas escolas e doutrinas, alma quer dizer simplesmente aquilo que dá vida orgânica aos seres. A função da alma, segundo esta definição, é simplesmente *animar*, dar vida, mas é preciso notar que nem todo ser *animado* tem alma ou espírito inteligente, consciente, responsável. Para nós, alma quer dizer, o princípio que subsiste à decomposição do corpo, e este princípio é inteligente, o que equívale dizer que a alma é responsável, tem consciência.

O princípio vital, que sai do fluido cósmico universal, sim, é comum a todos os seres, e não é individualizado. Mas a alma, o elemento espiritual do homem não se confunde com o princípio vital. Que é princípio vital? O princípio da vida orgânica de todos os seres vivos. O vegetal vive pela ação do princípio vital, mas o princípio vital não é inteligente, não é responsável, não tem sensibilidade moral, porque é apenas parte do fluido universal. A alma, porém, é responsável e, sobretudo, tem duas características pelas quais se distingue do princípio vital: a individualidade e a unidade. Que quer dizer isto? Que a alma do indivíduo é sempre a mesma, no tempo e no espaço (individualidade); que a alma não se fraciona, conserva-se indivisível (unidade). Os conceitos de alma e espírito (sinônimos) estão muito bem esclarecidos, como já foi dito, na Introdução do Livro dos Espíritos. Podemos, agora, passar para o 1º princípio básico do Espiritismo: – *a imortalidade da alma* – uma vez que já nos explicamos sobre o

significado que tem, à luz da Doutrina Espírita, a palavra alma. Estamos partindo, do que se vê, do particular para o geral, do que está mais perto para o que está mais longe, isto é, da alma para as conseqüências da imortalidade da alma. Isto significa, por outras palavras, abrir o caminho para poder entrar no terreno filosófico do Espiritismo. Este método é aconselhado por Allan Kardec (*Gênese* cap. I n.º.14 e *Livro do Médiuns* cap. n.º. I) Isto vem a ser em Filosofia, raciocinar por indução, porque o método indutivo é o que começa pelas partes para chegar ao conjunto. O Espiritismo é um conjunto, e estamos começando justamente pelas partes.

IMORTALIDADE DA ALMA – Temos inicialmente três questões:

- a) – Saber o que é alma.
- b) – Saber se a alma é imortal, isto é, se continua a viver depois da morte do corpo.
- c) – Saber quais as conseqüências da imortalidade da alma no problema religioso, na concepção do mundo, na vida particular do indivíduo.

Quanto à 1ª questão, nada temos a acrescentar, porque já tornamos claro, com base no Livro dos Espíritos, o que é alma, para nós espíritas. Passemos, pois, à segunda questão: *o Espiritismo é uma doutrina imortalista*, porque AFIRMA a imortalidade da alma:

- a) – Princípio da vida orgânica (Materialismo)
- b) – Parte da alma universal (Panteísmo)
- c) – Elemento independente do corpo (Espiritualismo)

(Convém notar, a propósito, a diferença entre *Espiritualismo* e *Espiritismo*, na introdução do Livro dos Espíritos).

São as seguintes as características da alma:

- a) – individualidade (a alma de um indivíduo é sempre a mesma, e não, outra alma)
- b) – indivisibilidade (a alma não se divide)
- c) – independência (a alma não se modifica nem desaparece com as transformações da matéria)

Temos aí o 1º ponto: existência da alma. Todas as doutrinas espiritualistas afirmam este princípio. Mas nem todas vão além da existência da alma. A diferença entre o *Espiritismo*, que é uma doutrina espiritualista por natureza, e as doutrinas espiritualistas, está neste ponto: outras doutrinas, embora espiritualistas, porque aceitam a existência da alma, não aceitam a comunicação dos espíritos nem admitem a reencarnação. O Espiritismo vai além de tais doutrinas justamente porque afirma a comunicação dos espíritos e a reencarnação.

Do 1º ponto (existência da alma) teremos de passar para o 2º.: imortalidade da alma. Mas esta parte será estudada no 2º ciclo de estudos, quando tivermos de tratar da fenomenologia espírita. Os fenômenos espíritas provam experimentalmente a

imortalidade da alma. Isto não impede, porém, que dediquemos algum tempo aos atributos da alma. A alma humana tem atributos próprios. Que quer dizer atributos? Aquilo que é inerente, isto é, que pertence intimamente à natureza de um ser. Quais são os atributos da alma? Inteligência, livre-arbítrio, unidade.

Referências: Evangelho segundo o Espiritismo, cap. I n.º. 5; Livro dos Espíritos cap. I - 2ª parte, n.º. 77; Gênese cap. IX n.º. 1.

Se a alma tem estes atributos, sendo o primeiro deles a inteligência, é claro que ela não se formou por si mesma: tem origem em alguma coisa. Nenhuma coisa tem origem em si mesma. A inteligência e o livre-arbítrio para seguir o caminho do bem ou do mal, por exemplo, são atributos que não podem ser comuns a todos os seres. Logo, a alma, por seus atributos, distingue-se do princípio vital. A alma não tirou tais atributos de si mesmo. Há, portanto, uma fonte inteligente. A fonte esta fora da alma: Deus.

Quanto à origem da alma, há diversas correntes. Vejamos apenas três:

- 1ª . *Geracionismo* – a alma é gerada com o embrião do corpo. A alma e o corpo nascem na mesma ocasião.
- 2ª . *Criacionismo* – a alma foi criada por Deus e introduzida no corpo, no estado embrionário. (Esta doutrina é quase idêntica à 1ª .).
- 3ª . *Preexistência* – a alma é anterior ao corpo. Platão aceitou a doutrina pré-existencialista. Os essênios também admitiram a existência da alma antes do corpo. (Ver, a respeito dos essênios, a Introdução do Evangelho segundo o Espiritismo).

O Espiritismo, como se vê, despreza as outras teorias e esposa a doutrina da preexistência da alma. Se a alma fosse gerada com o corpo, como querem os geracionistas, onde cairia a responsabilidade após a morte. Ora, um dos pontos fundamentais da parte filosófica do Espiritismo é justamente a continuação da responsabilidade da alma (espírito) após a morte. O Espiritismo afirma, portanto, a preexistência da alma, isto é, a tese de que a alma é *anterior ao corpo*. Como explicar as conseqüências deste princípio? Pela reencarnação.

Temos aí o 3º princípio básico do Espiritismo, a reencarnação. (Cabe aqui uma informação: a palavra ESPIRITISMO foi criada por Allan Kardec, e quem o diz é ele próprio, segundo “Obras Póstumas” parte final; há espíritas na Inglaterra, Estados Unidos, etc., que não aceitam a reencarnação; a Codificação de Kardec, porém, sustenta a tese da reencarnação).

A teoria da preexistência não pode ser compreendida sem a reencarnação.

Convém, pois, consultar os seguintes pontos da doutrina: Livro dos Espíritos cap. VI n.º. 392; cap. VI n.º. 303 e cap. VII. Deve-se confrontar, por exemplo, o cap. II, parte II do Livro dos Espíritos com cap. XI n.º. 2 e n.º. 6 da Gênese de Allan Kardec e o cap. V n.º. 6 e seguintes de “O Evangelho segundo o Espiritismo”. A tese reencarnacionista ou palingenésica explica a existência de conhecimentos inatos sem destruir, contudo, um dos pontos pacíficos do Espiritismo: o esquecimento do passado, em virtude da influência da matéria sobre o espírito. A reencarnação ou doutrina das vidas sucessivas tem, também, os nomes de *palingenesia* e *palingênese*, segundo as preferências de alguns autores, inclusive Gustavo Geley. Mas a doutrina palingenésica não é outra coisa senão a reencarnação, uma vez que a palavra é formada de *palin* (de novo, novamente) e *gênese* (nascimento, origem), de acordo com a sua etimologia.

Aceitou-se, na antigüidade, a reencarnação, também, com o nome de metempsicose, mas a metempsicose não se harmoniza com o Espiritismo. (Livro dos Espíritos parte II cap. X).

Os partidários da metempsicose admitiam a reencarnação do espírito em corpo de animal, como castigo, segundo o grau de inferioridade. O Espiritismo veio demonstrar que a reencarnação não pode ser aceita sob tal aspecto, porque isto seria a negação de um princípio lógico: a tendência do espírito é evoluir, e não retroceder. Além de tudo, a natureza animal não é idêntica à natureza humana, em determinados sentidos, e por isso o espírito de uma criatura humana jamais poderia voltar à terra em corpo de animal. A reencarnação é um processo de aperfeiçoamento, porque em cada existência ou nova encarnação tem o espírito mais uma oportunidade para melhorar o seu estado moral e adquirir mais conhecimento.

Torna-se necessário senão indispensável distinguir a reencarnação da ressurreição. O Espiritismo não admite a ressurreição da carne, no mesmo corpo, porque tal suposição é anti-científica, mas a doutrina aceita, sim, a reencarnação do espírito, isto é, a volta do espírito à terra, em novos corpos. Daí a doutrina da preexistência, já citada anteriormente. (Ver O Evangelho segundo o Espiritismo).

Podemos concluir que a doutrina reencarnacionista, base filosófica da Codificação de Allan Kardec, tem conseqüência tanto na vida individual como na vida coletiva, o que quer dizer, portanto, no indivíduo e no grupo.

A reencarnação, no campo individual, tem as seguintes conseqüências :

- a) – aperfeiçoamento moral;
- b) – progressividade do espírito;
- c) – compreensão da justiça divina segundo a lei de causa e efeito, o que faz desaparecer, em primeiro lugar, o medo de Deus e, em segundo lugar, a idéia de azar, má sorte, castigo de Deus.
- d) – fortalecimento da crença em Deus, porque a principal conseqüência da reencarnação é destruir o ateísmo.

A reencarnação, no campo social, tem, principalmente, as seguintes conseqüências:

- a) – explicação das desigualdades sociais;
- b) – destruição do preconceito de cor ou de raça, porque não é possível conciliar a doutrina reencarnacionista com tal preconceito;
- c) – desenvolvimento do espírito de fraternidade humana, uma vez que, não havendo preconceito de cor, a teoria reencarnacionista predispõe as criaturas a se amarem como irmãos, segundo a recomendação evangélica: “Amai-vos uns aos outros”.

CONCLUSÃO – Nosso 1º ciclo de estudos (janeiro a março de 1950) trata apenas, como já foi dito, dos princípios gerais do Espiritismo, para que se possa formar

ideia inicial desta doutrina. Assim, pois, o desdobramento destes pontos ficará para outros ciclos de estudos. Encerramos esta parte com as seguintes proposições:

- I – O Espiritismo é espiritualista, porque a sua doutrina tem por base a existência do espírito;
- II – O Espiritismo é imortalista (decorrência da 1ª proposição) porque afirma a imortalidade do espírito depois da morte;
- III – O Espiritismo é reencarnacionista porque, além de sustentar, como princípio, que o espírito continua a viver depois da *morte*, afirma que o espírito reencarna, isto é, volta à terra, quantas vezes se torne necessário;
- IV – O Espiritismo, finalmente, apoia-se na existência de Deus sem admitir céu, inferno e purgatório, uma vez que a reencarnação destrói logicamente a crença no “pecado original” e nas penas eternas, assim como na vida eternamente angelical, desde que o trabalho é lei universal na vida material como na vida espiritual.

Temos aí os princípios gerais do Espiritismo. Qualquer neófito, portanto, antes de começar a fazer estudos regulares, já pode ter o que se chama visão de conjunto. Foi este, finalmente, o objetivo do 1º ciclo de estudos de 1950. O 2º ciclo compreenderá a fenomenologia espírita.

CADERNO DOUTRINÁRIO

EXPOSIÇÕES DIDÁTICAS



Divulgação do Espiritismo

ORGANIZADO E DISTRIBUÍDO
PELO
CENTRO ESPÍRITA “ 18 DE ABRIL “
RIO DE JANEIRO
BRASIL

INTRODUÇÃO

De acordo com o programa do Centro Espírita “18 de Abril”, sai agora, com certo atraso, é certo, mas sem quebra de continuidade, o 3º Caderno Doutrinário, relativo a 1950/52. Como complemento, ainda, do 2º Caderno, incluímos neste folheto a parte relativa aos estudos doutrinários do 2º ciclo de 1950, isto é, breves considerações sobre a fenomenologia espírita.

Com a publicação deste Caderno doutrinário, sentimo-nos desobrigados perante os nossos companheiros de estudos e, ao mesmo tempo, muito satisfeitos por vermos o Centro realizar mais um ponto de seu programa básico. Tendo sido fundado, em 18 de abril de 1946, com o objetivo precípuo de estudar o Espiritismo segundo a Codificação de Allan Kardec (art. 1º do estatuto). O Centro Espírita “18 de Abril” tem, portanto, a obrigação de, como decorrência dos estudos ordinários, publicar e distribuir os seus Cadernos sem qualquer outra preocupação a não ser a de fazer divulgação da doutrina codificada por Allan Kardec. Em obediência ao programa que lhe serve de norma, o Centro adota o método didático em suas exposições doutrinária, com ilustrações no quadro negro, sempre que necessárias. A publicação dos Cadernos Doutrinários depende, porém, dos recursos financeiros angariados entre os próprios componentes do Centro (poucos, aliás) e alguns amigos que, espontaneamente, auxiliam o nosso trabalho. O Centro não tem recursos. Justamente pôr este motivo, não podemos publicar os nossos Cadernos com regularidade, circunstância que, entretanto, não impede o prosseguimento dos estudos doutrinários do Centro.

Confessamo-nos muito agradecidos a todos os companheiros que contribuíram financeiramente para a publicação do presente Caderno doutrinário.

Que os prezados Irmãos saibam compreender o objetivo desta publicação, é o que espera, sinceramente, a DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “18 DE ABRIL”

Rio de Janeiro, dezembro de 1953

ESPIRITISMO E RITUAL

PALAVRAS DE ALLAN KARDEC

“O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que entre os seus adeptos nenhum tomou nem recebeu o título de sacerdote ou sumo sacerdote”.

“Obras Póstumas” - 1ª parte – cap. Final

A ORIENTAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA “18 DE ABRIL”, EM SUA PARTE DIDÁTICA, INSPIROU NO PROGRAMA DA FACULDADE BRASILEIRA DE ESTUDO PSÍQUICOS, EM CUJO ESQUEMA SE MANTÉM ATÉ HOJE UM CURSO REGULAR DE ESPIRITISMO.

1ª Parte

(Para completar a última parte do Caderno doutrinário nº 2 – 1950)

Sumário:

a) Generalidade

Fontes de consulta a respeito da fenomenologia espírita;

b) Divisão dos fenômenos

Fenômenos de animismo e fenômenos espírita propriamente ditos.

Fontes básicas. Fontes de cultura.

c) Fenômenos espíritas

Sua divisão. As três fases da parte experimental do Espiritismo: observação, experimentação e dedução.

FENOMENOLOGIA

(Resumo do 2º de estudos de 1950)

I – GENERALIDADES. Entende-se por *fenomenologia* o estudo geral dos fenômenos. Quando dizemos *fenomenologia espírita*, é claro que nos referimos ao conjunto de fenômenos que constituem o objeto do Espiritismo. Então, a *fenomenologia espírita* vem a ser a parte do Espiritismo que trata dos fenômenos, isto é, a parte experimental do Espiritismo. Já se sabe que o Espiritismo tem três aspectos: o experimental ou o científico, que diz respeito aos fenômenos de além túmulo; o filosófico, que interpreta os fenômenos e lhes estuda as leis; o religioso, baseado nas conseqüências morais que decorrem dos outros aspectos. Vê-se, pois, que o Espiritismo é um conjunto, e seus aspectos se completam, não podendo ser, portanto, separados. Nenhum dos três aspectos, por si só, formaria o Espiritismo. Neste caso, como noção básica, convém logo fixar o seguinte: o Espiritismo é um conjunto, um todo, composto de três partes inseparáveis:

Fontes:

I – Fontes de consulta para este ponto:

Obras Póstumas, de Allan Kardec, parte final, capítulo intitulado “Constituição do Espiritismo”. Referência especial à palavra ESPIRITISMO: sub-capítulo X, do mesmo capítulo.

II – Fonte relativa à definição do Espiritismo: O que é o Espiritismo, de Allan Kardec (Prefácio).

III – Fonte Geral: Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, Introdução.

DIVISÃO DOS FENÔMENOS – Há dois grupos de fenômenos que interessam ao Espiritismo: os fenômenos anímicos, ou de animismo, e os fenômenos espíritas propriamente ditos. Os fenômenos de animismo não são os fenômenos de além túmulo, mas entram, não podem deixar de entrar na fenomenologia Espírita como um capítulo inicial.

Chamam-se anímicos porque se referem a alma (anima), isto é, são fenômenos produzidos pela própria alma do médium. Há, portanto, na fenomenologia espírita dois grupos de fenômenos:

I – fenômenos produzidos pelo próprio médium (Animismo).

II – fenômenos produzidos por espírito desencarnado através do médium (Espiritismo).

Há quem diga que os fenômenos de animismo se enquadram melhor na psicologia experimental. Realmente esses fenômenos poderiam levar grande contribuição à psicologia experimental se já houvesse menos preconceito na maioria dos centros de estudos científicos. É de esperar-se, todavia, que tanto os fenômenos anímicos como os próprios fenômenos Espíritas venham ainda, cedo ou tarde, despertar interesse nas Escolas e nos círculos acadêmicos. A Psicologia é, como se sabe, a Ciência da alma, pelo menos etimologicamente. O conceito de alma, porém, varia muito, segundo as doutrinas. Não podemos entrar neste assunto, porque, se o fizermos, teremos de sacrificar o espaço destinado a matéria de nossos estudos. Podemos dizer, porém, que os fenômenos de animismo, embora não sejam fenômenos do *outro mundo*, já provam no terreno experimental, que a alma é independente da matéria. Sem que se chegue, pois, à esfera dos fenômenos espíritas, já se encontram, no campo do animismo, elementos bem seguros para a demonstração de uma das teses fundamentais do Espiritismo: a independência da alma em relação ao corpo. Os fenômenos anímicos, como se vê, interessam tanto ao Espiritismo como à Psicologia. Aos estudos de nosso grupo só interessam, porém, os fenômenos anímicos em face do Espiritismo. Passemos, pois, a outro ponto, de acordo com o programa deste período.

Fontes para estudo geral dos fenômenos de animismo:

- a) Livro dos Espíritos de Allan Kardec, cap. intitulado “Da emancipação da alma”
- b) Livro dos Médiuns, de A. Kardec, cap. intitulado “Das manifestações visuais”, cap. “Da bicorporeidade e transfiguração”.
- c) A Gênese de Allan Kardec, cap. intitulado “Os fluídos”, sub-capítulo “Vista espiritual ou psíquica”.
- d) Obras Póstumas, de A. Kardec, cap. “Manifestação dos Espíritos”, n.º. 3 e seguintes; cap. “A segunda Vista”.

Outras fontes, para desenvolvimento da cultura sobre o assunto:

Animismo e Espiritismo, de Aksakof (obra considerada clássica nesta matéria, mais muito rara).

Animismo ou Espiritismo? de Ernesto Bozzano (obra indispensável aos estudiosos do assunto). As obras de Bozzano, aliás diversa, são muito conhecidas no Brasil. Naturalmente os que desejam fazer cultura procuraram ainda outras.

Indicamos apenas, como orientação didática, as fontes mais diretas para que os principiantes na doutrina possam encontrar ponto de partida.

Terminada esta ligeira exposição, com a necessária indicação das fontes básicas, que é, aliás, uma necessidade pedagógica em todos os estudos regulares, passemos a outro aspecto. Note-se ainda que Aksakof, em *animismo e Espiritismo* põe a divisão dos fenômenos mediúnicos em três categorias:

- 1ª fenômenos de *personismo* ou intramediúnicos, caracterizado pelo desdobramento da consciência;
- 2ª fenômenos de *animismo*, produzidos pelo espírito do próprio médium, sem a interferência, portanto, de espíritos desencarnados ou de além túmulo;
- 3ª fenômenos de *espiritismo*, produzidos por espírito desencarnado.

A divisão de Aksakof é minuciosa, mas na categoria de fenômenos anímicos podemos muito bem reunir as duas primeiras categorias. Como hipótese de trabalho, o fenômeno de *personismo* poderia até ser estudado como subdivisão do animismo. Para Aksakof, que foi um dos maiores experimentadores da fenomenologia mediúnica em todos os tempos, o fenômeno de *personismo* consiste no seguinte: certas pessoas, pelo desdobramento da consciência, adquirem, às vezes, personalidade estranha, apropriam-se do nome e do caráter de outra personalidade. Aksakof indica, como exemplo, a escrita inconsciente. O ser psíquico desdobra-se portanto, vai além da esfera pessoal. São intramediúnicos esses fenômenos, segundo Aksakof, porque eles se realizam nos “limites da esferas corpórea do médium”. De qualquer forma, o fenômeno de *personismo* é uma das modalidades de fenômenos de *animismo*, cuja a designação abrange todos os fenômenos oriundo do próprio médium. A classificação de Aksakof, todavia, é muito interessante, porque fixa um tipo de fenômenos que comporta estudos especiais. A maioria dos autores, porém, prefere a divisão geral dos fenômenos em dois grupos apenas: *animismo e espiritismo*.

Quem quer conhecer bem o Espiritismo não pode deixar de estudar os fenômenos de animismo.

Ernesto Bozzano, outro experimentador dos mais categorizados no assunto, chega a dizer que o *animismo explica o Espiritismo*. Vê-se, pois, que é de grande importância o estudo metódico do fenômenos anímicos em qualquer curso desta natureza. Por falta de conhecimento do assunto, muitas pessoas cometem

frequentemente o engano de atribuir a espíritos desencarnados certos fenômenos que têm origem no próprio médium, neste mundo, portanto, e não, como parece, no “outro mundo”.

Antes do encerramento desta parte, precisamos fazer algumas observações, que nos parecem indispensáveis. O fenômeno de animismo, embora não seja propriamente fenômeno espírita, porque não é produzido, como já foi dito, por espírito desencarnado, não é simulação, não é sugestão, como se diz constantemente. Não! É um fenômeno real, positivo, importante, com a diferença apenas de que forma uma categoria diferente da categoria de fenômenos do “outro mundo”.

Quando, por exemplo, se afirma que na sessão tal ou qual não houve manifestação de espíritos, logo se diz: “tudo ali era puro animismo”. Confunde-se, portanto, animismo com mistificação, com sugestão, etc.. Isto é um erro. Emprega-se correntemente a palavra *animismo* para significar mistificação ou sugestão, quando na realidade animismo é outra coisa. A palavra *animismo*, na linguagem comum, tem sido empregada até, no sentido pejorativo.

No sentido técnico, porém, a palavra tem emprego determinado. Os fenômenos anímicos ou de animismo tem a sua característica e o seu campo de ação. Dentro da terminologia técnica, a palavra *animismo* tem o seu lugar, a sua aceção definitiva.

Vamos concluir esta parte. Já por aqui, no terreno do animismo apenas, podemos encontrar elementos que contrariam fundamentalmente a tese materialista, uma vez que os fenômenos anímicos provam a independência entre a alma e o corpo, tanto assim, que aquela, por vezes, em estados especiais, se desprende daquele. Torna-se indispensável, a este respeito, o conhecimento das propriedades do perispírito (elemento fluídico, intermediário entre o corpo e a alma) para que se compreenda o mecanismo de certos fenômenos anímicos. Este assunto, porém, será objeto de estudos na ocasião em que estiver em foco a parte científica do Espiritismo.

Passemos, agora, a outro ponto de estudo.

III – FENÔMENOS ESPÍRITAS. A classificação dos fenômenos espíritas ou de além túmulo está no *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, livro básico da Doutrina Espírita, especialmente para quem quiser conhecer a parte experimental do Espiritismo. Allan Kardec dividiu os fenômenos espíritas em dois grupos: a) *manifestações físicas*; b) *manifestações inteligentes*. Convém deixar, desde logo, o seguinte princípio fundamental do Espiritismo: *todas as manifestações de espíritos, sejam de efeitos físicos, sejam intelectuais, revelam a existência, de um princípio inteligente*. O fato, portanto, de Allan Kardec haver dividido os fenômenos em dois grupos (físicos e inteligentes) não quer dizer que os fenômenos de efeitos físicos não sejam oriundos de uma inteligência. Os fenômenos de efeitos físicos, por mais grosseiras que sejam as suas características, dependem sempre da inteligência do espírito, porque toda a fenomenologia espírita está baseada neste princípio: **A TODO EFEITO INTELIGENTE CORRESPONDE UMA CAUSA INTELIGENTE**. Manifestações físicas são aquelas que produzem efeitos sensíveis e materiais (contatos físicos, pancadas, deslocamento e levitação de objetos, etc.) ao passo que as manifestações *inteligentes* são as que revelam coordenação do pensamento, não se realizam bruscamente como certas manifestações de efeito físico. No grupo das manifestações inteligentes se encontram as de natureza

puramente intelectual. Enquanto as manifestações físicas se reconhecem pelos efeitos materiais, as manifestações intelectuais são reconhecidas pelo conteúdo.

Há três fases na parte experimental do Espiritismo, tal como ocorre, de um modo geral, nas ciências experimentais ou de laboratório: *observação, experimentação e dedução*. Até certo ponto, como diz Allan Kardec (Gênese, cap. I nº. 14), “como meio de elaboração o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental”. É claro que o Espiritismo, neste terreno, se serve também do método indutivo, isto é, o método que parte dos efeitos para as causas, dos fatos particulares para as leis gerais, porque, como ensina ainda Kardec, “remontando dos efeitos às causas, chega a lei que os rege”. O método dedutivo é, ao contrário, o que parte do geral para o particular, da causa para o efeito. O Espiritismo tem a sua parte dedutiva no campo filosófico, mas o campo experimental emprega a indução, como as outras ciências. De certo ponto em diante, porém, o Espiritismo exige metodologia própria, porque os seus fenômenos são diferentes dos fenômenos peculiares às ciências humanas. No laboratório de química ou física, por exemplo o operador, desde que conheça as leis e tenha o material suficiente, sabe de antemão que vai produzir tal ou qual fenômeno, pode até *afirmar* por antecipação que vai obter o fenômeno.

Já no campo da fenomenologia espírita não se pode proceder assim. Ninguém, por mais conhecimento que tenha do Espiritismo, pode *garantir*, por antecipação, que vai obter um fenômeno, porque a produção do fenômeno espírita não depende da vontade do experimentador. Veja-se, pois, a diferença entre a Ciência espírita e a Ciência humana:

- a) na ciência humana (química, física, botânica, etc.), o homem de laboratório lida com material passivo, sem inteligência: nem a matéria prima nem o instrumento tem inteligência, porque inteligente é somente o experimentador;
- b) na ciência espírita a situação é outra: a matéria prima (espírito) é inteligente, tem vontade; o instrumento (médium) é também inteligente, tem vontade, tem reações, está sujeito a disposições ou indisposições imprevistas; o experimentador não *domina*, portanto, os elementos como o químico domina o seu material no laboratório.

Tudo isto, em poucas palavras, pode ser assim resumido: na ciência humana, o experimentador faz o que quer; na ciência espírita, o experimentador pode influir, pode provocar, mas não pode *forçar* a produção do fenômeno, porque o espírito é inteligente, pode querer ou não querer manifestar-se, como ainda esta sujeito à situação do médium e, muitas vezes, às condições do ambiente. Em suma, o fenômeno espírita não se opera com a mesma facilidade com que se opera outros fenômenos, uma vez que **NÃO DEPENDE DA VONTADE HUMANA**, embora esta, em determinados casos, possa ter influência, ainda assim mesmo, relativa. Diante de tudo isso, vamos fixar, aqui, mais um ponto de orientação: embora o Espiritismo, como ciência experimental, adote o método indutivo (do particular para o geral) que é o método universalmente adotado nas ciências positivas, não se pode subordinar o fenômeno do além túmulo ou fenômeno espírita, de um modo absoluto, às regras invariáveis das ciências humanas, porque o Espiritismo tem método próprio, de acordo com as circunstâncias. Se, na generalidade, o Espiritismo também emprega o método comum às outras ciências, em

suas particularidades exige método especial, justamente porque os seus fenômenos são diferentes, constituem, como se sabe, uma categoria especial, porque são fenômenos de origem e natureza diferentes. Voltemos às três fases da experimentação: *observação*, *experimentação propriamente dita* e, finalmente, *dedução*.

a) A *observação* é espontânea, natural, ao passo que a experimentação é provocada, preparada previamente. A *observação* a fase inicial, até certo ponto passiva, porque o observador se limita a observar sem a menor interferência nos trabalhos

b) Depois da observação, vem a *experimentação*, a fase científica, porque não é mais passiva nem empírica. Enquanto na *observação* o assistente ou estudioso espera naturalmente que o fenômeno se verifique, na experimentação já se provoca o fenômeno, tenta-se obter comunicação. O experimentador, já nesta fase, tem participação direta no fenômeno, colabora ativamente com o médium. De qualquer forma, porém, o fenômeno anímico ou espírita, mesmo *provocado*, não depende inteiramente da vontade pessoal. Este princípio é fundamental no Espiritismo. A experimentação é, portanto, a fase em que se começa a trabalhar com o suficiente conhecimento do assunto, com preparação prévia. Enquanto não há preparação nem conhecimento do assunto, o que se verifica é apenas empirismo, tentativa e não, propriamente, *experimentação* no sentido científico.

c) Dedução. O Espiritismo tem, como todo conhecimento científico, a sua parte dedutiva. Depois da experiência ou experimentação, vem a dedução. Que é deduzir? É tirar conclusões depois de se conhecer uma coisa, num fenômeno, etc. Apesar de ser a fenomenologia a parte prática ou experimental do Espiritismo, não pode deixar de ter consequência de ordem lógica. É a parte que toca, portanto, ao raciocínio. A dedução é uma operação puramente lógica, mas indispensável em todo conhecimento organizado. Tem-se o fato, o elemento conhecido, portanto, e desse fato deduzem-se consequências para completar o trabalho. A dedução é, finalmente, a última fase da experimentação científica. Suponhamos que, na sessão espírita do centro A, o espírito B se comunique, repetidas vezes pelo médium C, em diversas experiências, mas não se comunique pelo médium D. Faz a experiência, tomam-se precauções, repete-se o fenômeno. Diante de tantas repetições do mesmo fenômeno, fica provado que realmente o espírito B pode manifestar-se pelo médium C, mas não pode ou não quer manifestar-se pelo médium D. Qual a razão? Tem-se aí o elemento conhecido, o que está provado, isto é, o fato de B manifestar-se por C mas não se manifestar por D. Provado isto, teremos de deduzir alguma coisa. Qual a dedução a tirar daí? A de que o espírito de B tem afinidade com C mas não tem com D. É a parte dedutiva da experimentação científica.

Encerram-se aqui as considerações relativas aos fenômenos anímicos e espíritas. Com esta parte, de acordo com o programa, completamos a matéria doutrinária do 2º ciclo de estudos de 1950.

Doutrina

(1º ciclo de 1951: janeiro a março):

Fontes básicas: “ Livro dos Espíritos” “Gênese” “ Evangelho segundo o Espiritismo”.

I – NOÇÕES GERAIS: Quando dizemos “revelação espírita”, expressão muito usada entre nós, naturalmente não nos referimos a qualquer forma de revelação pessoal. Entenda-se desde já que o Espiritismo não teve e não tem profeta. É uma revelação, portanto, muito diferente de outras revelações.

(Leia-se indispensavelmente a “Gênese” de Allan Kardec, cap. I, pois aí se encontra a explicação do verdadeiro caráter da revelação espírita). A revelação espírita distingue-se das revelações até agora conhecidas, pelas seguintes particularidades:

- a) não é pessoal, porque não é obra de um homem;
- b) não teve profeta, como o Islamismo (Maome) por exemplo;
- c) não veio de um espírito ou de um grupo, porque é de origem espiritual, mas *coletiva*, visto como os seus ensinamentos foram dados por diversos espíritos.

Nossos adversários costumam dizer, por ignorância ou má fé, que Allan Kardec é o “profeta do Espiritismo”. Não! Não há profeta no Espiritismo. Allan Kardec sempre fez questão de frisar que a Doutrina Espírita não é pessoal. Não é doutrina de Allan Kardec, mas dos espíritos.

Ela não veio em caráter profético, mas por meio de instrumentos humanos, que são os *médiuns*. Kardec analisou as comunicações do além, levantou dúvidas formulou questões, fez comentários pessoais. A ação de Allan Kardec, isto sim, teve

caráter missionário, porque foi ele o homem capaz, moral e intelectualmente de organizar os ensinamentos dos espíritos, foi ele ainda o homem de envergadura moral e mental suficiente para tirar conseqüências filosóficas, morais e religiosas do fato espírita, quando outros investigadores e experimentadores não passaram do fenômeno, não saíram da parte estritamente experimental do Espiritismo. O *profeta*, porém, não; nem *patriarca*, como dizem outros, porque Allan Kardec nunca se intitulou fundador nem chefe de religião, tanto mais quanto o Espiritismo não comporta hierarquia nem dignidades eclesiásticas.

Ele é, porém, indiscutivelmente, o verdadeiro *codificador* da doutrina. Deve-se a Kardec a obra de interpretação filosófica, organização, Codificação dos ensinamentos dos espíritos. Deve-se ainda a Allan Kardec a criação da palavra *Espiritismo*, a feição própria que o Espiritismo tomou como corpo da doutrina, como conhecimento organizado. Há, porém, no corpo da doutrina, duas partes complementares, que não podem ser separadas: a *doutrina pura*, tal qual foi transmitida pelos espíritos (espíritos diferentes e médiuns diferentes, e não um espírito e um médium apenas) e a contribuição humana, isto é, a parte que é propriamente de Allan Kardec. A doutrina propriamente dita, com os seus princípios básicos, está no Livro dos Espíritos, mas os desdobramentos dos ensinamentos estão nas outras obras (Livro dos Médiuns, Evangelho segundo o Espiritismo, Gênese, Céu e o Inferno, Obras póstumas) sem as quais a doutrina ficaria incompleta.

No Livro dos Espíritos estão os princípios gerais, e permanentes, as leis, a Filosofia, finalmente. Isto constitui o alicerce, mas não se constrói um edifício somente com alicerce. A Codificação da Doutrina Espírita é, portanto, o conjunto das obras de Allan Kardec, todas elas inseparáveis, coordenadas, concordantes.

II – POSIÇÃO DO ESPIRITISMO NA ESCALA DOS CONHECIMENTOS

Desde o tempo de Aristóteles, na Grécia, que se procura organizar, dividir, sistematizar, finalmente, os conhecimentos humanos. A divisão dos assuntos é uma necessidade imposta pela própria evolução dos conhecimentos. Daí o desdobramento, a ramificação das ciências. De uma ciência, por exemplo, saem diversas ciências novas, aos poucos se tornam autônomas. Toda ciência tem os seus fenômenos. O Espiritismo tem uma categoria de fenômenos especiais, e tais fenômenos não pertencem à ordem geral dos fenômenos estudados pela ciência humana. Neste caso, qual o lugar do Espiritismo no quadro dos conhecimentos humanos? É o que vamos estudar, embora resumidamente.

De todas as classificações das ciências, a partir de Aristóteles, a mais ampla e mais aceita até hoje é a de Augusto Comte, o fundador do *positivismo*, na seguinte ordem:

Matemática;
Astronomia;
Física;
Química;

Biologia;
Sociologia;
Moral.

A Moral, ciência dos deveres, entrou depois do esquema de Comte. Nota-se aí que não há lugar para a Psicologia na classificação de Comte. Ora, a Psicologia é, pela sua própria etimologia, a *ciência da alma*. Acontece, porém, que o sistema de Augusto Comte não aceita a existência da alma, como princípio independente do corpo. Os fenômenos da *Psicologia* estão enquadrados na *Biologia*. Hoje, porém, a *Psicologia e a biologia* são ciências autônomas. A Psicologia já está dividida em dois grandes campos: Psicologia racional e Psicologia experimental.

O *Positivismo* não admite a alma na acepção espiritualista, isto é, como espírito imortal, que sobrevive a *morte* do corpo. Não. O *Positivismo* não é uma doutrina imortalista. É natural, portanto, que Augusto Comte, em sua classificação da ciências, não tenha incluído a Psicologia.

Assim, os fenômenos Psicológicos (fenômenos da alma) são equiparados aos fenômenos biológicos (fenômenos orgânicos), de acordo com o sistema de Comte. A Biologia, como ciência da vida ou dos seres vivos, ciência que explica todos os fenômenos da vida (nascimento, crescimento, morte) não explica os fenômenos da alma (reações, tendências, emoções, etc.).

Mais tarde, porém, surgiu a *Psicologia* como ciência da alma, independente da Biologia. Ainda assim, há problemas que escapam à esfera da Psicologia. Há fenômenos que ultrapassam o campo e os métodos da Psicologia: os fenômenos espíritas.

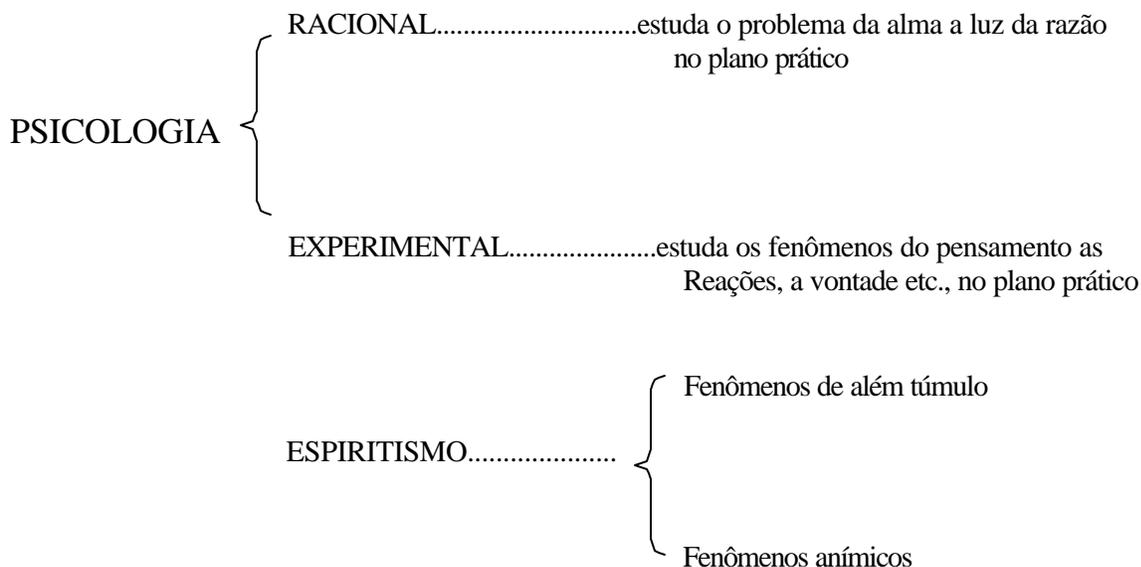
Fixemos, pois, desde logo, o conceito de alma, segundo o Espiritismo. A *Psicologia* estuda, por sua vez, os fenômenos da alma, mas é preciso notar que a Psicologia não estuda os chamados fenômenos transcendentais. Neste particular, a Psicologia não sai dos fenômenos comuns: reações, comportamento, volições, etc.. Assim como o Positivismo considerava o estudo da imortalidade da alma como pura Metafísica e, portanto, como assunto que não interessa à ciência positiva, a Psicologia também não entra em cogitações de ordem filosófica a respeito da alma. O problema da espiritualidade propriamente dito não faz parte do quadro da Psicologia acadêmica, por ser problema de filosofia ou de religião. Então, a Psicologia estuda os fenômenos normais, dentro dos limites da ciência humana. Não sobe, portanto, à chamada esfera Metafísica.

O Espiritismo estuda justamente os fenômenos da alma, mas aqueles fenômenos que constituem uma esfera mais alta, acima do campo da Psicologia. São os fenômenos de além túmulo, com as suas divisões e, ainda, os fenômenos de *animismo*, que, embora sejam produzidos pelo próprio médium, não fazem parte do conjunto de fenômenos comumente estudados pela Psicologia. Alma, para o Espiritismo, é o *espírito*, e espírito é o princípio inteligente, que anima o corpo, continua a viver depois da morte, tem consciência, individualidade e responsabilidade. De acordo, finalmente, com o seu conceito de alma, o Espiritismo tem por objeto uma ordem de fenômenos que comporta classificação especial na divisão de conhecimentos humanos. Não podemos dizer que a Psicologia negue a existência da alma. Há doutrinas psicológicas, como há psicólogos que negam a imortalidade da alma, porque partem da filosofia materialista. Pode-se estudar Psicologia com pontos de vistas muito diferentes: materialista,

católico, espírita, positivista, etc. Cada qual vê o problema da alma segundo suas tendência religiosas ou filosóficas. O espiritualista, seja católico, protestante ou espírita, por exemplo, pode estudar a Psicologia para provar a existência da alma e sua imortalidade, o materialista pode também estudar a Psicologia para chegar a conclusão oposta, isto é, a de que a alma não existe. Tudo depende da formação, da orientação filosófica ou religiosa de quem vai estudar as questões Psicológicas. O ponto de partida ou as premissas iniciais têm muita influência: se alguém parte da noção inicial de que a alma não existe, naturalmente vai concluir que todos os fenômenos psicológicos se explicam por meios materiais; quando, ao contrário, já se entra no estudo da Psicologia com a idéia formada de que a alma existe e sobrevive ao corpo, certamente as conclusões serão muito diferentes. Tudo isto, porém, é particular, questão apenas da posição de cada um de nós no campo da Psicologia. Entretanto a Psicologia em si, como Ciência, tem o seu campo determinado. Não lhe cabe, por isso mesmo, estudar questões que saem desse campo. Para resumir: a Psicologia estuda os fenômenos da alma em relação com o corpo e não a alma depois da *morte*. Isto quer dizer, portanto, que o campo da Psicologia esta circunscrito aos fenômenos habituais, comuns ou ordinários, dentro do conjunto das atividades psíquicas.

A discussão dos fenômenos de além túmulo, por exemplo, já não pertence mais ao campo da Psicologia acadêmica. É outra ordem de conhecimentos. Os fenômenos psíquicos procedem da alma, não há dúvida, mas foram grupos especiais, e por isso é natural que existam ciências próprias para cada grupo.

EXPLICAÇÃO



Já se vê, portanto, que o Espiritismo ultrapassa o campo da Psicologia, justamente porque estuda uma categoria de fenômenos cujo mecanismo não pode ser explicado pelo mesmo sistema porque se explicam os fenômenos psicológicos. O

Espiritismo tem, sim, relação com a psicologia, em esfera mais alta, porque os fenômenos da alma são muito complexos e têm, muitas vezes, aspectos imprevistos. Nosso objetivo com estas considerações gerais, é apenas separar os campos da Psicologia e do Espiritismo e, ao mesmo tempo, situar o Espiritismo no conjunto dos conhecimentos humanos.

Onde está, finalmente, o Espiritismo? Nas ciências naturais? Não, porque os fenômenos espíritas não pertencem à categoria dos fenômenos da Biologia ou qualquer outro ramo das ciências naturais. Nas ciências físicas? Também não, porque os fenômenos extra humanos ou espirituais não se identificam com os fenômenos físicos. Nas ciências sociais? Não, porque os fenômenos espíritas não se confundem com os fenômenos sociais, nem o Espiritismo se enquadra na Sociologia ou em qualquer outra ciência do grupo de ciências sociais, como a Economia, a Antropologia, etc. Como situar, então, o Espiritismo? Acima das limitações ou dos esquemas de conhecimentos comuns. Convém notar, porém, que o Espiritismo, embora não esteja nem possa estar enquadrado em qualquer grupo de ciências humanas, tem elementos para elucidar ou esclarecer muitos problemas pertencentes a diversas ciências. As conseqüências do Espiritismo, na ordem filosófica, moral e social, por exemplo, incidem forçosamente sobre questões de Psicologia, Religião, Sociologia, Direito, etc. etc. Veremos a seguir as relações do Espiritismo com as ciências que lhe são afins e, ainda, com certos ramos de conhecimentos mais amplos. Neste caso, somos forçados a concluir que o Espiritismo estuda fenômenos especiais, fora de todas as classificações humanas e, por isso, deve ser estudado dentro da outra ordem de conhecimentos especiais, porque os fenômenos espíritas escapam ao mecanismo dos laboratórios humanos, uma vez que são fenômenos oriundos da esfera extra humana.

RESUMO DESTA PARTE:

- a) O Espiritismo tem objeto próprio: o fenômeno de além túmulo.
- b) Justamente pelo fato de ter por objeto um tipo de fenômeno todo diferente dos fenômenos inerentes às ciências humanas, o Espiritismo não pode ser classificado entre as ciências humanas.
- c) Tendo, portanto, caráter diferentes das ciências humanas, o Espiritismo tem, também, método próprio, embora adote, até certo ponto, os métodos normais das ciências comuns, em seu aspecto geral.
- d) Embora não seja de origem humana, o Espiritismo forma um corpo de doutrina (Codificação de Allan Kardec), que tem relações com a maioria das ciências humanas sem, entretanto, ficar subordinado a qualquer uma delas.
- e) Como corpo da doutrina, cuja base é o fenômeno, ponto de partida para a afirmação da *imortalidade da alma*, o Espiritismo tem conseqüências de ordem científica, filosófica e religiosa.

f) Como decorrência disto, o Espiritismo tem influência direta nas relações humanas, em virtude das conseqüências morais que decorrem de sua doutrina.

g) Finalmente, a influência do Espiritismo se faz sentir nas relações humanas pela moralidade que imprime ao comportamento do homem na família, no grupo social, na vida profissional, etc.

III – RELAÇÕES ENTRE O ESPIRITISMO E OUTROS RAMOS DE CONHECIMENTOS.

a) RELAÇÕES DIRETAS

- I – Psicologia experimental
- II – Magnetismo
- III – Metapsíquica
- IV – Telepatia

b) RELAÇÕES INDIRETAS

- I – Psicologia racional
- II – Metafísica
- III – Sociologia
- IV – Antropologia, Criminologia, etc..

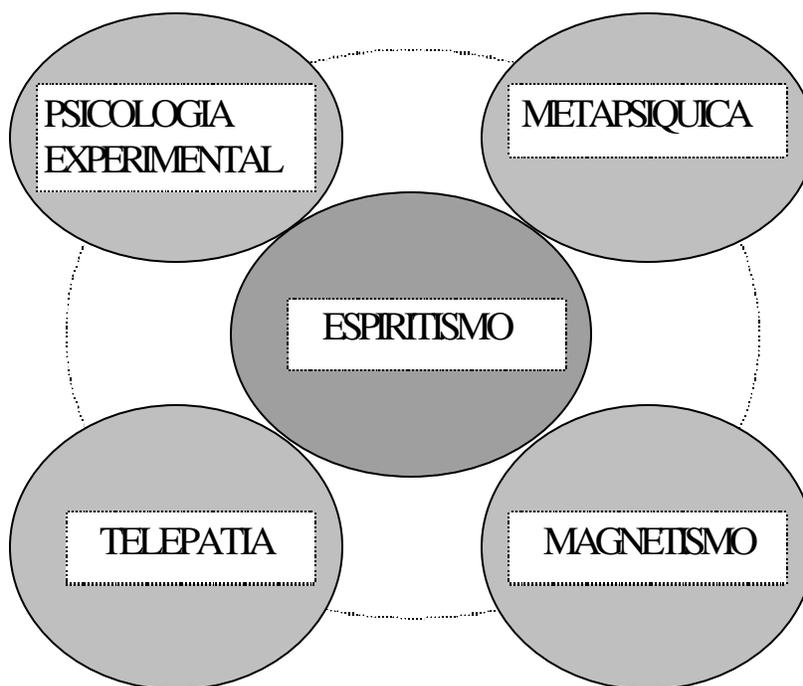
Relação do Espiritismo com ramos de conhecimentos. Veja-se inicialmente o que diz Allan Kardec:

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das Ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas (Gênese, cap. I n.º. 21)

Como se vê, as relações do Espiritismo com outras Ciências é uma decorrência da própria natureza do Espiritismo. Antes da exposição deste ponto, convém que fique esclarecido outro ponto, igualmente necessário. Quando dissemos, anteriormente, que o Espiritismo não se enquadra em nenhuma classificação das ciências humanas, porque os fenômenos espirituais ou de além túmulo tem natureza diferente, não pretendemos, em absoluto, dizer que tais fenômenos sejam *sobrenaturais*. Seria a negação do caráter da Doutrina Espírita. Pode parecer que aquela proposição esteja em desacordo com a doutrina, porque Allan Kardec afirma constantemente que os fenômenos espíritas são *naturais*, e que o Espiritismo “estuda um dos elementos constitutivos do Universo”. Se os fenômenos espíritas são *naturais*, porque fazem parte da natureza, como dizer que estes fenômenos não pertencem aos grupos da *ciências naturais*? Eis aí a questão. O vocábulo Natureza tem dois sentidos. O sentido comum é o de natureza física ou biológica; mas no sentido em que Allan Kardec o emprega,

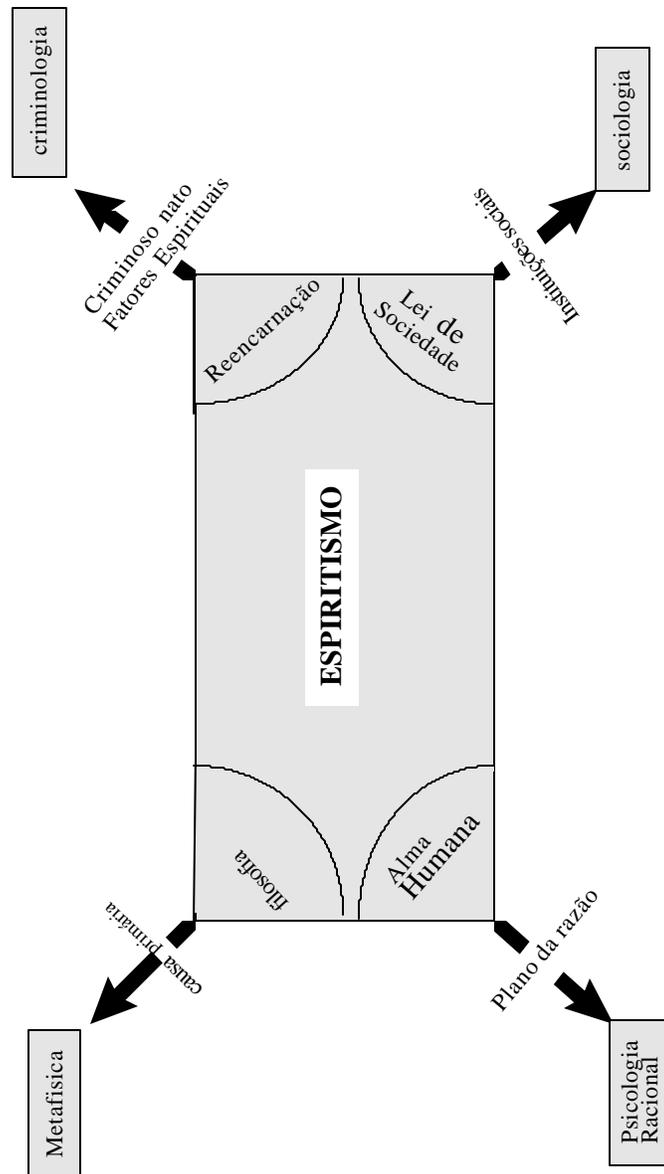
Natureza não é apenas o mundo físico ou o corpo humano. O conceito de Natureza, aqui, é universal. Os fenômenos espíritas estão, não há dúvida, na ordem natural, porque fazem parte da natureza, mas no sentido amplo e não, como se vê, no sentido estrito da natureza material. Não se entende por Natureza apenas o conjunto de terra, atmosfera, plantas animais, seres humanos. Os fenômenos do Espiritismo estão acima destes campos de estudos, isto é, acima da natureza física ou biológica e, por isso, não se subordinam aos fenômenos das “ciências naturais”. Esclarecido, assim, o conceito geral de Natureza, entremos, agora, nas relações do Espiritismo com outras ciências. Há entre o Espiritismo e outros ramos de conhecimento, dois tipos de relações: *diretas e indiretas*.

RELAÇÕES DIRETAS



Vê-se, assim, que, como já se disse anteriormente, de acordo com o pensamento de Allan Kardec (“Gênese”- cap. I) a Doutrina Espírita, por sua natureza, tem parentesco com diversos assuntos científicos.

II – RELAÇÕES INDIRETAS OU GERAIS



Examinemos, agora, depois do esquema anterior, os pontos de contato imediato do Espiritismo com o *Magnetismo*, a *Telepatia*, a *Metapsíquica* e, finalmente, com a *Psicologia experimental*.

RELAÇÕES DIRETAS

a) Com o *Magnetismo*, porque, além dos fenômenos magnéticos que, hoje, são estudados pela Física em capítulo especial, e o Magnetismo está na própria natureza (na terra, nos animais, no homem) existe, ainda, um tipo de fenômenos que depende da ação magnética : o sonambulismo artificial , isto é, o sonambulismo provocado pelo passe magnético e não o sonambulismo natural. O Magnetismo explica, portanto, fenômenos de clarividência, desdobramento, etc. Esses fenômenos provam, por sua vez, que a alma, no estado sonambúlico pode deixar o corpo, emancipar-se da matéria. Prova-se aí, pela ação magnética, uma tese básica do Espiritismo: a independência entre a alma e o corpo. O Espiritismo não pode deixar de ter relação com o Magnetismo. Entretanto é indispensável notar que Espiritismo não é Magnetismo. Nem todos os fenômenos da natureza espiritual podem ser explicados pelo Magnetismo. O Magnetismo, até certo ponto, é um auxiliar do Espiritismo. Não se pode dizer, porém, como se disse no século passado, que *todos os fenômenos Espíritos se explicam pelo Magnetismo*. Não! O campo do Magnetismo não vai além das possibilidades humanas. Os fenômenos do além túmulo já ultrapassam a esfera do Magnetismo humano. Não se pode deixar de reconhecer, porém, que o Espiritismo tem “parentesco muito próximo com o Magnetismo”, como disse Allan Kardec. O erro está em se pretender subordinar todos os fenômenos extra-humanos, todos os fenômenos de além túmulo ao Magnetismo. Nisto, evidentemente, há muito exagero. De qualquer forma, porém, não se pode estudar a parte científica do Espiritismo sem estudar, ao mesmo tempo, o Magnetismo.

Vejamos, agora, o que disse Allan Kardec sobre as relações do Espiritismo com o Magnetismo:

“O Magnetismo preparou o caminho para o Espiritismo, e os rápidos progressos desta última Doutrina (Espiritismo) são incontestavelmente devidos à vulgarização das idéias sobre a primeira (Magnetismo) . Fonte de consulta: Revista Espírita n.º. 1, vol. 3, março de 1858 (Tradução brasileira do Dr. Júlio Abreu Filho, de S. Paulo).

Pode-se, todavia, praticar o Magnetismo sem ser espírita. Há distinção entre o magnetizador e o médium. O magnetizador emite força própria, que pode aliviar dores, fazer curas, exercer até muita influência sobre outras pessoas; o médium, não, porque é um instrumento, um intermediário do espírito. O *passe* magnético é dado pelo próprio magnetizador, enquanto o *passe* espírita é dado pelo ESPÍRITO através do médium, embora haja combinação de fluidos do médium e do espírito. Finalmente, o Magnetismo é um campo de estudos que tem relação imediata com o Espiritismo, mas não se deve concluir, por isso, que Espiritismo e Magnetismo são a mesma coisa.

b) Relação com a *telepatia*. Que é telepatia? Para usar a definição comum, telepatia é transmissão de pensamento. Nos fenômenos de telepatia, muitas vezes, dá-se o intercâmbio de espíritos que ainda estão encarnados, mas podem comunicar-se pelo pensamento. Há ocasiões em que a pessoa, pela ação telepática (transmissão de

pensamento) pode transmitir idéias ou mensagens a outras pessoas distantes. Esse tipo de fenômenos, como os de sonambulismo, prova, até certo ponto, que a alma, (princípio espiritual da criatura humana) pode emancipar-se temporariamente do corpo ainda na condição de pessoa *viva*, como se costuma dizer. A telepatia tem, como estamos vendo, muita relação com o *magnetismo* dentro de quadro de fenômenos complexos, cujos estudos ainda comportam muita investigação e discussão. A telepatia e o *magnetismo* são departamentos especiais no campo da fenomenologia psíquica. O Espiritismo serve-se da *telepatia*, em determinados casos, para elucidar fenômenos psíquicos.

Não se pode dizer, porém, que todos os fenômenos espíritas ou de além túmulo se explicam pela telepatia. Outro exagero, outro erro. Nas manifestações espontâneas ou imprevistas, por exemplo, não há transmissão de pensamento, pois que as idéias das comunicações recebidas são absolutamente estranhas aos pensamentos do médium, do dirigentes dos trabalhos, da assistência. Onde está, neste caso, a transmissão do pensamento?... Os fenômenos de telepatia interessam ao Espiritismo, mas *telepatia* não é Espiritismo. Conclusão deste ponto: o Espiritismo tem relação direta com a *telepatia*, em determinados aspectos, mas o Espiritismo não se subordina à *telepatia* nem com ela se confunde.

c) Relação com a Metapsíquica. Não podemos dizer que a Metapsíquica seja uma denominação moderna do Espiritismo, porque existem Metapsíquistas que não aceitam o Espiritismo. O termo Metapsíquica, como se sabe, foi criado em 1905 pelo ilustre professor Charles Richet, autor do notável tratado de Metapsíquica (obra muito rara).

Há, porém, Metapsíquistas que, na realidade são espíritas, porque praticam o mediunismo sob a orientação do Espiritismo, aceitam a moral do Evangelho, segundo o Espiritismo, são reencarnacionistas. Ora, se aceitam os princípios básicos do Espiritismo (imortalidade da alma, comunicação dos espíritos, reencarnação) e se, por decorrência disto, não mais se prendem a culto material (ritual, paramento, ídolos, etc.), naturalmente são espíritas, embora prefiram dizer que são Metapsíquistas. Há metapsíquistas, porém, que, com o não aceitarem explicação espírita, chegam até a pender para o materialismo. Há metapsíquistas, finalmente, que se conservam em terreno neutro isto é, à margem do Espiritismo e confessam que não aceitam certas teses básicas da obra de Kardec. Não se podem dizer que são *espíritas*, embora aceitem o fenômeno de além túmulo, porque espírita não é apenas o que crê na manifestação dos espíritos ou pratica o mediunismo, mas o que aceita conscientemente os princípios fundamentais do Espiritismo e “conforma com esses princípios as suas atitudes na vida moral.” A *Metapsíquica* tem por objeto, finalmente, embora com outros nomes, o mesmo fenômeno que serve de base ao Espiritismo: o fenômeno de além túmulo. As interpretações, porém, variam muito entre o Espiritismo e algumas escolas metapsíquicas, conquanto o ponto de partida seja o mesmo: o fenômeno.

Já se vê, portanto, que o Espiritismo tem relações imediatas com a *Metapsíquica*.

RELAÇÃO COM A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

d) Evidentemente o Espiritismo tem relação inevitável com a psicologia experimental, embora o ponto de vista acadêmico ainda se recuse a aceitar a contribuição do Espiritismo na elucidação de certos fenômenos. A Psicologia, por exemplo, ainda não reconhece a existência do perispírito ou corpo fluídico, nem lhe estudou as propriedades. Entretanto, pelo conhecimento do perispírito, muitos fenômenos de desdobramento, visão à distancia, projeção de força fluídica, etc. seriam explicados com melhores elementos de convicção dentro do campo da psicologia experimental. Queremos apenas, com esta ligeira referência, lembrar que o Espiritismo tem incidência direta na psicologia experimental, no terreno dos fenômenos psíquicos.

Naturalmente quem estuda a parte científica do Espiritismo tem necessidade, é claro, de conhecer também a psicologia experimental pelo menos em linhas gerais. Vê-se, assim, que o estudo regular do Espiritismo leva forçosamente ao estudos de outros ramos de conhecimentos, como o *Magnetismo*, a *Telepatia*, a *Metapsíquica*, a *Psicologia Experimental*, por exemplo, visto como estes campos de estudos têm pontos de conexão com o Espiritismo.

Em qualquer uma destas searas de investigação o Espiritismo pode projetar muita luz.

RELAÇÕES DIRETAS

Depois do que foi dito sobre as relações diretas do Espiritismo com os ramos de conhecimento que lhe são mais próximos (*Magnetismo*, *Telepatia*, *Metapsíquica*, *Psicologia Experimental*) vamos examinar, agora, as relações *indiretas* do Espiritismo com as ciências que com ele tem pontos de contato. Preliminarmente devemos dizer o seguinte: O Espiritismo não é Sociologia, por exemplo, mas o Espiritismo, por decorrência de seus conceitos básicos, toca na Sociologia; Espiritismo não é Psicologia Racional, mas não pode deixar de tocar, também, no terreno da Psicologia racional. Em suma o Espiritismo entra em diversas ciências mas não perde a sua personalidade, isto é, não deixa de ser sempre o que ele é por si mesmo: *Espiritismo*. Não se deve dizer, por exemplo, que Espiritismo é Sociologia, apenas porque o Espiritismo tem pontos de relação com a Sociologia, assim como o Espiritismo não é exclusivamente *Metafísica*, embora tenha uma parte *Metafísica*. Devemos partir de um princípio: *na ordem universal não existe fenômeno absolutamente isolado*. Não há, portanto, conhecimento solto, à parte, inteiramente desprendido de qualquer ligação com o todo, o conjunto. Se assim é, não há ciência absolutamente fora da ordem geral de conhecimento. Isto significa o seguinte: as ciências estão relacionadas naturalmente umas com as outras, porque a verdade é uma só.

Se, entretanto, as coisas não tivessem nomes, se as ciências não tivessem características próprias, o conhecimento seria confuso, a inteligência humana viveria sempre no caos, ninguém saberia *distinguir* os fenômenos de cada ciência. Apesar de não haver ciência absolutamente *isolada*, sem qualquer ponto de relação com as outras ciências ou, pelo menos, com os grupos de ciência afins, existem balizas necessárias: cada ciência tem seu objeto, suas fronteiras, seus postulados, seu método particular, em muitos casos, conforme a natureza do fenômeno que lhe serve de objeto. Estamos dizendo tudo isto para fixar a seguinte noção geral: O Espiritismo, como vimos no quadro negro, tem relações com diversas ciências, por força de suas conseqüências

filosóficas, morais, sociais, etc. Mas não deixa de ser Espiritismo, não se confunde com as outras ciências. O Espiritismo tem relações, portanto, com a

Metafísica Antropologia	Psicologia racional Criminologia	Sociologia Fisiologia,
--	---	---

etc.

Tanto pode o espírito levar as suas luzes a qualquer uma dessas ciências, para esclarecer certos problemas, como pode, também, ir buscar elementos em qualquer uma delas para elucidar determinadas questões cuja compreensão exata dependa do auxílio das ciências humanas. De acordo com a figura que apresentamos no quadro negro, vamos fazer, agora, uma exposição muito sumária sobre as relações do Espiritismo e as ciências aqui citadas.

Espiritismo e Metafísica. Conquanto seja o fenômeno um elemento positivo, o Espiritismo tem uma parte Metafísica, isto é, uma parte que trata da existência de Deus, da causa primária de todas as coisas. Pode-se dizer, entretanto, que o Espiritismo não é apenas Metafísica, mas não se pode deixar de reconhecer que há no Espiritismo uma parte que pertence ao domínio da Metafísica. A existência de Deus não é um problema de demonstração positiva, mas de ordem Metafísica: Deus, a causa primária de todas as coisas. A Metafísica tem duas partes: a parte geral, que trata do Ser transcendente ou absoluto, e a parte que trata do mundo, isto é, da essência e não a forma do mundo. Neste último caso, a Metafísica toma o nome de *Cosmologia Racional*. Finalmente, Metafísica é a parte da filosofia que estuda as causas finais, a essência das coisas, a origem do Universo. Ora, como todos sabem, o Espiritismo, em sua parte filosófica, estuda a origem do mundo e da vida, a CAUSA universal sem deixar, todavia, de estudar também as causas próximas ou particulares. Estuda o fenômeno, por exemplo, em seus efeitos materiais ou em seus aspectos físicos, mas estuda, depois, a lei geral, o fim, a origem do espírito que deu causa ao fenômeno. Esta ordem de especulação já é campo ao fenômeno. Esta ordem de especulação já é campo da Metafísica e não mais ciência positiva. Logo, o Espiritismo tem relação com a Metafísica.

Espiritismo e Psicologia racional. A rigor, a Psicologia racional pertence ao domínio da Metafísica. Nem todos, porém, entendem assim. Neste estudo, tanto quanto possível resumido, o que nos interessa é apenas o ponto de relação que existe entre o Espiritismo e a Psicologia Racional. Convém lembrar que a Psicologia (ciência da alma) é dividida em duas grandes partes: *Psicologia Racional* e *Psicologia Experimental*. Já vimos, antes disto, que o Espiritismo tem relação com a Psicologia experimental, porque estuda fenômenos que são, também, objeto da Psicologia: sonambulismo, automatismo, etc. O Espiritismo tem, como todos sabem, elementos capazes de explicar muitos problemas da Psicologia Experimental. Convém, entretanto, repetir: Psicologia é Psicologia, Espiritismo é Espiritismo, e assim por diante.

Tratemos agora, das relações do Espiritismo com a Psicologia Racional. Enquanto a *Psicologia Experimental* estuda apenas o comportamento, os fatos em si, a *Psicologia Racional* estuda o problema da alma à luz da razão. Há escolas que, por isso mesmo, desprezam completamente a parte da razão, porque entendem que a Psicologia é exclusivamente ciência experimental; segundo este ponto de vista, a Psicologia Racional é filosofia, não é ciência. Seja como for, existe a Psicologia Racional, a que discute a existência da alma à luz da razão. O Espiritismo, em suas

consequências filosóficas (veja-se o Livro dos Espíritos) leva a discussão do problema da alma também ao campo da razão, embora a sua doutrina tenha base experimental. Ainda mais, no Livro dos Médiuns, Allan Kardec chega a dizer que, antes de se querer fazer alguém *espírita*, é mister tornar esse alguém espiritualista. É necessário – ensina Kardec – que se admita, antes de tudo, a existência da alma. É, como se vê, o ponto de partida lógico. Isto significa, portanto, apelar para a Psicologia Racional, isto é, admitir logicamente a existência da alma. Pois bem, o campo da Psicologia Racional, é precisamente este: a existência da alma na esfera da razão. O Espiritismo ocupa-se também deste aspecto do problema. É verdade que os fenômenos do além túmulo (materialização, psicografia, voz direta, levitação, etc.) já provam experimentalmente a existência da alma, segundo o Espiritismo. Como decorrência, o Espiritismo afirma, por isso, a existência e a imortalidade da alma com base nos fatos, nas provas experimentais. Entretanto convém notar que o Espiritismo não despreza a parte racional do problema. Isto quer dizer que o Espiritismo também discute o problema da alma sob o ponto de vista lógico, à luz da razão, finalmente. (Sobre este ponto, consultem-se as fontes iniciais: *Livro dos Espíritos Introdução*. (II e VI). Logo, o Espiritismo entra, também, na seara da Psicologia Racional.

RELAÇÃO COM A SOCIOLOGIA

Por força de suas consequências sociais, o Espiritismo tem relação, também, com a Sociologia. Quem encara o Espiritismo apenas pelo lado experimental, isto é, pelo fenômeno, ou quem não conhece a III parte do Livro dos Espíritos (“Leis Morais”) não pode compreender este ponto. Se dissermos, por exemplo, a um sociólogo ou mesmo a um estudante de Sociologia que o Espiritismo leva a suas consequências doutrinárias ao campo da Sociologia, naturalmente a afirmativa causará espanto, porque a idéia que muita gente faz do Espiritismo é bem limitada senão incompleta ou defeituosa. Poder-se-á logo perguntar: que relação tem a Sociologia com o Espiritismo e vice versa? Existe relação, sim, porque o Espiritismo, pelas suas consequências morais, concorre para aperfeiçoamento do indivíduo e dos grupos sociais. É grande a influência moralizadora do Espiritismo nas instituições sociais, a começar da família.

Além deste aspecto, a tese reencarnacionista explica muitos problemas que fazem parte das cogitações da Sociologia. As desigualdades sociais, por exemplo, encontram na reencarnação a explicação mais racional, mais ampla possível.

Ainda que não existisse esse aspecto, bastaria a coincidência de tanto a Sociologia como o Espiritismo se preocuparem com o aperfeiçoamento da sociedade humana. A Sociologia estuda o homem como parte da sociedade, pois o homem isolado não interessa à Sociologia: o Espiritismo estuda o homem separadamente, mas estuda também o homem na sociedade.

(“Lei de Sociedade” Livro dos Espíritos, parte III). A reencarnação tem grande influência nas relações sociais, assim como nos padrões de comportamento e no papel saliente de certos homens em determinados grupos, sejam primários, sejam elevados. Há problemas, no terreno da Sociologia, que seriam muito bem compreendidos, e com mais facilidade, à luz da reencarnação. Acontece, porém, que a doutrina reencarnacionista ainda não é aceita pelos sociólogos.

Quem lê, finalmente, na III parte do Livro dos Espíritos, a “Lei do trabalho”, “Lei da Sociedade”, “Lei da liberdade”, “Lei de destruição”, “Lei de conservação”, por exemplo, encontra inevitavelmente pontos de contato entre o Espiritismo e a Sociologia. O problema do determinismo, que muitos sociólogos ainda discutem para explicar a influência do fator econômico no comportamento do indivíduo ou dos grupos sociais, está bem interpretado, com profundo senso filosófico, na “Lei da Liberdade”, segundo a Doutrina Espírita. Assim, o problema do “Livre arbítrio”, que não é exclusivamente um problema filosófico, mas também, Sociológico. Não é pelo fenômeno de além túmulo que se verificam as relações do Espiritismo com a Sociologia, mas pela sequência lógica dos princípios básicos do Espiritismo na ordem social. Muita gente, como já dissemos, supõe que Espiritismo é apenas fenômeno, é “conversar com os mortos”... Se os estudiosos em geral conhecem o conteúdo moral e filosófico do Espiritismo, compreenderiam a conexão de certos postulados do Espiritismo, (parte doutrinária) com os postulados da Sociologia. Não podemos chegar, entretanto, à conclusão de que “Espiritismo é Sociologia”. Não. A Sociologia tem por objeto o fato social; o objeto do Espiritismo é o fenômeno espiritual ou de além, túmulo. Os métodos também são diferentes, embora adotem, no campo da generalidade, os métodos comuns a todas as ciências: *o indutivo* e *o dedutivo*. Há, porém, métodos particulares ou específicos, de acordo com a natureza de cada ciência.

Dá-se, porém, o seguinte: o Espiritismo, pelas suas consequências, pela sua organização doutrinária, pela esquematização filosófico-moral de seus princípios e postulados, toca forçosamente na Sociologia.

Dentro desta ordem de idéias, podemos encontrar, como encontramos, as relações do Espiritismo, também por decorrência de seus postulados e princípios, com a Antropologia, a Criminologia, o Direito Penal, etc.

A Antropologia, que vem de antropos (homem) estuda o homem sob o ponto de vista de sua constituição. Através dos aspectos somáticos (referem-se ao corpo) e das manifestações psíquicas, a Antropologia pode classificar os tipos humanos, segundo a forma, suas deformações, sua configuração craniana, etc. A reencarnação pode esclarecer muitos problemas de Antropologia, especialmente porque é pelas vidas sucessivas ou reencarnação do espírito que se pode admitir, logicamente a anormalidade de certos tipos humanos. A Sociologia e a Antropologia estudam o fato em si, os fatos como ele se apresentam, mas não entram na discussão das causas, porque este problema é de ordem filosófica. É claro que o antropólogo estuda um indivíduo de crânio anormal, um “monstro”, suponhamos, uma dessas aberrações da natureza, como se costuma dizer, mas não lhe compete procurar a explicação filosófica da anormalidade, isto é, a CAUSA transcendental, o porque de tal aberração. Será tudo isso mero capricho da natureza? Qual a razão de haver, entre um grupo de homens normais, um tipo monstruoso, de cabeça disforme? A Antropologia não entra neste ramo de indagações, porque é uma ciência positiva, interessa-lhe apenas o fato. Já o Espiritismo, sem desconhecer o valor da ciência antropológica, vai além do aspecto puramente somático do homem: procura a razão da anomalia na situação do espírito, através de existência anteriores. Faz-se necessário entrar até o terreno da fisiologia, no estudo das propriedades do perispírito, para que se compreenda a situação do espírito de um deformado em relação ao corpo. Existem deformações espantosas, assim como verdadeiras feras humanas. A questão, porém, vai mais longe: onde está a CAUSA da deformação física e das “taras” criminais: No corpo, no psiquismo, nas glândulas? Os

antropólogos da escola materialista afirmam que o indivíduo é deformado (crânio aberrante, membros desproporcionados, etc.) porque nasceu assim... Mas é o caso de perguntar: e porque nasceu assim? Como explicar esse capricho da natureza?... A Doutrina Espírita, com base no princípio reencarnacionista, interpreta os problemas da Antropologia à luz de outro critério. Não desconhece os problemas, interpreta-os em fase de um princípio: o das vidas sucessivas, à luz da justiça divina. A causa não está no corpo, mas no espírito. No corpo de um tipo lombrosiano, por exemplo, está um espírito, que reencarnou em condições adequadas à situação moral que lhe é compatível. Em consequências disto, o Espiritismo vai a outros campos de estudos como à Criminologia, o Direito penal, por exemplo. O criminoso nato, segundo a filosofia espírita, explica-se pela situação do espírito e não pelas anomalias do corpo. O que aparece no corpo é *efeito*, não é a *causa*. Já existe, até uma obra especializada sobre o Espiritismo e o Direito Penal. (O Prof. Fernando Ortiz tem um livro intitulado “A Filosofia Penal dos Espíritos”) O Livro foi publicado há muito tempo na Espanha e, há pouco, a Editora Vítor Hugo, da Argentina, publicou uma edição para a América Latina, muito bem preparada. O Dr. Ortiz, professor da Universidade de Cuba, é um criminalista muito conhecido. Não é espírita. Embora não seja espírita, sustenta, em seu livro, que a filosofia espírita é a única, até agora, em condições de explicar certos problemas de criminologia e Direito Penal. O problema do criminoso nato, que não é, até agora, ponto pacífico entre os criminalistas, pode ser elucidado com elementos tomados à tese da reencarnação. A LAKE, de S. Paulo, está preparando uma edição desta obra.

Nem a escola clássica, nem a Antropologia, nem a Sociologia, nenhuma delas, conquanto haja uma pouco de luz em cada uma, esclareceu definitivamente a questão. Qual a causa de criminalidade instintiva? Por que existe criminoso nato? Por que o indivíduo nasce com tendência para o crime? São problemas que, sob certos aspectos, reclamam o concurso da reencarnação. Daí o criminalista cubano, Prof. Ortiz, dizer que a filosofia espírita é de grande importância na Criminologia e no Direito Penal. Note-se que o Prof. Ortiz se apoia inteiramente em dois Livros básicos de Allan Kardec: “O Livro dos Espíritos” e A “Gênese”. O criminoso é apenas um produto social, como quer a escola sociológica? O meio social tem influência, mas a tendência *inata* vem de dentro, e não de fora, vem do espírito. A Doutrina Espírita pode, como se vê, esclarecer muitos pontos ainda obscuros na Criminologia. Não podemos desenvolver muito estes assuntos, porque o nosso programa é grande. Deixamos aqui apenas noções gerais, para que possamos ter idéias mais seguras sobre a extensão do Espiritismo, que é um corpo de doutrina muito sólido, complexo e profundo, tanto assim, que abrange questões atinentes a diversas ciências. Com esta parte, encerramos as dissertações sobre as relações *diretas* e *indiretas* do Espiritismo.

IV – NOÇÕES RELATIVAS À PARTE HISTÓRICA DO ESPIRITISMO

A história do Espiritismo comporta dois critérios: o que parte do *Fenômeno* e o que parte da *doutrina*. Parece-nos mais lógico tomar como ponto de partida a organização da doutrina, em 1857. É verdade que a doutrina surgiu como decorrência do fenômeno, mas o fenômeno sempre existiu. Se, por exemplo, quiséssemos começar a história do Espiritismo pelo fenômeno, poderíamos dizer que o Espiritismo começou com a existência do próprio homem, uma vez que a existência da mediunidade e a ocorrência de fenômenos, como se sabe, são fatos tão velhos como a existência do homem. Não havia, porém, doutrina. Se, portanto, o Espiritismo não é apenas fenômeno, mas o composto inseparável de fenômeno e doutrina, é natural que a história do Espiritismo tenha como marco inicial justamente o ano de 1857, quando se publicou o *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec. Antes da Codificação de Allan Kardec não havia a palavra ESPIRITISMO. Os fenômenos são, isto sim, elementos históricos indispensáveis, mas a história do Espiritismo não está exclusivamente nos fenômenos. Há, porém, no terreno dos fenômenos, um acontecimento de importância fundamental na História do Espiritismo: os fenômenos de Hydesville, nos Estados Unidos, no ano de 1848. Esses fenômenos foram o ponto de partida do movimento Espírita ¹

A história do fenômeno pode, pois, ser dividida em, três períodos, segundo os diversos autores:

I – História antiga, que tem as suas fontes na Bíblia e nas referências encontradas nos mais antigos livros religiosos.

II – História Moderna, que começa com os “raps” (ruídos) de Hydesville, nas proximidades de Rochester, E. Unidos (1848), onde as Irmãs Fox serviram inesperadamente de médiuns.

III – História Contemporânea, que compreende o período de Eusapia Paladino, as experiências de Lombroso até Bozzano e, daí, aos nossos dias.

Preferimos, porém, tomar como início o período em que aparece a Doutrina Espírita codificada. Os ingleses e norte americanos, porém, não aceitam esta orientação, porque entendem que a história do Espiritismo começa com o fenômeno. Além disso, os ingleses e norte americanos ainda não aceitam a reencarnação, a não ser em percentagem pequena, tanto assim que eles se dizem apenas espiritualistas e, não, *espíritas* ou *espiritistas*. Aqueles nossos irmãos adotam critérios diferentes em relação à história do Espiritismo. Há, porém, um ponto muito elucidativo: antes de Kardec havia fenômenos e médiuns, mas não havia um corpo de doutrina com o nome de Espiritismo. É lógico, portanto, que o dia 18 de abril de 1857, precisamente quando saiu, em França, a 1ª edição do *Livro dos Espíritos*, publicado por Allan Kardec, seja considerado um marco histórico da Doutrina Espírita.

HISTÓRIA

¹ Nota-se que os Norte Americanos não usam o termo Espiritismo. Para eles o movimento iniciado em 1848, em Hydesville, é o moderno espiritualismo. A escola inglesa adota a denominação geral *espiritualismo*.

FENÔMENO

Antes de Allan Kardec
–1848–

DOUTRINA

Depois de Kardec
– 1857–

HISTÓRIA

}	ANTIGA	Bíblia Literatura religiosa Swedenborg
	MODERNA	Hydesville – 1848 Livro dos Espíritos – 1857 Crookes (materialização) - 1873
	CONTEMPORÂNEA	Paladino (médium) Lombroso Bozzano

FONTES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Como obra clássica do assunto, podemos indicar o livro de Conan Doyle: “*O Espiritismo, sua história, suas doutrinas, seus fatos*”. Já existe edição em espanhol, publicada pela editora “Schapire”, da Argentina. Tem-se aí a história do Espiritismo, isto é, fenômeno. Nota-se, porém, que Conan Doyle não desenvolve muito o período de 1855 a 69, justamente em que aparece a figura de Kardec. É claro que o historiador cita Kardec, mas o faz apenas por exigência cronológica. Contudo a história de Conan Doyle é a fonte mais ampla, mais substancial da história do Espiritismo. Há outra história, igualmente interessante: *Origem do Espiritismo e sua doutrina, de Carlos Luiz Chiesa*, da Argentina, publicada pela Sociedade “Constância”, de Buenos Aires. A obra de Chiesa, porém, é baseada, em grande parte, em Conan Doyle. O trabalho de Chiesa, todavia, é muito importante. Diversos resumos históricos do Espiritismo são apoiados na fonte de Conan Doyle.

O escritor inglês Ernest Thompson escreveu também, uma história resumida, sob o título *História e Ciência do espiritismo* (“History and Science of Spiritualism”). A história de Thompson, antigo igreja, são diretor do jornal “Two Words” (Dois Mundos) da Inglaterra, é muito resumida, mais interessante sob o ponto de vista didático, pois reúne as lições dadas pelo Autor durante um curso para principiantes em determinada

Sociedade espiritualista inglesa. O Autor, porém faz referência muito ligeira a Kardec. Cita-o apenas em poucas palavras, o que, aliás, é compreensível, porque os espiritualistas ingleses, embora pratiquem o mediunismo e tenham boa literatura, não seguem a orientação de Kardec.

Finalmente, como fonte autorizada, é recomendável, se não indispensável a leitura da parte final de *Obras Postumas*, de Allan Kardec, em cujo material se encontram declarações do próprio codificador do Espiritismo, como ainda comunicações de grande importância na história do movimento espírita. Em *Obras Póstumas* temos, portanto, uma fonte histórica absolutamente indispensável.

Nota final. Já estava terminado o presente estudo, quando a Editorial Vitor Hugo, da Republica Argentina, lançou, em excelente edição, a *Biografia de Allan Kardec*, escrita por Henri Sausse. Tem-se aí valiosa fonte histórica do Espiritismo. Como obra geral, que não é espírita, podemos citar “O Espiritualismo experimental, de C. Vesme, França.

V – ESTUDOS COMPLEMENTARES

Noções Sumárias de Histórias das Religiões

O programa anual do Centro Espirita “18 de Abril “ prevê uma série de palestras sobre história das religiões. Não se trata – é fácil compreender – de um curso de história das religiões, assunto vastíssimo, cujo desenvolvimento exigiria meses de estudos; apenas, como elemento de orientação, para facilitar a compreensão dos pontos de relação do Espiritismo com as idéias religiosas, apresentamos esquemas das noções iniciais ou indispensáveis.

Conceito de religião – Para nós, espíritas a palavra *religião*, de acordo com a sua etimologia, significa religar, isto é, fazer o homem voltar a Deus. É este, portanto, segundo Allan Kardec, o fim da religião: religar a criatura ao Criador. Parece-nos, pois, desnecessário, nestes estudos, alinhar as numerosas definições de religião, uma vez que o nosso conceito de religião, à luz da doutrina espírita, é muito diferente do conceito comum ou vulgar. Além de tudo, religião é sentimento, é assunto de consciência. São muitas e variadas, como se sabe, as definições. O assunto foge ao objetivo de nosso programa, sujeito às limitações de três palestras apenas.

Todos já sabem que o Espiritismo – quem o diz é Allan Kardec – é uma “doutrina de consequências religiosas”. Mas daí não se conclui que o espiritismo tenha ou deva ter organização religiosa: ritual, sacerdotes, cânones sagrados, etc... consequência religiosa, sim, porque o espírita não pode ser ateu. Nossa maneira de entender a palavra religião é muito diferente, portanto, da maneira porque tal palavra é entendida na opinião geral. Quando se diz religião, logo ocorre a idéia de seita, culto externo (paramenta, pastor ou sacerdote, etc.). Ao passo que, sob o ponto de vista espírita, religião é a aceitação consciente da existência de Deus, adesão do espírito à crença no poder supremo de Deus e de sua justiça. Cremos, finalmente, que é desnecessário, na introdução desta série de estudos citar ou comentar as muitas definições de religião. Temos, como já foi dito, concepção própria de religião. Passemos a outro ponto.

Religião e culto – Quando iniciamos o estudo geral da religião, devemos considerar logo dois elementos: a idéia religiosa e o culto. Daí dizer-se, com apoio nas autoridades em, matéria religiosa, que a religião tem dois aspectos: *subjetivo e objetivo*. O aspecto subjetivo é a idéia religiosa, a crença na existência de um poder acima do homem. Há indivíduos que, embora não estejam filiados a qualquer religiosos, uma vez que admitem a existência de Deus, cultivam a idéia religiosa. Temos aí a religião considerada sob o ponto de vista subjetivo. O aspecto objetivo da religião está no culto. Que quer dizer culto? Culto é o ato de adorar, de render homenagem ou manifestar obediência a Deus, tenha o nome de Alah, Jeová, etc. O culto pode ser interno e externo. Quando, por exemplo, nós nos recolhemos espiritualmente, fazemos a nossa prece, estamos praticando o culto a Deus. Mas esse culto é todo íntimo, todo natural, porque não tem ritual, fórmulas, etc. Eis aí o culto interno. Toda religião tem, entretanto, o seu culto externo: liturgia, objetos matérias, etc. Há religiões que não tem altares, imagens, etc., mas não deixam de ter culto externo, porque adotam formas especiais de oração, tem hinos, gestos, etc. O que regula o culto externo é o *rito* ou conjunto de práticas e regras de culto. De rito vem a palavra *ritual*, que quer dizer sistema de cerimônias ou práticas inerentes aos diversos atos religiosos. Entendida esta parte, passemos a algumas noções gerais.

Teorias mais conhecidas – A História das Religiões é do século XVIII. Apesar das crônicas esparsas, das referências em obras muito antigas, a História das Religiões, isto é, História sistematizada, não é tão velha, como se vê. Existem diversas teorias a respeito da origem das religiões. Justamente por isto, os autores clássico de História das Religiões divergem muito neste ponto. Eis aqui algumas das teorias mais discutidas:

a) – MITOLOGIA DA NATUREZA

Os partidários desta teoria admitem que a religião nasceu da mitologia da natureza, do respeito do homem primitivo para com os fenômenos da natureza.

b) – FETICHISMO

Os adeptos da teoria fetichista (adoração de objetos sagrados) entendem que a primeira manifestação de religião foi o fetichismo.

c) – ANIMISMO

Os defensores da teoria animista (Taylor, no séc. XIX) afirmam que a religião não começou, pela mitologia nem pela adoração de objetos (fetichismo) mas pelo culto da alma. É a chamada teoria animista, que admitia objetos *animados*.

d) – MITOLOGIA ASTRAL

Esta teoria, que discorda de todas as outras, desenvolveu-se no século passado. Seus adeptos entendem que a religião começou pela mitologia astral, isto é, pela adoração dos astros, considerados entidades sagradas pelo homem primitivo.

e) – MAGIA

Há também, na História da Religiões, os que acham que foi a magia o ponto de partida, a origem da religião. Na opinião de Fraser, que estudou muito a *magia* em todas as suas

formas, assim como o *totemismo* (culto de objetos e animais sagrados) a religião é anterior à magia e ao totemismo. Frazer criou a teoria preanimista.

f) – MANISMO

Esta teoria diz que a religião nasceu do culto dos antepassados, desde o momento em que o homem começou a prestar homenagem ou reverência aos seus mortos queridos. Daí a palavra manismo para designar a teoria do culto dos antepassados.

Existem ainda outras teorias. Como estamos vendo, não se chegou, ainda, a uma conclusão definitiva sobre a origem da religião. Quando e como nasceu a religião? Qual foi a primeira manifestação religiosa? O animismo, o fetichismo, a magia?... Cada teoria tem, a este respeito, o seu ponto de vista. Os autores estão muito divididos sobre este ponto inicial da História das Religiões.

Religiões reveladas – Quando à origem, as religiões estão divididas em dois grandes grupos: *naturais e reveladas*. Religiões naturais são aquelas que, não tendo tido profetas, foram buscar os seus motivos nos fenômenos da Natureza. gregos, assírios, etc., tiveram religiões naturais, porque rendem culto a símbolos e força da natureza. Religiões reveladas são as que se originam de revelação, por intermédio de um profeta ou enviado.

Monoteísmo e Politeísmo – Quanto à teologia, as religiões dividem-se em politeísta (muitos deuses), notando-se que o politeísmo caminhou naturalmente para o monoteísmo. O Judaísmo é um tronco monoteísta.

Do Judaísmo, saiu o Cristianismo, como do Cristianismo saíram o Catolicismo e o Protestantismo. Como se vê as religiões dividiram-se, ramificaram-se muito. Até mesmo as religiões monoteísta, a começar do Judaísmo, não se mantiveram coesas.

Foi muito prudente Allan Kardec ao desprezar as divisões religiosas e extrair do Evangelho, como base de nosso procedimento, apenas a essência, a parte moral dos ensinamentos de Jesus, deixando à margem as disputas e controvérsias religiosas. Para terminar, vamos apresentar, no quadro negro, um esquema das divisões religiosas.

Judaísmo { Samaritanos
 { Ortodoxos

Cristianismo: {
Catolicismo
Protestantismo

Catolicismo: {
Ortodoxo (não reconhece o Papa) - (Igreja Grega)
Romano (Tem o Papa como chefe supremo)
Anglicano (Religião da Inglaterra. O Rei é o chefe Espiritual).

Protestantismo {
Batistas
Presbiterianos
Metodistas, etc.

Já dissemos que o Islamismo, cujo livro sagrado é o *Corão* ou *Koram*, é também monoteísta.

Além das muitas seitas que se formaram dentro do Cristianismo, existe a dos *pentecostais* e dos *sabatistas* ou “adventistas do 7º dia”. Por aí já podemos ter uma noção das divisões, da fragmentação do rebanho religioso. Quis Allan Kardec, muito bem inspirado evitar que o Espiritismo tomasse o caminho de uma seita e concorresse para aumentar a confusão religiosa. Justamente por isso, Kardec aproveitou a parte neutra, indiscutível e definitiva do Evangelho: a moral. O Espiritismo preocupou-se com a parte moral do Evangelho.

O estudo anterior circunscreveu-se às principais divisões religiosas: politeísmo, monoteísmo, religiões naturais, religiões reveladas.

Vamos apresentar um esquema dos mais conhecidos livros sagrados das religiões.

Livros sagrados – toda religião revelada tem os seus livros sagrados (Já vimos, anteriormente, a diferença entre religião natural e religião revelada). Os gregos, que não tinham religião revelada, mas a religião natural, o politeísmo inspirado em fenômenos da natureza, não possuíam o que se possa chamar conjunto de livro sagrados.

Nota-se nos livros sagrados orientais, na opinião de muitos autores, a união da filosofia com a religião. Não se distingue bem, nesses livros sagrados, o místico do filósofo. As idéias filosóficas vieram do Oriente, muito ligadas às idéias religiosas. Entre os chineses, há diferença nas tendências de Confúcio e Lao Tse. Este último é mais filósofo enquanto Confúcio é moralista. A filosofia de Confúcio teve por base o aperfeiçoamento do homem, o domínio das paixões; Lao Tse preferiu a indagação, a filosofia. Nos livros sagrados dos hindus, notadamente os de Buda, a religião não se distingue da filosofia.

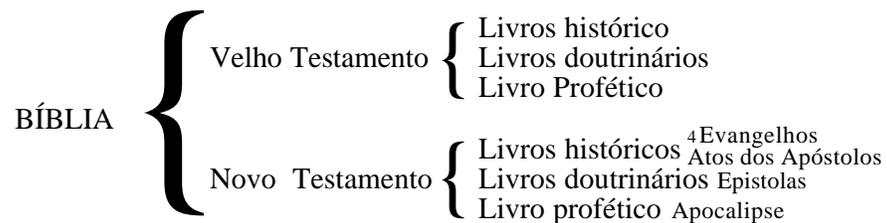
A doutrina religiosa dos persas está em Zoroastro ou Zaratrusta.

A VESTA é a bíblia dos persas

Passemos, porém, a outro ponto, porque não há espaço para comentários ou exposição desenvolvida.

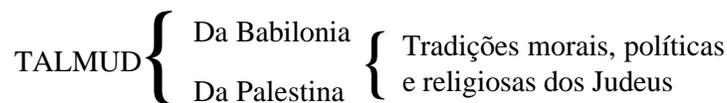
Já vimos, no estudo anterior, que o livro sagrado dos maometanos ou islamistas é o *Corão ou Koram*. Esta religião, fundada por Maome, seu profeta, é imortalista como o Judaísmo, adota a circuncisão e muitos hábitos e tradições dos judeus, mas apresenta muitos pontos diferentes do tronco judaico. O *Corão*, pois, é a bíblia do Islamismo. Há muitos outros livros sagrados. Devemos, porém, resumir o assunto. A fonte do judaísmo é a bíblia, isto é, o Antigo Testamento. A Bíblia quer dizer os livros por excelência”. Justamente por isso é que se pretende definir a Bíblia simplesmente desta maneira: *O Livro dos livros*”. Mas o que se entende na realidade por Bíblia é um conjunto de livros.

DIVISÃO DA BÍBLIA

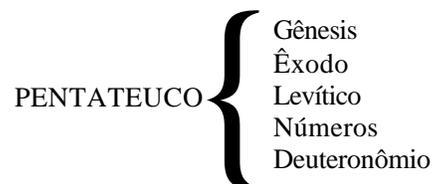


LIVROS SAGRADOS DOS JUDEUS

KABBALA: – parte esotérica, mistérios



FONTE HISTÓRICA DO JUDAISMO



Pentateuco, também chamado TORAH, a lei, é o conjunto dos primeiros cinco livros da Bíblia. São livros históricos. Já vimos anteriormente que uma corrente judaica se bateu para que o *Judaísmo* ficasse apenas no Pentateuco, que é a sua fonte, desprezando o resto da Bíblia; outra corrente quis que se adotasse o *Talmud* (Livro das

tradições judaicas integralmente, sem alteração). Como se vê, apesar de serem muito rigorosos, os judeus tiveram também suas divergências.

CRISTIANISMO – Do Judaísmo, como se sabe, saiu o Cristianismo. A fonte histórica do Cristianismo é o Novo Testamento. São 27 os livros do Novo Testamento. A parte descritiva está nos 4 Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos. As Epístolas desenvolve a doutrina. Mas o que nos interessa é a essência do ensino de Jesus. Evangelho significa “boa nova”, a mensagem trazida por Jesus. Por força de necessidade cronológica, emprega-se a palavra *Evangelho* no plural, e por isso lemos: “Os Quatro Evangelhos “, segundo Mateus, Marcos, Lucas, João. Mas o Evangelho, em si, não tem plural. Não há mais de um Evangelho de Jesus; há sim, O Evangelho, isto é, a mensagem, a boa nova. Mas o Evangelho foi apresentado por quatro pessoas, em lugares e épocas diferentes. Forçosamente em virtude desta circunstância, dizemos o Evangelho *segundo* Mateus, *segundo* Lucas, etc., isto é, o mesmo Evangelho, de acordo com a narrativa de Mateus, Lucas, etc.

Conclusão – Quando Allan Kardec codificou a Doutrina Espírita, extraiu do Evangelho apenas a parte fundamental e neutra: a moral. Leia-se a *Introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Resta, agora, tirar a conclusão que interessa ao ponto de vista espírita: cada religião acha que os seus livros sagrados são a única expressão da verdade; o Espiritismo, colocando-se acima de todas as pretensões religiosas, afirma que a Verdade é universal, e não pode estar contida exclusivamente nesta ou naquela doutrina. Há no Judaísmo, como no Islamismo, etc. ensinamentos inalteráveis, como a imortalidade da alma. Cada religião tem um pouco de verdade, mas nenhuma é detentora da verdade integral. O Espiritismo toma por base de sua moral o Evangelho. A verdade é recebida gradativamente à proporção que o espírito se ilumina pela virtude, pelo conhecimento, pelo trabalho. Eis porque, de tudo isto, o Espiritismo prefere apoiar-se na parte essencial do Evangelho.

FIM

Encerra-se aqui mais um período de estudos doutrinários do Centro Espirita “18 DE ABRIL”. Todos os nossos estudos, seja qual for o aspecto pelo qual encaremos o Espiritismo Científico, filosófico ou religioso, tem por fim a atenção do homem para o problema da imortalidade da alma e da existência de Deus. Sejam quais forem os métodos e argumentos que empreguemos, teremos de chegar naturalmente, inevitavelmente a esta.

CONCLUSÃO

O ESPIRITISMO DEVE SER ESTUDADO, COMPREENDIDO E PRATICADO COM O SUPERIOR OBJETIVO DE REALIZAR A REFORMA MORAL DO HOMEM.

CONCEITO BÁSICO DE ALLAN KARDEC

“ O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura”. Allan Kardec – “Obras Póstumas.

Não se pode conhecer bem o Espiritismo sem estudar a codificação de Allan Kardec.

NOTAS FINAIS

A última 5ª feira de cada mês é destinada ao estudo exclusivo d' O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Encarregando-se desse estudo o Vice-Presidente do Centro Dr. J.C. Moreira Guimarães.

Em obediência ao programa do Centro, fazem-se dissertações sobre o “ Sermão da Montanha “, durante o mês de dezembro como coroamento das atividades do ano.

Colaboram conosco, até agora, nos estudos finais sobre o “Sermão da Montanha”, entre outros, os seguintes Confrades: Dr. Henrique Andrade, Cel. Delfino Ferreira, João Scizinho de Araujo, Antônio Luiz Parreiras, João Ribeiro Coelho, prof. Teodorico Castelo.

Nos meses de abril e outubro, ainda em obediência ao programa do Centro, realizam-se estudos especiais, porque nesses dois meses se comemoram duas grandes datas espíritas: O nascimento de Allan Kardec (3 de outubro) e a publicação do Livro dos Espíritos (18 de abril). Há, porém, em substituição aos estudos didáticos habituais,

conferências e dissertações sobre Allan Kardec, em outubro, e sobre o Livros dos Espíritos, em abril. Temos tido, nessas conferências a colaboração dos seguintes confrades, além de outros: João Carlos de Assis, prof. Teodorico Castelo, prof. Edson Abreu, Dr. Lauro Sales, Coronel Alfredo Molinaro, Sra. Idalinda Matos, Jornalista Enéas Dourado, João Scizinho de Araujo, Flávio de Souza Pereira. Colaborou também nesses estudos o nosso companheiro Eduardo Barreiros, já desencarnado.

O Centro Espírita “18 de Abril é filiado à Liga Espírita do Distrito Federal

Programa do Centro “ 18 de Abril”

Art. 1º O Centro Espírita 18 de Abril. Assim denominado em homenagem a data em que foi publicado a 1ª edição d’ O Livro dos Espíritos, é uma sociedade civil, com sede e foro no Distrito Federal, para estudar o Espiritismo, de acordo com a codificação de Allan Kardec. (Do Estatuto)

DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “ 18 de Abril” Para 1952 - 1955

Presidente: Deolindo Amorim

Vice-presidente: J. C. Moreira Guimarães

1º Secretário: Flávio de Sousa Pereira

2º Secretário: Enéas Dourado

1º Tesoureiro: João Scizinho de Araujo

2º Tesoureiro: Manuel Ladislau dos Santos

Bibliotecário: Sr. Ernestina de Andrade

Comissão de Contas

Antônio Luiz Parreiras
Dr. Lauro Sales

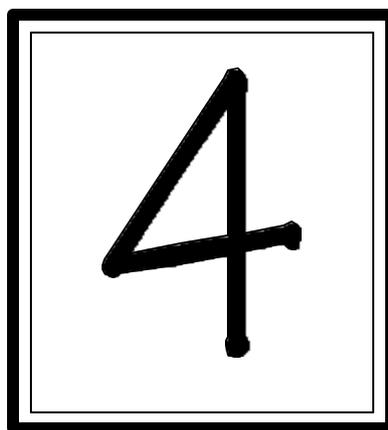
Prof. Teodorico Castelo

A **LIGA ESPÍRITA DO BRASIL** tem 6 escolas gratuitas para crianças, sem distinção de crenças religiosa, cor ou nacionalidade.

Ajudai a obra escolar da Liga Espírita do Brasil, inscrevendo-vos como sócio daquela instituição

CADERNO DOUTRINÁRIO

EXPOSIÇÕES DIDÁTICAS



Divulgação do Espiritismo

ORGANIZADO E DISTRIBUÍDO
PELO
CENTRO ESPÍRITA “ 18 DE ABRIL “
RIO DE JANEIRO
BRASIL

ALLAN KARDEC

Leon Hipolite Denizart Rivail (Allan Kardec) nasceu em Lyon, França, a 3 de outubro de 1804 e desencarnou em Paris, no dia 31 de março de 1869. Seu túmulo, no cemitério de Père Lachaise, em Paris, é visitado anualmente pelos espíritas. Casou-se com a professora Amélie Gabriele Boudet, mais velha do que ele, no ano de 1832. Sua esposa desencarnou mais tarde. Allan Kardec passou a adotar este pseudônimo (antigo sacerdote druida) após haver iniciado os seus estudos de Espiritismo. Toda a sua vida foi consagrada ao estudo e a educação. Foi ele o criador da palavra **ESPIRITISMO** e foi a ele, indiscutivelmente, que coube a glória de codificar a doutrina espírita. De 1854 em diante, já sob o pseudônimo de Allan Kardec, entregou-se inteiramente ao estudo da filosofia espírita, tendo deixado, além da **REVUE SPIRITE** (1º de janeiro de 1858) as obras que constituem o corpo da doutrina. Fundou, a 1º de abril 1858, a **SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS**, cujo estatuto, ainda hoje, deve servir de modelo para qualquer sociedade espírita bem orientada. Pertenceu à Academia de Arras e publicou diversas obras didáticas. Tendo sido aluno de Pestalozzi, e dos mais distintos, na Suíça, introduziu em França os métodos daquele grande educador. Em 18 de abril de 1857 publicou **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, a 1ª obra básica da doutrina espírita. Seguiram-se, até 1868, as outras obras. Seus discípulos publicaram, em **Obras Póstumas**, os manuscritos por ele deixado, e nos quais discutiu muitos problemas concernentes a organização do Espiritismo para o futuro. Toda a filosofia espírita está sintetizada neste princípio de Kardec:



NASCER, MORRER, RENASCER, PROGREDIR SEMPRE, TAL É A LEI.

Conceito fundamenta de Allan Kardec:

“CONHECE-SE O VERDADEIRO ESPÍRITA PELA SUA TRANSFORMAÇÃO MORAL”

INTRODUÇÃO

Com a publicação do presente Caderno, que já é o 4º, conseguimos por em dia uma das tarefas do Centro Espírita “18 de ABRIL”, isto é, a divulgação de seus estudos doutrinários através de folhetos, nos quais se condensam, tanto quanto possível, as exposições feitas semanalmente, em forma didática. Diversos motivos, inclusive ocupações pessoais do coordenador deste trabalho, concorreram para que se atrasasse muito a publicação do 4º Caderno. Tudo fez, entretanto, e continuará a fazer a Diretoria do Centro para que, com a cooperação de confrades e amigos, cooperação que, aliás, nunca nos faltou, os nossos não deixem de ser publicados, ainda que haja atraso. Esperamos, todavia regularizar a publicação, daqui por diante, ou pelo menos evitar que seja muito longo o intervalo da saída de um Caderno, para outro. Como sempre, os nossos Cadernos doutrinários são distribuídos gratuitamente.

Cumpre-nos esclarecer que, além dos estudos regulares, previstos nos programas anuais, houve diversas palestras especiais, a propósito de comemorações do aniversário do Livro dos Espíritos (18 de abril) e do aniversário de Allan Kardec (3 de outubro), de acordo com o estatuto, e ainda outras palestras doutrinárias de caráter extraordinário, como complemento do programa geral. Colaboraram conosco, através de proveitosas palestras, em diversas oportunidades, além de outros, os seguintes confrades aos quais confessamos muito agradecidos: Flávio de Sousa Pereira, João Scizínio de Araujo, Prof. Edson Abreu, Prof. Teodorico Castelo. Jornalista Enéas Dourado, Dr. Lauro Sales, Coronel Alfredo Molinaro. Dr. Américo Luz, Prof. Newton de Barros, Josué Gonçalves e Dr. J. A. Miranda Ludolf.

Apesar de suas deficiências, o nosso Caderno doutrinário demonstra pelo menos a boa vontade do Centro Espírita “18 de Abril” em fazer alguma coisa pela divulgação do Espiritismo, visto como este Centro se fundou para estudar e difundir a Codificação de Allan Kardec. Que esta publicação possa servir de roteiro para os que se iniciam no estudo da luminosa doutrina espírita é o que deseja, com maior sinceridade, a DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “18 DE ABRIL”

Rio de Janeiro, dezembro de 1956.

I PARTE

- I Didática e Doutrina – II Mentalidade espírita
III Conhecimento empírico e conhecimento metódico
IV Etapas do conhecimento - V Atualidade da Codificação de Allan
Kardec
VI Caráter da Doutrina Espírita - Conclusão

I – DIDÁTICA E DOCTRINA

Desde o momento em que se pensou em fundar o Centro Espírita “18 de ABRIL”, o assunto que constituiu a cogitação inicial de seus primeiros componentes foi o ensino da Doutrina Espírita em cursos regulares. Leia-se, por exemplo, uma das primeiras atas das reuniões preparatórias, quando ainda se discutiu o projeto de fundação do Centro, e lá está, expressamente, o propósito de dar sentido didático às atividades do Centro, de acordo com projeto elaborado por Allan Kardec, no ano de 1868. (*Obras Póstumas*, parte final). O Centro Espírita “18 de Abril”, neste particular, adotou orientação da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, a primeira instituição que organizou, no Rio de Janeiro, *um curso* de Espiritismo, regularmente adaptado ao esquema de um currículo de três anos, em combinação com diversas matérias de cultura geral e especializada.

O Centro “18 de abril” inspirou-se, pois, no programa de Allan Kardec, o Codificador da doutrina. Sabe-se que Allan Kardec incluiu em seu *projeto* de organização do Espiritismo, para o futuro, um *curso regular* com os seguintes objetivos:

- a) – desenvolver os princípios da Ciência;
- b) – difundir o gosto pelos estudos sérios;
- c) – preparar adeptos capazes, etc..

Eis aí, em síntese, o pensamento de Kardec. Cabe, agora, fazer as necessárias aplicações ao ensino do Espiritismo, com método adequado, com didática própria. Não existe, na realidade, um sistema didático especialmente aplicado à doutrina espírita. Já existe cursos, e bem organizados, mas ainda não temos propriamente um trabalho sistematizado, em forma de compêndio ou manual capaz de prever o ensino do Espiritismo em cursos regulares, com as exigências da pedagogia moderna. Todos os trabalhos deste gênero são destinados aos cursos que os elaboram. Não temos, portanto, um trabalho aceito como padrão para todos os cursos de Espiritismo, principalmente em conjugação com algumas disciplinas científicas indispensáveis à compreensão de certos problemas, que o próprio Espiritismo suscita a cada passo, na prática e na teoria.

Não se pode *ensinar*, pelo menos ensinar bem, sem didática. Para ensinar, seja o que for, é necessário:

- a) – antes de tudo, ter conhecimento do assunto que vai ensinar;
- b) – ter vocação, porque ninguém gosta de executar uma atividade quando para ela não tem vocação;
- c) – ter didática, isto é, conhecer a “ arte de transmitir conhecimento” e saber aplicá-la, de acordo com os assuntos, com a capacidade de quem aprende com as circunstâncias.

A *didática* é como a *lógica*. Há muita gente que pensa bem, sabe **raciocinar** com lógica e no entanto nunca estudou esta matéria, nunca viu sequer um manual de *lógica* formal ou aplicada. É a chamada lógica inata ou *lógica* do bom senso... Toda

pessoa sensata raciocina com equilíbrio. Há indivíduos que são lógicos por natureza sem jamais terem feito um curso de lógica... Isto não quer dizer, porém, que não seja necessário o estudo regular de *lógica*, como ciência indispensável à vida prática e aos estudos de filosofia, de psicologia, etc. A todo momento, seja nas ciências experimentais, seja nas altas indagações do espírito, o homem está fazendo uso da lógica, desde que começa a pensar e a fazer deduções. “Não basta pensar, porque todos nós pensamos naturalmente, mas é necessário pensar com acerto” – diz o velho aforisma – para evitar os raciocínios incoerentes ou contraditórios. A lógica, portanto, é a ciência que ensina a disciplinar o pensamento para que se pense com acerto. Enquanto a *Psicologia* estuda o pensamento em si, como fato, a *lógica* estuda a forma de pensar, o uso do pensamento da solução dos problemas que dependem de raciocínio. A *lógica* está em tudo, portanto. Assim também a *didática*.

Há pessoas, inegavelmente, que têm muita cultura, são muito inteligentes, conhecem bem os assuntos a que se dedicam, mas não sabem **ENSINAR**, não tem jeito para transmitir aquilo que sabem. É verdade que a vocação para ensinar é inata no espírito, e tanto isto é certo que muitas pessoas como que “já nasceram para ensinar”, porque têm habilidade especial para expor e transmitir os assuntos e se fazerem entender facilmente. Outras pessoas, entretanto, são muito eloqüentes, têm muita erudição, mas não tem clareza: falam muito bem, empolgam, comovem, citam muitas obras, mas não esclarecem, não ensinam suficientemente aquilo que pretendem ensinar, porque não têm didática. Não basta conhecer suficientemente determinada matéria, pois é necessário, também, saber como ensiná-la, para tirar o maior proveito. Há programas de cursos nos quais se nota claramente a falta de orientação didática, porque nem sequer tais programas observam certas regras de metodologia. Não se deve começar ensinando pelo fim, antes das indispensáveis noções iniciais ou de embocadura, como também não se deve iniciar um curso com as particularidades, com os pontos sujeitos a controvérsias, desprezando a generalidade, o conjunto, as idéias básicas. Tais deficiências revelam a falta de didática.

Vem a propósito uma história bem curiosa. Conta-se que, de uma feita, um cientista fez uma conferência de quase duas horas sobre *esquizofrenia*, citou mais de duas dezenas de autores, apresentou gráficos ilustrativos, etc., talvez tivesse, até, esgotado o assunto, como se costuma dizer. Acontece, porém, que o cientista não se lembrou de que estava falando para leigos no assunto, e não, para especialistas. Pois bem, falou tanto, revelou tanta erudição, mas não disse o principal, não disse aquilo que deveria ter dito logo no começo, como introdução, isto é, o que vem a ser *esquizofrenia*, que é uma doença mental, com tais e tais sintomas, etc.. Usou muitos termos técnicos, como se estivesse entre especialistas na matéria, e no entanto deixou de dizer o que era inicialmente indispensável para os que não tem obrigação de ser entendidos no assunto. Terminada a erudição e exaustiva conferência, os assistentes ficaram perguntando entre si : afinal de contas, que é *esquizofrenia*?... Há pessoas que se perdem muito nos conceitos abstratos e complexos, mas prejudicam a parte principal de suas conferências ou aulas, porque não dizem o que é mais necessário. Quando se trata de um curso, seja de que natureza for, não se devem desprezar pelo menos algumas regras gerais de didática.

Não se pense que as lacunas em relação a deficiências didáticas ocorrem somente em cursos particulares. Não. Até mesmo no ensino superior, às vezes se encontram professores, que são verdadeiras sumidades em suas disciplinas, mas se

tornam deficientes, como expositores, ora porque são dispersivos, ora porque ficam muito acima da receptividade dos alunos ou porque não tem clareza, que é uma qualidade absolutamente indispensável a quem vai ensinar qualquer matéria. Ocasionalmente há – e este fato já se observou mais de uma vez em faculdades oficiais – em que um professor dá uma aula erudita, vibrante e cuidadosamente burilada, mas logo depois os próprios alunos fazem a crítica: como conferência brilhante, para demonstrar ilustração, está muito boa; como *aula*, entretanto, peca pela falta de clareza e objetividade, não tem proveito... Ensinar não é tão fácil, e a experiência que o diga.

Uma das necessidades pedagógicas mais importantes é, por exemplo, a *motivação* da aula, pois é necessário fixar o interesse em determinado ponto, dar vida ao assunto, provocar a participação dos ouvintes. As exposições secas e monótonas, principalmente quando são longas, embora a matéria seja interessante, criam o desinteresse e muitas vezes se transformam em verdadeiros suplício para os assistentes. Quem expõe um assunto, seja na condição de professor, seja na de simples comentador ou até mesmo de conferencista, deve ter, sobretudo, a preocupação de se fazer ENTENDER claramente, ainda que seja necessário repetir conceitos ou noções indispensáveis, como deve auscultar as reações dos alunos ou assistentes para saber se o assunto explanado está ou não está interessando e se está sendo BEM COMPREENDIDO. O estado psicológico da assistência deve ser observado pela argúcia e experiência de quem dá uma aula ou faz uma conferência. Tudo isto faz parte da orientação didática.

II – MENTALIDADE ESPÍRITA

O estudo metódico traz resultados mais satisfatórios do que o estudo irregular, feito a esmo, sem programa, sem ordem, sem objetivo. A didática também se aplica, portanto, ao ensino da Doutrina Espírita. E claro que, para se iniciar um curso de Espiritismo, não é possível começar pelas sessões práticas ou experimentais, estudando fenômenos e médiuns, porque é indispensável o preparo teórico, o conhecimento, pelo menos, das noções gerais da doutrina. Ninguém começa estudando a química pelas experiências de laboratório, sem haver, antes, estudado as leis, sem saber como utilizar certos instrumentos, etc.. Seria perigoso pôr um indivíduo, inteiramente despreparado, sem teoria de espécie alguma, dentro de um laboratório espiritual, e uma sessão mediúnica exige muito senso de responsabilidade, os problemas ainda são mais complexos. Como, pois, entrar no campo da prática espírita sem conhecimento da doutrina, sem orientação cuidadosa? Isto seria puro empirismo, e o Espiritismo é, todo ele, baseado em leis e princípios. A teoria deve ser ensinada antes da prática. Nossos estudos doutrinários têm, entretanto, outro objetivo, e este, para nós, é ainda mais amplo e decisivo: formar mentalidade espírita. Que quer dizer *mentalidade espírita*? É a mentalidade de quem, tendo estudado e compreendido a doutrina, ACEITA conscientemente os princípios e a responsabilidade que dela decorrem. Mentalidade espírita não é, portanto, a de quem apenas *acredita* na manifestação dos espíritos ou de quem simplesmente gosta de freqüentar sessões espíritas. Não. Há muita gente que tem fé, sinceramente, no poder dos espíritos, não falta às sessões mediúnicas no centro a que pertence, e não tem mentalidade espírita, porque acredita em superstições, ainda tem o

seu *altar*, ainda admite “milagres”, etc., etc.. Isto, evidentemente, não é a verdadeira *mentalidade espírita*. Constantemente encontramos pessoas, aliás muito bondosas, que fazem parte de centros espíritas, comparecem *religiosamente* às sessões mediúnicas, mas pensam como católicas, não pensam como espíritas. O fato de acreditar nos espíritos nem sempre modifica a mentalidade. Notemos que Allan Kardec disse, categoricamente, em *Obras Póstumas*, que ESPÍRITA ou espírita (se preferem este último termo) é quem concorda com os princípios da doutrina e com eles CONFORMA o seu proceder. Este conceito, como se vê, traz implicações de ordem moral. Veja-se bem o pensamento de Kardec: O Espiritismo “não reconhece como seus adeptos senão aqueles que lhe praticam os ensinamentos e trabalham por MELHORAR-SE MORALMENTE, esforçando-se por vencer os maus pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos...” Há muita gente, que estuda e conhece o Espiritismo e nem por isso tem mentalidade espírita. Assim como se encontram pessoas que acreditam, no Espiritismo e têm mentalidade católica, porque ainda falam em *castigo do céu*, ainda aceitam o *pecado original*, ainda têm *medo de Deus*, também se encontram pessoas que, embora se digam espíritas, porque acreditam nos fenômenos, ainda têm mentalidade materialista, porque vivem, exclusivamente, em função dos interesses materiais, são indiferentes aos altos valores do espírito, dão mais importâncias às coisas imediatas do que às coisas que dizem respeito à espiritualidade, porque só pensam em gozar, aproveitar a vida enquanto é tempo... Isto é mentalidade espírita? Não, absolutamente. Logo, não basta ser *crente* ou ser médium para ser espírita. Há muitas tradições religiosas, e algumas delas já fazem parte, até, de nosso *folclore*; embora sejam inofensivas, não se coadunam de forma alguma com o Espiritismo. Uma dessas tradições, por exemplo, é a de se fazer distribuição de “balinhas” no dia de Cosme e Damião. A formação da mentalidade espírita tende a fazer a criatura humana desprender-se gradativamente de tudo isto.

Respeitamos todas as crenças, não combatemos nem devemos combater ou depreciar as convicções alheias, especialmente porque todas as idéias e práticas religiosas correspondem a necessidades espirituais inerentes ao plano evolutivo de cada indivíduo ou grupo, assim como às condições da cultura e do ambiente. Além de tudo, o respeito aos sentimentos e às opiniões do próximo é também caridade. Isto não impede, todavia, que o Espiritismo, pela sua influência renovadora, concorrendo para o progresso espiritual daqueles que lhe seguem a orientação doutrinária, tenha consequências capazes de formar um tipo de mentalidade diferente, emancipada de superstições, fatalismo ou idolatria de qualquer espécie. Se, portanto, o Espiritismo pode formar outra mentalidade, mais arejada, mais consentânea com o desenvolvimento da Ciência e com a compreensão da vida espiritual, é claro que também preconiza, implicitamente, outros padrões de comportamento. O espírita não pode ser um tipo esquisito ou excêntrico, um marginal socialmente falando, porque o espírita esclarecido tem o dever de melhorar o seu comportamento na vida particular, como na vida social, sem chegar aos exageros, às atitudes ridículas. Todas as consequências do Espiritismo nos levam ao equilíbrio.

Notemos que todos os ensinamentos morais do Espiritismo se firmam sob o princípio da RESPONSABILIDADE pessoal: o homem é responsável pelos seus pensamentos, pelos atos, sejam públicos, sejam ocultos. A Doutrina Espírita, realmente, não tem *tabus*, não tem sistema de *condenações*, não instituiu nenhum código de

proibições, porque é uma doutrina que não amedronta, não prescreve regras de vida privada, mas desperta no homem o sentimento de responsabilidade: cada qual é responsável pela sua consciência, cada qual deve saber O QUE DEVE E O QUE NÃO DEVE FAZER, como deve saber distinguir o que é lícito e o que é ilícito, o que é digno e o que é indigno. Sem estabelecer regras escritas, sem descer a minúcias domésticas, a Doutrina Espírita, quando bem compreendida, tem consequências muito mais amplas e sérias do que parece, porque exige, sobretudo, a REFORMA MORAL do homem .

Há muitos materialistas que, na forma de proceder, parecem muito mais espiritualizados, muito mais moralizados do que certos *crentes*, certos indivíduos, destituídos de qualquer noção de disciplina espiritual, porque são excessivamente egoístas, despóticos e viciados. É claro que a mentalidade Espírita não aprova quaisquer “presunções de santidade” nem roupagens de *puritanismo*, porque o homem *é o que é*, não é aquilo que nós desejamos que ele seja; mas todo aquele que se integra realmente na Doutrina Espírita tem o dever de procurar, dia a dia, ser melhor. Todas as normas básicas do Espiritismo, no que diz respeito ao comportamento pessoal, se resume nessa criteriosa expressão de Allan Kardec: *Conhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral*. Isto constitui a síntese de todas as consequências da doutrina. Fora disto, é inútil, a crença pura e simples nos espíritos , como é inútil a especulação filosófica por mero prazer intelectual, sem repercussão nas ações pessoais.

III – CONHECIMENTO EMPÍRICO E CONHECIMENTO METÓDICO

Quando falamos em curso regular de Espiritismo, é claro que falamos, ao mesmo tempo, implicitamente, em método ou estudo metódico. Como em qualquer outro domínio da especulação, também no Espiritismo podemos distinguir o conhecimento empírico e o conhecimento metódico. Indiscutivelmente o conhecimento empírico é o conhecimento puramente prático, motivado pela necessidade, abre caminho para a sistematização, fornece material para o estudo metódico e, por fim, oferece os elementos rudimentares para a formação das ciências. O homem prático, sem cultura intelectual, desconhece a metodologia e as leis científicas, mas concorre muito com a sua experiência, e muitas vezes com a intuição, para que se façam importantes descobertas científicas. Não se pode, portanto, desprezar ou desvalorizar sistematicamente o conhecimento prático, seja em que terreno for. Exemplo comum: a medicina empírica é elementar dos índios, com as suas *beberagens*, descobriu propriedades medicinais em muitas plantas; o europeu, apesar de trazer conhecimentos científicos relativos à cultura de sua época, aprendeu muito com o índio brasileiro, primeiramente em matéria de plantas medicinais. O índio com o seu empirismo com os seus conhecimentos práticos, forneceu elementos ao europeu, e este ao voltar à Europa, aperfeiçoou, em muitos casos, aquilo que aprendera com o silvícola: sistematizou, metodizou, deu caráter científico à medicina primária dos índios.

O conhecimento vulgar ou popular, inteiramente destituído de orientação metódica, contenta-se com o fato isolado, não vai além daquilo que a experiência prática vai descobrindo, mas não tem noção alguma da conexão, do encadeamento dos fenômenos, ao passo que o conhecimento científico se preocupa com as relações, com o nexos e o conjunto dos fatos. Para o conhecimento científico, o fato isolado é apenas um ponto de partida, mas ainda não é ciência, porque mister se faz que haja relação entre:

FATO

LEI

CAUSA

Não basta observar um fenômeno, e a simples observação de um fenômeno, seja ele de que caráter for, ainda não é suficiente para formar uma ciência. É indispensável, pois, que se leve em consideração:

- a) – o fenômeno em si, tal como se apresenta;
- b) – a lei que o rege ou em virtude da qual se dá o fenômeno;
- c) – a relação existente entre o fenômeno observado e outros fenômenos da mesma natureza;
- d) – a causa do fenômeno.

O conhecimento vulgar ou prático fica na observação, enquanto o conhecimento científico formula todas estas proposições.

ILUSTRAÇÃO

Conhecimento vulgar
científico

FENÔMENO	FENÔMENO
FENÔMENO	
A	B
	FENÔMENO
	C

Conhecimento

FENÔMENO
A
B
FENÔMENO
C

OBSERVAÇÃO

I – No conhecimento vulgar, que é apenas experiência comum, cada fenômeno é considerado isoladamente, sem

II – No conhecimento metódico, os fenômenos A-B-C estão ligados entre si, porque se subordinam à

cogitação de relação com os outros nem do agente e da causa que o produz.

mesma lei e tem um agente comum.

Pela indução, que é o método pelo qual se parte dos fatos isolados para as leis gerais, a ciência estabelece a correlação entre os fenômenos e, assim, chega à causa de que procedem. Convém, observar, entretanto, que a noção de *causa* tem dois sentidos: *imediato* e *mediato*. Imediato é o que está presente, é o que está mais próximo do observador; mediato é o que está mais longe, além da observação direta. Então, podemos colocar a noção de causa nos seguintes termos:

- a) – CAUSA IMEDIATA
sob o ponto de vista estritamente *científico*;
- b) – CAUSA MEDIATA
sob o ponto de vista *filosófico*.

A Ciência, adstrita ao ponto de vista exclusivamente experimental, preocupa-se apenas com a causa imediata, a causa direta, porque é a que está mais próxima do observador. A Ciência não discute o problema da causa remota ou *imediata*, isto é, causa primária ou geral, porque este problema já pertence ao domínio da Filosofia. Apliquemos esta proposição ao caso do fenômeno espírita. Para nós, por exemplo, que somos espíritas, porque aceitamos integralmente a Doutrina Espírita, o fenômeno mediúnico é e deve ser encarado, também, à luz de sua “causa primária”, ou seja a causa que dá origem ao espírito, porque o Espiritismo tem uma parte filosófica. Isto, convém repetir – para nós – que vemos o fenômeno, também, pelo aspecto filosófico. Segundo o Espiritismo, temos:

Fenômeno	Médium	Espírito	CAUSA
----------	--------	----------	-------

se a causa geral está fora ou além do espírito, nossas indagações filosóficas naturalmente nos levarão à causa primária, à causa que dá origem a todas as coisas: DEUS. Isto, porém, quando se entra no terreno da Filosofia, quando nos referimos à noção de causa geral ou “causa das causas” e assim por diante.

Sob o ponto de vista científico, entretanto, o que interessa é verificar se a causa não está no médium, se a causa não está no ambiente ou nas forças naturais. Provado que a causa não é humana nem depende de qualquer agente físico, forçoso é reconhecer que é extra-humana.

Este é o campo da Ciência. Se a Filosofia ultrapassa o campo da experimentação para ir procurar a *Causa* geral ou remota do fenômeno, a Ciência verifica a presença de uma causa inteligente, isto é, uma causa, que, agindo sobre o médium, produz o fenômeno. Não vai além disto. É o que se chama a causa imediata. Para nós, esta causa é um *espírito* desencarnado; para certos metapsíquistas e psiquistas, é uma força ou energia ainda desconhecida; para o materialista é um agente físico ainda não identificado, e assim por diante. A experimentação científica limita-se a comprovar o fato, cuja a causa está além ou fora do elemento humano. É um Espírito? Segundo a

nossa convicção, é um espírito, sim, porque nós partimos de uma premissa geral, que é, a imortalidade da alma. E de onde vem o *espírito*? Qual a sua origem? Qual a sua natureza? Quais as consequências desses fenômenos na ordem moral? Todas estas questões já estão fora do campo da ciência experimental porque são questões atinentes à Filosofia.

A Doutrina Espírita, como se vê, abrange a ciência e a filosofia, porque, não só lhe interessa a causa *imediate*, que é o espírito responsável pelo fenômeno, como lhe interessa, por decorrência, a causa *mediata* ou remota, isto é, a origem do espírito, o seu ponto de partida, sua natureza. Se o espírito existe e é inteligente, é claro que não se formou por si mesmo, e deve, portanto, ter origem em alguma coisa, deve ter um ponto de partida antes de si próprio. É o problema da causa primária ou causa geral. Este problema, já é de ordem filosófica. O Espiritismo engloba o aspecto científico o filosófico e o religioso. O conhecimento metódico difere do conhecimento vulgar ou simplesmente prático, porque nos predispõe o espírito para a compreensão do conjunto e para descobrir as relações entre os fenômenos.

Convém notar, ainda, que o conhecimento metódico tem a vantagem de nos colocar em condições intelectuais de compreender a verdade em proporção às possibilidades de nossa inteligência e do material de que possamos dispor. Quando se diz que o método é o “caminho pelo qual a nossa inteligência chega à verdade, “é claro que não se entende, aí, a verdade no sentido absoluto ou total, mas no sentido relativo, em referência ao objeto de nossas observações. Antes de terminar este ponto, parece-nos indispensável fazer algumas considerações a este respeito.

Quando empregamos, por exemplo, o método apropriado para uma experiência de física, é claro que não podemos esperar que esta ciência nos dê toda a verdade: o que ela nos pode dar é apenas aquilo que esta em seu domínio. Cada ciência revela apenas as leis e os fenômenos que lhes são inerentes. Se examinarmos uma planta, é natural que a Botânica nos faça conhecer somente aquilo que é verdadeiro em relação à planta, e nada mais. A verdade encontrada na Física ou na Química é tão restrita como a verdade revelada pela Geologia ou pela Astronomia. Nenhuma ciência, por si só, seria capaz de descobrir a verdade total. Seria a maior das pretensões querer encontrar toda a verdade apenas por um único método ou dentro do campo limitado de uma especialidade científica.

O estudo metódico tem o objetivo de conduzir os nossos raciocínios e as nossas experiências para o ponto em que desejamos firmar a nossa certeza. O conceito de verdade, no sentido absoluto, é progressivo, e por isso nunca devemos perder a noção de conjunto: a verdade total não só abrange as ciências particulares, com as suas especificações concretas, como também abrange a ciência do espírito, no sentido geral, com as suas sutilezas e ampliações. É indispensável, portanto, compreender o encadeamento lógico das ciências, tendo em vista, sempre, a seguinte base: não há um rumo de conhecimento absolutamente solto ou isolado, como realidade à parte no Universo. Finalmente (para terminar este ponto) convém acentuar bem que CADA CIÊNCIA REVELA APENAS UM ASPECTO DA VERDADE, mas a Verdade em si, é relativa, porque só se descobre ao espírito humano à proporção que cada um de nós progride em conhecimento e virtude. A posse gradual da Verdade depende da iluminação espiritual. O conhecimento puramente empírico, isto é, o conhecimento prático, nascido da curiosidade ou da necessidade, sem método nem plano, pode dar, às vezes, a impressão de que descobrimos a Verdade total, pelo fato de termos realizado

uma experiência satisfatória; mas o conhecimento metódico nos demonstra, a cada passo, que NÃO BASTA UM FATO ISOLADO PARA NOS DAR A CERTEZA INTEGRAL, pois é indispensável a conexão, a interdependência das leis e fenômenos.

Dentro desta ordem de idéias, podemos compreender a necessidade da ciência, sem que, com isto, seja prejudicada a parte religiosa do Espiritismo, com as suas benéficas consequências. Veja-se que até o próprio Evangelho necessita da Ciência, desde que saibamos compreender o conceito lato de Ciência, que significa SABER, mas saber, é claro, com precisão com certeza. Leia-se o cap. I, nº. 5 e nº. 8, de “*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, e lá está escrito: O Espiritismo é a *nova ciência que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual...* Toda a moral do Evangelho, que é precisamente, a moral adotada pelo Espiritismo, está baseada, como se sabe na vida futura, na vida do espírito após a morte. Como se pode, porém, ter a certeza da vida após a morte, se não houver prova experimental da imortalidade da alma? Logo, o Evangelho, segundo o Espiritismo, não é apenas questão de fé, porque o seu fundamento moral, que é a vida futura, está alicerçado nas provas, nos fenômenos. O Espiritismo, com o testemunho da Ciência, reforça a moral do Evangelho. Diz Allan Kardec, no capítulo (item 8), que *a ciência e a religião são duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material, a outra as do mundo moral; mais tendo ambas o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se.* A Ciência e a Religião representam duas esferas de valores, e ambas são necessárias, mas é indispensável não subverter a ordem, não colocar os valores materiais acima dos valores espirituais. (Nosso conceito de religião – e não é mais necessário repetir este ponto – não se confunde com o conceito vulgar de culto exterior ou de organização sectária, mas exprime a idéia de relação do homem com Deus, através da espiritualização própria, do aperfeiçoamento moral, como necessidade básica da vida). Já se vê que não é possível separar, no corpo da Doutrina Espírita, as três partes que lhes são integrantes e harmônicas; *científica* (demonstração experimental dos fenômenos); *filosófica* (indagação das causas gerais e suas consequências); *religiosa* (reconhecimento da existência de Deus e de seus atributos de perfeição e onisciência). O Espiritismo deve ser estudado e compreendido como um todo homogêneo. Qualquer desintegração representa prejuízo à própria índole e formação da doutrina.

Exemplifiquemos esta última proposição. Se, por exemplo quiséssemos encarar o Espiritismo somente pelo lado científico, cairíamos no chamado “Espiritismo de laboratório”, com o mesmo comportamento com que se procede na Física ou na Química, embora os fenômenos sejam de natureza essencialmente diferentes. O Espiritismo NÃO PODE DISPENSAR a EXPERIMENTAÇÃO CIENTÍFICA, porque é disto que lhe vem o fundamento positivo; mas é indispensável compreender que a experimentação científica, por si só, ainda não é suficiente para tornar o homem melhor, desde que o trabalho experimental não seja informado por uma concepção superior ou não tenha um objetivo elevado. Se, por outro lado, nos embrenharmos na especulação filosófica, preocupados apenas com o “chamado “conhecimento intelectual” ou conhecimento puro, cairemos no “Espiritismo de gabinete”, sem repercussão alguma no comportamento ou nos atos do homem. Será o Espiritismo teórico, simplesmente. Se, finalmente, desprezarmos a Ciência e a Filosofia e quisermos cuidar apenas do aspecto religioso do Espiritismo, automatizando práticas e orações sem substâncias nem dinamismo espiritual, cairemos no Espiritismo de igreja e ficaremos, portanto,

reduzidos a simples atos rotineiros. Vejamos o que ensina a vida prática, com observações diárias nas próprias relações humanas.

Há pessoas que se entusiasmam com alguns fenômenos, chegam a ficar como que fanatizadas pelas experiências mediúnicas, e no entanto não são capazes de colher o menor proveito moral nesses trabalhos. De que serve o *cientificismo* de certas pessoas, que vivem preocupadas com materializações de espíritos, com revelações transcendentais, etc., mas não sabe, *descobrir*, atrás de tudo isso, aquilo que lhes possam modificar o procedimento? Há muita gente que chega a propalar suas “experiências científicas”, como chega a desprezar a parte doutrinária do Espiritismo, por entender que tudo já é velharia, mas a verdade é que tais pessoas, apesar dos fenômenos de efeitos físicos, etc., continuam a viver no mais crasso e mais doloroso analfabetismo espiritual! Para nós, portanto, pouco significa uma sessão de *materializações*, como pouco vale a *sapiência* de um guia espiritual quando os indivíduos que compõem ou dirigem o grupo continuam a viver como dantes: orgulhosos, interesseiros devassos. Convém acentuar, porém que necessário e meritório o esforço sincero de todos aqueles que procuram as sessões práticas do Espiritismo com a intenção de encontrar provas convincentes, justamente porque não querem crer pela cabeça dos outros, não querem saber apenas porque os outros dizem. Isto é louvável e, também, uma necessidade o homem que duvida, mas duvida honestamente, porque deseja, sobretudo, a verdade, merece o nosso respeito. Nem todos podem entrar no Espiritismo pela via racional ou pela via sentimental: é necessário que outros se convençam pelos fatos, pelas provas diretas. E tudo isto carece de tempo. Não devemos, nunca, menosprezar a atitude daqueles que buscam o fenômeno com o desejo de firmar convicção. Antes começar duvidando, porque às vezes a dúvida é necessária, do que começar acreditando em tudo e, depois, tornar-se fanático. Devemos, pois, respeitar a posição intelectual daqueles que, sinceramente, fazem questão de fatos e, por isso mesmo, apresentam as suas reservas judiciosas enquanto não se convencem. Note-se que o próprio Allan Kardec declarou que O ESPIRITISMO DIRIGE UM APELO À RAZÃO. A experimentação mediúnica para fins científicos é muito proveitosa, e se não fora a capacidade científica de um Crookes, um Dellane, um Aksakof, um Bozzano e tantos outros, é claro que não teríamos, hoje a notável literatura que corre o mundo. Queremos, entretanto, ponderar que é indispensável, acima de tudo. NÃO AVILTAR O FENÔMENO, NÃO FAZER DA MEDIUNIDADE UM CHAMARIZ DE CURIOSIDADE VULGAR OU INTERESSEIRA. Quando, portanto, não há preocupação séria, não há “sede de conhecimento”, o aspecto fenomenológico ou experimental do Espiritismo fica inteiramente desfigurado em suas dignidade.

IV – ETAPAS DO CONHECIMENTO

Notemos, desde já, que Allan Kardec afirmou: *O Espiritismo só passou a ser levado a sério depois que tomou corpo filosófico*. Isto quer dizer que, anates de haver tomado corpo filosófico, o Espiritismo era entendido apenas como fenômeno, e assim mesmo, a mercê do puro empirismo, sem interpretação racional. É claro que o Espiritismo, como tantos outros ramos de conhecimento, passou por três etapas:

EXPLICAÇÃO

I – <i>Pre-noções</i>	idéias vagas, ainda confusas crenças populares tradição oral (histórias de “assombrações,
II – <i>Empirismo</i>	fenômenos de Hydesville (irmãs Fox), nos E. Unidos, hipóteses arbitrárias (“ventriloquia”, “estalos da rótula”, etc.,) propagação das notícias fundação de centros
III – <i>Sistematização</i>	Aparecimento da doutrina (1857) Experimentação e discussão

Já no *caderno doutrinário* nº. 3 apresentamos um esquema da história do Espiritismo, muito resumido, aliás, dentro do qual separamos claramente o fenômeno e a doutrina. Foi a partir das experiências de Crookes, com os estudos e as discussões que se desenvolveram na Sociedade Dialética de Londres e outras instituições científicas que o Espiritismo passou a ser objeto de maior interesse científico, e podemos assinalar, nesse período, uma de suas etapas mais importantes. Convém notar que os experimentadores do grupo de Crookes, Aksakof, Barrett e outros (depois de 1870) não se preocuparam propriamente com a *doutrina*, porque se ativeram à verificação dos *fatos*, no que prestaram inestimável serviço ao Espiritismo. Os resultados a que chegaram tantos homens de ciência, como William Crookes, Alexander Aksakof, Charles Richet, Cezar Lombroso, por exemplo, vieram confirmar a doutrina, no aspecto experimental vieram reforçar, portanto, o caráter científico do Espiritismo. Não importa que alguns dos cientistas, que se preocuparam com a fenomenologia mediúnic, tivessem deixado à margem, inteiramente, a parte filosófica do Espiritismo, porque não lhe interessava no momento, o problema das *causas* gerais ou qualquer outro problema filosófico. Como homens de ciência, ficaram apenas no campo exclusivo dos fenômenos, mas o certo é que, neste campo, os seus depoimentos deram grande impulso ao Espiritismo, cujo aspecto científico viria encontrar, mais tarde, outro grande experimentador, um dos maiores de todos os tempos: Ernesto Bozzano, já no século XX. Se, por um lado, tanto no século passado, como no século atual, houve um grupo, e grupo ilustre, que se limitou a investigar e comprovar a veracidade dos fenômenos sem discutir a parte doutrinária do Espiritismo, convém notar, entretanto, que por outro lado. Houve outro grupo, e também brilhante, que não só examinou os fatos como ainda se preocupou seriamente com a doutrina. É o grupo de Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Léon Denis (este último um, dos mais profundos filósofos espíritas) e alguns outros. Estes foram além do terreno restrito dos fenômenos, porque entraram também na parte filosófica do Espiritismo. Modernamente, podemos incluir neste grupo outro grande e rigoroso estudioso da fenomenologia de *além túmulo*, apesar de sua posição de metapsiquista: Gustavo Geley, a cujos trabalhos, em França, muito deve o Espiritismo. Geley, apesar de ser o que se pode chamar autêntico “homem de laboratório”, também

se interessou pela parte filosófica do Espiritismo, principalmente em relação à tese da reencarnação, cujos fundamentos teve ocasião de defender, e de maneira bem clara, após longos estudos e afanosas pesquisas no Instituto Metapsíquico Internacional.

Já vimos, finalmente, em linhas gerais, que o mediunismo teve, como não podia deixar de ter, a sua fase empírica ou de pura curiosidade, sem doutrina, sem método. Mais tarde, porém, com a obra de Allan Kardec, seguida, ainda, de notáveis experiências de caráter científico, veio a sistematização. Apesar disto, ainda hoje, como se sabe, o empirismo e a confusão dominam, em grande parte, na prática mediúnica. Este fenômeno é, em parte, uma consequência da popularização de sessões mediúnicas sem conhecimento da doutrina, sem o preparo suficiente daqueles que, às vezes de boa fé, às vezes por interesse, querem dirigir trabalhos deste gênero sem conhecimento do próprio terreno em que estão pisando... Há, portanto, muitas sessões mediúnicas que não podem ser chamadas de sessões espíritas, porque não tem método, não tem preocupação elevada, não tem orientação doutrinária. Convém, pois, fixar este ponto: NEM TODA SESSÃO MEDIÚNICA É SESSÃO ESPÍRITA. Para que uma sessão mediúnica seja realmente uma *sessão espírita*, é indispensável que esteja em harmonia com a doutrina, tanto na forma quanto nos objetivos. Nem todos, infelizmente, querem estudar e compreender o Espiritismo, pois o que se quer, na maioria dos casos, é apenas *ver* o fenômeno, *resolver* problemas pessoais ou fazer consultas íntimas aos *guias* das sessões, sem qualquer noção do que seja a Doutrina Espírita, com a sua profunda filosofia e com as suas edificantes consequências morais.

Convém notar, entretanto, que o conhecimento da doutrina tem aplicações diretas nos atos humanos, quer na vida íntima, quer na vida social. A não ser assim, pouco adianta frequentar *sessões*, *acreditar* nos espíritos ou falar com os *guias* espirituais, como é comum observar-se constantemente. É claro que nem todos poderiam ter, imediatamente, esta noção de amplitude da doutrina. Para compreender bem o Espiritismo é necessário que haja observação e estudo, com o tempo necessário para certas reflexões. Seria lógico, portanto, exigir de todos os neófitos ou simples frequentadores ocasionais a mesma compreensão, o mesmo sentimento de respeito e a mesma noção de seriedade com que os estudiosos encaram os problemas espíritas. Muitas pessoas começam zombando, outras principiam pela simples curiosidade, e para estas o Espiritismo é apenas um “passatempo”, mas terminam, depois, aceitando a doutrina. Temos, nas fileiras Espíritas, muitos casos desta natureza. Basta-nos citar um caso histórico: o Prof. Cezar Lombroso, nome mundialmente consagrado nos domínios da Antropologia Criminal, confessa que, a princípio, chegava a ficar espantado quando ouvia dizer que um homem inteligente e equilibrado se preocupava com o Espiritismo... Mais tarde, porém, diante de fatos, ele próprio se convenceu, e escreveu, então, a já celebre declaração: “Sinto-me envergonhado por haver combatido, com grande tenacidade, a possibilidade dos fatos chamados espíritas... eu me glorifico de ser escravos dos fatos”. Os fatos conduzem à certeza conduz às aplicações, quando realmente a pessoa que estuda o Espiritismo quer tirar conclusões de ordem prática para a vida. É natural que haja, pois, três etapas, que se completam, através do sentido progresso do conhecimento espírita:

Compreensão
Curiosidade.

Por decorrência disto, teremos de compreender, com o decorrer do tempo, que o Espiritismo é um TODO, no qual se distinguem três aspectos sucessivos:

– I –

Aspecto experimental

Interesse exclusivo pelos fenômenos, sem tirar qualquer conclusão filosófica. Neste terreno, por mais rigorosas que sejam as observações e por mais exato que seja o espírito de crítica, ainda não se pode conhecer bem o Espiritismo, como doutrina

– II –

Aspecto especulativo

Quando partimos da observação dos fenômenos para o problema das *origens*, isto é, quando procuramos saber o *porque*, a razão de ser de tudo o que observamos na prática. Neste terreno, forçosamente, já entramos na filosofia do Espiritismo. É a doutrina.

– III –

Aspecto normativo

Neste ponto, podemos dizer que chegamos ao coroamento de todo o nosso esforço. O aspecto normativo da Doutrina Espírita é o que nos dá as *normas* morais de procedimento em face do fenômeno e nos atos de nossa vida.

Podemos concluir, daí, que o conhecimento integral do Espiritismo não se resume no fenômeno, como não se resume na filosofia, como ainda não se resume na interpretação evangélica: o fenômeno, segundo a Doutrina Espírita, é um *meio*, não é o *fim*; a filosofia interpreta o fenômeno, estudando-lhe as causas e as consequências; o Evangelho, finalmente, interpretado à luz do Espiritismo, forma a base moral de nosso comportamento, seja em relação às aplicações do conhecimento, seja em relação aos nossos deveres da vida particular e na vida social. Sem a noção exata de *conjunto*,

abrangendo o fenômeno e a doutrina, o conhecimento do Espiritismo seria parcial, incompleto.

V – ATUALIDADE DA OBRA DE ALLAN KARDEC

Todo o nosso estudo, como se sabe, é baseado na obra de Allan Kardec. Sem a Codificação de Allan Kardec, não teria razão de ser a existência deste Centro. Os livros da Codificação podem ser divididos, para efeito didático, da seguinte maneira:

I – *Introdutório ou propedêuticos*

O que é o Espiritismo
O Princiante Espírita

II – *Livros básicos*

O Livro dos Espíritos
O Livro dos Médiuns
O Evangelho segundo o Espiritismo
A Gênese

III – *Livros complementares*

O Céu e o Inferno
Obras Póstumas

Em relação aos livros básicos, adotamos, aqui, o critério histórico, e por isso colocamos todos eles (4) de acordo com a ordem de aparecimento. Os livros de introdução (*O que é o Espiritismo e o Princiante Espírita*), principalmente o primeiro deles, dão uma idéia geral do Espiritismo. Muitas das questões neles desenvolvidas já estão incorporadas ao *Livro dos Espíritos*. Convém observar, entretanto, que *O que é o Espiritismo* é um livro *muito didático*, indispensável a quem quiser fazer estudos regulares da doutrina. As questões são propostas e respondidas em forma de diálogo, método adotado, com proveito, desde a antigüidade. Nesses dois pequenos livros, que são sínteses dos princípios gerais da doutrina tem o neófito ou princiante um roteiro para compreender a extensão do Espiritismo.

Aqueles que desejarem conhecer a vida e a personalidade do Codificador do Espiritismo encontrarão a biografia de Allan Kardec, muito desenvolvida por Henri Sausse, no *Princiante espírita*, e a biografia mais resumida, em *Obras póstumas*. Também se encontra neste último livro o notável discurso que Camille Flammarion pronunciou à beira do túmulo de Kardec, em Paris, discurso em que o grande astrônomo

faz afirmações valiosíssimas sobre a personalidade do Codificador do Espiritismo e o chama, até, de *bom senso encarnado*.

O livro central da Codificação do Espiritismo é *O Livro dos Espíritos*, porque:

- a) – cronologicamente, é o 1º de todos:
- b) – contém a doutrina, em seus princípios básicos, tal como foi transmitida pelos espíritos.

Com o material do *Livro dos Espíritos*, desdobrou-se a Codificação da doutrina através dos outros livros. Cada um deles trata de assuntos específicos, sem sair, porém, das generalidades coordenadas no *Livro dos Espíritos*. Assim é que o *Livro dos Médiuns*, por exemplo, trata da definição dos diversos tipos de mediunidade, sua classificação, problemas atinentes ao desenvolvimento e ao bom uso da mediunidade, etc., assim como *A Gênese* estuda o homem dentro de diversos ângulos: biológico, psicológico, histórico, espiritual (após a morte). É um livro em que se discutem, assuntos relativos a diversos ramos da cultura humana; *geologia, geografia, astronomia, psicologia, biologia, etc.* Tudo isto – note-se bem – em função da evolução geral e do progresso do espírito. Com estudos mais amplos sobre os fluidos, sua natureza e suas propriedades, *A Gênese* dedica uma parte especial aos chamados “milagres”. O Espiritismo não nega os fatos impropriamente chamados de “milagres”, mas não aceita esta designação, porque interpreta esses fatos à luz de elementos capazes de os colocar em condições de serem compreendidos cientificamente. O *Evangelho segundo o Espiritismo* e o livro que trata da parte moral do Espiritismo. Isto porque, como disse Kardec, O Espiritismo adota a moral de Jesus, não criou, portanto, nenhuma outra moral. Não devemos, porém, querer interpretar o Espiritismo pelo Evangelho, mas o Evangelho que deve ser interpretado à luz do Espiritismo. Não interessando ao Espiritismo a discussão de pormenores exegéticos, nem a apreciação de controvérsias de ordem histórica, assunto que interessa mais à erudição e à cultura religiosa do que propriamente à reforma do homem, a Codificação de Allan Kardec, sensatamente, extraiu do Evangelho apenas os ensinamentos morais, as máximas e os exemplos que são necessários à edificação espiritual do homem.

Quanto aos livros complementares da Codificação. *O Céu e o Inferno* discute as questões teológicas relativas à justiça divina, ao “pecado original”, às penas eternas e outros dogmas irreconciliáveis com a filosofia espírita. Os problemas da vida futura são examinados, nesse livro, à luz da reencarnação. Na parte propriamente doutrinária, as questões desenvolvidas em *Obras póstumas*, longo trabalho sobre a organização do Espiritismo, no qual incluiu o problema do ensino da doutrina. A leitura deste livro ainda se torna muito útil, senão indispensável para aqueles que desejarem conhecer a gênese da doutrina. A parte histórica, que é muito interessante, contém o depoimento pessoal de Allan Kardec, sobre a sua iniciação no Espiritismo, como também sobre as circunstâncias em que foram elaborados, principalmente, *o Livro dos Espíritos e a Gênese*. Há diversas comunicações de espíritos, nas quais se encontram bons subsídios para a história do movimento espírita. Quando nos referimos a *iniciação* de Allan Kardec no Espiritismo, queremos dizer pura e simplesmente o início, os primeiros passos do Codificador na seara espírita. O Espiritismo não tem nenhuma cerimônia nem fórmula de *iniciação*, e por isso esta palavra deve ser entendida em seu sentido comum,

sem qualquer idéia de ritual ou preceito usual de determinadas *seitas* e *fraternidades* religiosas.

Temos, aí, uma idéia geral e muito sumária dos livros que formam a Codificação da Doutrina Espírita, há quem diga que a doutrina está no *Livro dos Espíritos* e por isso os outros livros podem muito bem ser postos de lado. Isto é um ponto de vista, e corresponde, apenas, à opinião de alguns confrades nossos. Não aceitamos, de forma alguma, este ponto de vista, porque entendemos que a Doutrina Espírita é um conjunto, é um TODO, e qualquer fracionamento lhe prejudicaria a estrutura. A obra de Kardec deve ser mantida em toda a sua integridade. É este o pensamento do Centro Espírita “18 de Abril”. Dele não nos afastamos, sejam quais forem as circunstâncias.

Com estas rápidas noções sobre o plano geral da organização da doutrina, através de seus livros, podemos examinar, agora, a questão da ATUALIDADE DA OBRA DE ALLAN KARDEC. Para sabermos se uma obra é ou não atual, devemos adotar, inicialmente, dois critérios:

- 1º) – verificar se as suas idéias fundamentais estão ainda em concordância com as necessidades da época; se tal não acontece, é claro que a obra já está FORA DE ÉPOCA;
- 2º) – comparar aquela obra com as outras obras do mesmo ramo de pensamento; se as outras obras são mais adiantadas e apresentam soluções mais claras, evidentemente aquela já está ULTRAPASSADA.

Muita gente, entretanto, quer julgar a atualidade ou a caducidade de uma doutrina ou de um livro simplesmente pelo critério histórico a que é mais nova sobrepõe a anterior. Nem sempre. Julga-se uma obra, em relação a sua validade, pela concordância de suas idéias com as necessidades da época em que se pretende se fazer o julgamento, e não pela antigüidade. Se assim fosse, o Evangelho já estaria caduco, há longos anos, porque tem quase dois mil anos... E por que, então, o Evangelho é ainda ATUAL, apesar de sua milenária antigüidade? Justamente porque os seus ensinamentos ainda não foram suplantados por outros ensinamentos, visto como nada se trouxe, até hoje, em matéria de moral, que seja capaz de superar o Evangelho. O argumento da antigüidade, neste ponto, é dos mais insubsistentes.

A Codificação de Allan Kardec foi elaborada no século passado, mas a verdade é que as questões por ela discutidas e explicadas ainda estão em foco nos dias atuais. É certo que, a partir da segunda metade do século XIX até hoje têm surgido diversas escolas e doutrinas com o objetivo de dar uma explicação diferente a certos fenômenos, a certas teses espíritas. Nenhuma explicação, entretanto, conseguiu, até hoje, DESTRUIR a explicação espírita. São, todas elas, tentativas inteligentes e, às vezes, honestas, mas a interpretação espírita continua de pé. Uma doutrina só deixa de ser atual quando os seus princípios e postulados perdem a consistência, não correspondem mais às necessidades e aquisições de nossa época. Aí, sim, a doutrina passa ter apenas valor histórico, como tantas outras, que fazem parte do acervo do passado, porque não são mais para nossos dias. Não foi isto o que se deu com o

Espiritismo: as suas luzes continuam a ser cada vez mais necessárias no momento atual. Podemos, ainda, considerar uma doutrina caduca ou ultrapassada quando se prova que a experiência e as investigações modernas demonstraram que os postulados dessa doutrina estavam errados. Nada disto acontece com o Espiritismo, porque ninguém demonstrou, até hoje, que os seus postulados estão firmados em bases duvidosas ou erradas. O Espiritismo tem sido negado, e com toda veemência; mas **NEGAR NÃO É DEMONSTRAR COISA ALGUMA**. O critério mais inteligente e mais lógico para julgar a atualidade ou não de uma doutrina ou de uma obra é o do exame de seu conteúdo doutrinário e de suas soluções práticas em face das solicitações de nossa época.

A obra de Allan Kardec ainda é **ATUAL**, porque **NENHUMA EXPERIÊNCIA**, como **NENHUMA DOCTRINA LHE ANULOU O CONTEÚDO INTEGRAL**, até agora. Todos os problemas constantes da Codificação de Allan Kardec ainda são **ATUAIS**, e para eles não encontramos solução mais racional fora da Codificação. Vejamos, pois, como se desenvolvem esses problemas:

I – *Problemas de animismo*

Criptestesia (conhecimentos ocultos)

Sonambulismo

Dupla vista (clarividência ou lucidez)

Ideoplastia, etc.

Todos os fenômenos desta ordem foram, como se sabe, estudados e discutidos após a obra de Kardec, mas o que se prova é que os *princípios* são os mesmos previstos na Codificação. Tudo quanto se disse, depois de Kardec, sobre *sonambulismo*, que é um assunto vastíssimo, embora por outras palavras, vem cair nas idéias gerais da Doutrina Espírita.

Os fenômenos de *dupla vista*, como tantos outros fenômenos psíquicos, estudados modernamente, também já foram estudados por Allan Kardec, e a sua interpretação até agora não foi desmentida pelas experiências mais recentes. Allan Kardec não falou, por exemplo, em *criptestesia*?

É uma faculdade pela qual o indivíduo revela conhecimentos fora dos conhecimentos normais. Ensina Richet: “É uma sensibilidade oculta, misteriosa, crítica”. Tudo isto quer dizer que há determinados conhecimentos anteriores aos conhecimentos atuais.

De onde a criatura humana traz esses conhecimentos? Claro que de existências pretéritas. Os nomes são novos, não há dúvida, mas a idéia já está na obra de Kardec. Alguns experimentadores, não querendo aceitar a explicação espírita nem querendo concordar com reencarnação, propuseram termos especiais, como, por exemplo, *criptestesia*, que vem de cripto, isto é, a zona oculta. Cripta era e é o lugar onde se guardam certos objetos, nos monumentos, nas torres, nos templos, etc. Se, portanto, existem, conhecimentos ocultos, e se esses conhecimentos se revelam, em determinadas circunstâncias, claro é que eles procedem de alguma parte ou de alguma época. Temos de chegar naturalmente à reencarnação.

A obra de Kardec também não falou em *ideoplastia*, que é um fenômeno em virtude do qual o nosso pensamento pode, até, criar formas, produzir ação plástica na matéria. Bret entende que é melhor dizer *ideoplasia*. Questão de palavras, apenas... Ochorowicz definia a ideoplastia como “a realização fisiológica da idéia”. Tudo isto, posto em termos simples, vem dar ao mesmo: o pensamento pode produzir alteração no organismo, como pode, em casos especiais, criar formas visíveis. Pelo fato de não haver feito referência específica a este fenômeno, nem por isso a obra de Kardec está atrasada em relação às modernas experiências psíquicas. O fenômeno de ideoplastia já está igualmente previsto na obra de Kardec, embora sem alusão direta ao nome, que é outro neologismo, como a criptestesia, etc. Seja como for, a Codificação de Kardec estuda longamente a ação do pensamento e sua influência no organismo. Kardec foi ainda mais longe, porque chegou a noção de idéia-força de maneira tão positiva, tão objetiva, que discutiu o problema da *fotografia do pensamento* muito antes de todos os experimentadores modernos. Veja-se A Gênese, de Allan Kardec, no capítulo XIV, e lá está o problema, em termos diferentes, mas com mesmo sentido, sobre os mesmos princípios: *Criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo se fotografa*”. Que é isto, se não ideoplastia? Plasma quer dizer forma; ideoplastia é a forma da idéia. E não é isto, mas isto mesmo, o que Allan Kardec discute, quando estuda a natureza e ação dos fluidos? A novidade está somente na terminologia, e muita gente se impressiona muito com os termos novos sem dar atenção à idéia, ao conteúdo. Até mesmo no capítulo em que estuda o valor da prece (“Evangelho segundo o Espiritismo”) e, portanto, a ação magnética do pensamento, a Codificação de Kardec, tacitamente, já antevê o fenômeno ideoplástico. É certo, é indiscutível que, depois da Codificação de Allan Kardec, o Espiritismo recebeu muitos enriquecimentos, muitas contribuições apreciáveis, e é natural que assim seja, porque, se tal não acontecesse, a doutrina ficaria *parada*, sem evolução. Acontece, porém, que esses enriquecimentos e essas contribuições *não invalidaram* as bases da Codificação. Muitos problemas, que estão sendo, hoje, apresentado como *novidade*, porque trazem roupagem nova, já foram discutidos e interpretados na obra de Kardec. Se, portanto, podemos afirmar a atualidade da Codificação nesta ordem de fenômenos, também podemos fazê-lo no campo dos problemas.

II – Problemas mediúnicos

Neste terreno, como no do Animismo, nenhuma das experiências de Richet, Aksakof, Geley, Bozzano, por exemplo, apesar do grande enriquecimento que deram ao Espiritismo, nenhuma delas – convém repetir – trouxe elementos capazes de corrigir a obra de Kardec. Do mesmo modo, na discussão dos problemas filosóficos, as teses espíritas, até hoje, continuam na pauta das discussões: dualismo espírito – matéria; livre arbítrio – determinismo; negação do materialismo; princípio de causalidade, etc. Ampliações sim; termos novos, também; mas a verdade é que a idéia fundamental não foi ainda superada. Os problemas, no fundo, são os mesmos, e as teorias recentes, neste domínio do conhecimento, não oferecem explicações mais lógicas em relação a Codificação de Allan Kardec.

III – Problemas Sociais

Neste ponto, a obra de Kardec, em linhas gerais, também está atualizada, porque as suas idéias sobre a luta de classes e a formação de uma *aristocracia, intelecto moral* correspondem, exatamente, ao pensamento mais esclarecido e mais equilibrado, nas discussões atuais. As conclusões da obra de Kardec, sobre as relações de trabalho e as relações do indivíduo com o Estado chegam ao seguinte ponto de equilíbrio: nem o individualismo absoluto, porque isto é contrário à lei do amor e à solidariedade humana, que é um dos principais fatores do progresso, nem tampouco o *estatismo* absorvente, que faz do Estado o senhor absoluto e anula a personalidade do homem. Tudo quanto de mais avançado se tem dito ultimamente vem cair nesta conclusão. Logo, o pensamento de Kardec, embora expresso no século passado, está em concordância com as solicitações de nossa época. Isto importa em reconhecer que, também no terreno de suas conseqüências sociais, a obra de Kardec NÃO ESTÁ ULTRAPASSADA.

Vamos comparar, agora, sumariamente apenas, alguns pontos da obra de Kardec com afirmações feitas em trabalhos recentes, e de grande profundidade filosófica. Queremos dizer com isto, que não há motivo para se dizer, como às vezes se diz, que “já passou o tempo de Kardec” ou “Allan Kardec já foi suplantado”, etc., etc.. Tudo isto revela falta de conhecimento claro da obra de Kardec. Já em confronto com algumas obras filosóficas de absoluta atualidade, já em confronto com livros mediúnicos de largas claridades doutrinárias, a Codificação de Kardec continua a ser *atual* em seus pontos básicos. Façamos comparações, apenas para ilustração.

– I –

Aqui está, por exemplo, um conceito do prof. Pietro Ubaldi . Não é espírita, mas o conceito está em concordância com uma das explicações do “Livro dos Espíritos”:

“A Matéria, como a concebemos normalmente, esvanece em nossas mãos, deixando apenas algumas sensações produzidas pelo que é apenas energia”.

(“A Grande Síntese”)

– II –

Que diz a Codificação de Allan Kardec sobre os *estados da matéria*? Embora o faça de modo muito resumido ou lacônico, exprime a mesma idéia quando afirma:

“A matéria existe em estados que desconhecemos”.

(“O Livros dos Espíritos”)

Vê-se, pois, que o conceito de matéria, na doutrina codificada por Alan Kardec, não se afasta da concepção moderna, como não está *recuado* no tempo. O problema da *imponderabilidade* da matéria, problema discutido profundamente na obra do prof. Ubaldi, que é uma obra ATUAL, já esta *previsto* na obra de Kardec.

Ensina, ainda, a Doutrina Espírita, a respeito das propriedades da matéria:

“A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria”?

Resposta: *Dá matéria , como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil, que constituiu esse fluido, vos é imponderável. Nem por isso , entretanto, deixa de ser o princípio de vossa matéria pesada”.*

Vejamos, depois disto, alguns conceitos desenvolvidos por André Luiz, cuja a produção, através da mediunidade de Chico Xavier, está engrandecendo muito a nossa literatura mediúnica. A tese que o espírito de André Luiz defende, em livros dos mais recentes, em relação ao perispírito, não traz qualquer acréscimo àquilo que já foi dito na obra de Kardec, embora esta última, às vezes, seja muito sintética. O pensamento fundamental é inteiramente coincidente. Confrontemos argumentos

I – De Allan Kardec:

“A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do espírito. Os espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de uma mundo para outro”.

(Gênese – cap. XIV n.º. 9)

II – De André Luiz:

“Aqui aprendemos que o organismo perispirítico, que nos condiciona em matéria mais leve e mais plástica, após o sepulcro, é fruto igualmente de processo evolutivo.

O gênero de vida de cada um, no invólucro carnal, determina a densidade do organismo perispirítico após a perda do corpo denso”.

(“No Mundo Maior” págs. 40-45, cap. III)

O princípio é o mesmo, embora as palavras sejam diferentes:

A FORMA DO PERISPÍRITO (corpo fluídico, intermediário entre o corpo material e o espírito) SEJA MAIS GROSSEIRO OU MAIS DELICADO, TEM RELAÇÃO COM O ADIANTAMENTO MORAL DO ESPÍRITO. Isto é tese da Doutrina Espírita.

Passemos, agora, a outro ponto, na mesma ordem de idéias:

Não pode haver “psicologia equilibrada” sem “fisiologia harmoniosa”, é o que diz André Luiz. Que quer dizer isto? Quer dizer que, para que o organismo funcione bem, é necessário que a mente esteja em boas condições.

Tem-se, aí, o seguinte princípio; tanto a mente influi sobre o corpo, como o corpo sobre a mente. Este mesmo princípio também se encontra no “Livro dos Espíritos”, na parte que trata das influências recíprocas entre corpo e espírito.

Confrontemos, finalmente, as afirmações de André Luiz com as de Allan Kardec, no ponto referente às “intoxicações mentais” e sua repercussão no perispírito e, depois, no funcionamento do organismo.

III – Observação de André Luiz, sobre o cérebro de Fabrício (personagem de sua obra), submetido a tratamento espiritual:

O sistema nervoso, que se liga à câmara encefálica através de processos indescritíveis na técnica da ciência humana, mas não é do que a representação de importante setor do organismo perispíritico, segundo acabamos de estudar. A mente falida de Fabrício INTOXICOU esses centros vitais com incessante emissão de energias corruptoras. (ob. cit. cap. XII).

IV – Afirmações de Allan Kardec, sobre o mesmo problema, estudado à luz da organização e influência do perispírito:

Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais como os mesmos deletérios corrompem o ar respirável. O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de espírito a espírito pelas mesmas vias, e conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes (ob. cit. nº. 17 e 18 do mesmo cap. Já citado).

Tanto na obra de Kardec, quanto na de André Luiz, no que diz respeito ao perispírito, os pensamentos se equívalem, embora sejam expresso por meio de formas diferentes. A tese é uma só:

Os maus pensamentos e os desejos inferiores intoxicam a mente e, por este motivo, envenenam a matéria do perispírito, produzindo distúrbios no organismo.

André Luiz demonstra, logicamente, noutro passo de sua obra, a eficácia da prece. E não é isto mesmo o que se lê na obra de Kardec, no “Evangelho segundo Espiritismo”, cap. XXVII ? A concepção de Emmanuel, por exemplo, sobre a pluralidade dos mundos, raça adâmica, etc., não invalida o que já está na obra de Kardec. Neste ponto, a obra de Emmanuel também não apresenta novidade, em comparação com as idéias de Kardec, conquanto haja clareado grandemente a discussão do problema. Abra-se o livro A Caminho da Luz, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier (edição FEB) no cap. III, e lá está o mesmo problema discutido por Allan Kardec, no cap. XI, de Gênese: o sistema de capela, a raça adâmica, o simbolismo de Adão, etc.. Kardec levou tão longe a sua idéias, já naquele tempo, que chegou a fazer referência ao problema da América pré-colombiana, assunto cuja discussão tem sido reaberta, nestes dias pelos especialistas. A obra de Emmanuel trouxe, inegavelmente, grande subsídio ao estudo de tais problemas. Não se deve concluir, daí, que a obra de Kardec esteja ultrapassada, pelo fato de ser muito anterior à

de Emmanuel. A idéia fundamental é a mesma, o que varia de uma obra para outra, é a maneira de situar os problemas. Antes de concluir, vamos por, frente a frente, pensamentos da obra de Kardec e de A Grande Síntese, sobre o problema da igualdade social, que é um problema em debate, AGORA, precisamente agora, nos dias que estamos atravessando. Podemos, assim, verificar, mais uma vez, que a Codificação de Kardec está ATUALIZADA em seus conceitos básicos, porque os seus pensamentos, sobre determinados problemas, estão EM DIA com os pensamentos mais avançados.

IGUALDADE SOCIAL

V – Há quase um século, a obra de Allan Kardec dizia isto:

Há igualdade absoluta de riquezas é impossível, dada a diversidade de caracteres e aptidões. (Livro do Espíritos, questão 811). Esta resposta envolve problemas atinentes à Sociologia, à Economia, à Filosofia, etc., e sobre ela a Doutrina Espírita desenvolve considerações elucidativas.

VI – Pensamos em termos atuais, e com a experiência dos últimos acontecimentos político sociais deste quarto de século, A Grande Síntese afirma o seguinte:

Em face das minhas concepções, vereis quão abismadas são as vossas utopias de nivelamentos econômicos. (Leia-se o ponto referente à “distribuição do bens terrenos”).

CONCLUSÃO

De uma lado e do outro – A obra de Kardec e A Grande Síntese – afirmações são concordantes: a impossibilidade do nivelamento absoluto. A Doutrina Espírita argumenta com a reencarnação, em virtude da qual se torna impossível colocar todos os indivíduos no mesmo pé de igualdade. Convém não confundir igualdade de direitos inerentes à pessoa humana com igualdade de condições de vida.

Tudo se enquadra inteiramente no Evangelho:

“A CADA UM SEGUNDO AS SUAS OBRAS”

Depois de tudo quanto dissemos, é razoável que possamos concluir com a seguinte proposição: embora a Doutrina Espírita, em diversos aspectos, tenha sido muito enriquecida de experiências, estudos e verificações novas, a sua base não sofreu, até hoje, a menor alteração. Se a base da doutrina é a Codificação de Allan Kardec, e se a Codificação ainda não foi ultrapassada por nenhuma doutrina, nenhuma obra. Seja de origem humana, seja de origem espiritual, não temos razão alguma para desprezar a obra de Kardec, sem a qual não encontraremos rumo certo no estudo, na compreensão e

na prática do Espiritismo. O que devemos fazer é estudar a doutrina em seu conjunto, procurar-lhe a essência, acima e à margem de opiniões ou pontos de vistas pessoais, para que, devidamente preparados, possamos enfrentar o mundo com os recursos espirituais, com o equilíbrio, com o senso de responsabilidade moral decorrentes da condição de ESPÍRITA e não de simples *crentes*. Devemos, pois, ATUALIZAR as nossas posições, com as luzes da doutrina, em face do progresso da Ciência e das novas situações: não é a Codificação de Kardec que deve ser modificada ou adaptada às circunstâncias: nós, de nossa parte, como espíritas, e que devemos acompanhar o desenvolvimento da Ciência e das realidades do mundo, aprimorando as qualidades de nosso espírito, realizando a nossa reforma moral, aumentando os nossos conhecimentos, dia a dia, para que, assim, possamos compreender, cada vez mais, não só a atualidade, como a grandeza da luminosa e inconfundível doutrina codificada por Allan Kardec. Cada um de nós que trate de se adaptar à doutrina ao invés de querer adaptar a doutrina a si mesmo ou à maneira de pensar de cada um. A doutrina é o que é, por si mesma e em si mesma; cada qual que procure compreendê-la e praticá-la, sem fanatismo e sem excessos ridículos, para encontrar a luz de que necessita.



VI – Caráter da Doutrina Espírita:

Segundo Allan Kardec (*A Gênese* cap. I), O Espiritismo participa, ao mesmo tempo, da *revelação humana* e da *revelação divina*. Não se deve entender a palavra *revelação* no sentido teológico, mas no sentido próprio, significando “tirar o véu”, isto é, tornar conhecido aquilo que já existia e ainda não era conhecido. O fenômeno espiritual já existia, mas as suas leis os seus mecanismos eram desconhecidos. O Espiritismo veio revelar os conhecimentos dessas leis. Daí, portanto, a *revelação* espírita. Quanto ao caráter da doutrina, convém ainda lembrar que o Espiritismo se distingue das revelações baseadas apenas na fé, porque os seus elementos de convicção decorrem dos fatos e da razão. Podemos figurar, para ilustração, três

CRITÉRIOS

- 1 – *Critério da fé*
(A revelação é aceita passivamente pela fé)
- 2 – *Critério ontológico*
(considera a revelação evidente por si mesmo e não permite discussão)
- 3 – *Critério relativista*
(Partindo da premissa de que o conhecimento humano é relativo, considera também relativo tudo quanto nos pode dar a conhecer uma revelação)

Todos esses critérios têm os seus exageros, e nenhum deles se ajusta bem à metodologia espírita. O critério da fé, como se sabe, muito simplista, e o Espiritismo não é “questão de fé”. O critério chamado ontológico (Ontologia é a parte da filosofia que estuda o Ser considerado em si mesmo, o Ser no estado puro, independente da forma porque se manifesta) não é suficiente para nós, porque parte de uma base discutível: a evidência por si mesmo, sem necessidade da discussão. Se quiséssemos sair da Metafísica e aplicar o critério ontológico ao Espiritismo, teríamos de considerar o Fenômeno evidente por si mesmo, já provado à sociedade. Não haveria mais necessidade da experiência e da discussão. O outro critério, o dos relativistas, está certo em tese, porque realmente o conhecimento humano é relativo, pois o homem não pode saber tudo. Acontece, porém, que o chamado relativismo, às vezes, cai no ceticismo ou no agnosticismo: pelo fato de achar, com razão, que tudo é relativo, vão alguns relativistas ao extremo de considerar inútil ou desnecessária a discussão sobre os fenômenos ditos transcendentais, porque o homem jamais poderá dominar esse conhecimento. Isto vem a ser, na realidade mais ceticismo do que relativismo os agnósticos são aqueles que, embora não neguem sistematicamente, duvidam das possibilidades do conhecimento do domínio supra-humano. (Agnosticismo, ao pé da letra, significa ausência de conhecimento, porque é uma posição filosófica segundo a qual o homem não pode ter acesso ao absoluto, ao desconhecido). Se levarmos os nossos raciocínios, sistematicamente, para esse terreno, não estudaremos mais, não faremos investigação acerca do invisível, porque tudo é impossível, segundo os agnósticos. Há, também, exagero, nesta orientação.

O Espiritismo não adota a opinião dos agnósticos, mas também não apoia a intransigência de certos relativistas: tudo é relativo, mas o homem deve estudar e examinar para ir além do que já é conhecido; se assim não fosse, não haveria progresso. Compreendia a posição do Espiritismo entre os que *crêem* e os que duvidam, podemos apresentar o caráter da revelação espírita, segundo Allan Kardec. Diz ele, como já vimos que o Espiritismo faz parte, ao mesmo tempo da REVELAÇÃO.

Divina pela origem extraterrena,

Humana pelo método científico, pela observação, pelas verificações diretas, pelos meios humanos (médiuns) de que se serve.

O Espiritismo não aprova nenhuma posição sistemática: nem a crença absoluta, nem a negação sistemática. Há dois pontos extremos, e muito inconvenientes, em toda discussão filosófica:

A FÉ.

Os que se apoiam na fé crêem apenas, não examinam, não discutem. Esta posição, além de ser contrária à própria razão, é perigosa, porque pode levar ao radicalismo cego, em prejuízo da ciência e da verdade.

A NEGAÇÃO ABSOLUTA

Os que negam por sistema são igualmente ortodoxos, embora sentido oposto, porque se limitam a *negar* tudo.

O Espiritismo repete tanto uma como a outra posição, porque a sua doutrina exige a *análise* e a *síntese*, para que se forme, assim, uma base de certeza *sobre*:

a observação
a experimentação
a comparação dos fatos
a especulação acerca dos porquês
a crítica e, finalmente, depois de tudo,
a dedução,
para que se possa chegar à CERTEZA.

Se finalmente, para o Espiritismo a imortalidade da alma já é uma certeza apesar de todas as objeções dos negativistas e agnósticos, convém notar que esta certeza não veio pela simples fé; veio pelos fatos, pelo raciocínio claro. É convicção, portanto. Partindo desta base a filosofia espírita nos leva à aceitação consciente da existência de Deus e de sua perfeita justiça.

CONCLUSÃO

Quando falamos na certeza, que se firma em nosso espírito, através da verificação dos fatos e do desenvolvimento de nossa razão, no campo filosófico, não queremos dizer, de forma alguma, que não haja campo, também, para aqueles que aceitam o Espiritismo pelo sentimento, pela fé. Absolutamente. O Espiritismo oferece lugar para todos; o homem de espírito científico, o homem de raciocínio frio, o homem de expansões sentimentais. Nem todos podem abraçar o Espiritismo pelos mesmos motivos e pelos mesmos meios: há, como se sabe, aqueles que aceitaram o Espiritismo pelos fatos, como aqueles que se tornam espíritas pela filosofia, porque acham a doutrina lógica, coerente, clara e profunda; há, também, aqueles que, por motivos de ordem sentimental encontraram no Espiritismo uma fonte de consolo, em momentos aflitivos, e por isso se tornaram espíritas.

A doutrina refere-se à fé cega, isto é, aquela fé inteiramente passiva, que leva a pessoa a aceitar tudo sem exame, sem ponderação, apenas porque ouviu dizer ou porque, certa vez, viu qualquer coisa... Quando a doutrina diz fé raciocinada já exclui a fé cega. A fé raciocinada é, então, a que se exprime em termos de convicção, mas para procurar discernir. O estudo regular da doutrina é uma necessidade para todos os seus adeptos. A convicção dá força à criatura humana para resistir aos embates, para suportar os golpes tremendos, para vencer os sofrimentos de ordem física e de ordem moral. É necessário, porém, que se modifiquem certas atitudes contrárias ao bom senso. Uma dessas atitudes é a daqueles que, falseando a noção de humildade, chegam ao exagero de combater o estudo ou de menosprezar a filosofia e a ciência. Há, infelizmente, muitas noções falsas, e tais noções devem ser corrigidas pelo estudo metódico da própria doutrina. Cada qual tem o seu lugar, o seu papel ou a sua missão na seara espírita: o

médium, na parte espiritual, que é nobre e útil, quando exercida como sacerdócio do bem; o intelectual escreve livros e artigos; o orador faz conferências; os organizadores de obras empregam a sua inteligência e as suas energias no campo humanitário ou assistencial, mas no fim de tudo o esforço humano, bem conduzido, converge para a realização do Amor na terra. Cada qual deve procurar, no movimento espírita, o campo de trabalho que corresponde aos seus pendores, ao seus sentimentos. Fiquemos certos, porém de que todos os campos, todas as formas de atividade intelectual, assistencial, escolar, etc. – são necessárias e meritórias, mas é indispensável não por, jamais, o estudo da doutrina em plano secundário. Torna-se absolutamente necessário, portanto, evitar que se propaguem ainda mais em nosso meio algumas noções perigosas em relação à cultura doutrinária e às tarefas humanas. Há pessoas que, tendo uma noção muito primária do que seja o Espiritismo, chegam ao exagero de combater a idéia de cursos doutrinários, como chegam ao extremo de adotar atitudes de prevenção com os intelectuais. Tudo isto prova que ainda existem, entre nós, algumas concepções defeituosas, e só o estudo regular da doutrina poderá, aos poucos, destruir esses gravíssimos prejuízos mentais.

Com a publicação deste Caderno doutrinário, damos por encerrado mais uma período de estudos doutrinários do Centro Espírita “18 de Abril”.

II PARTE

ESPIRITISMO E MAGNETISMO

(Resumo de um estudo feito pelo Prof. Edson de Abreu)

ESPIRITISMO E MAGNETISMO

Estudo feito pelo Prof. Edson de Abreu

Proposição do problema - Nosso objetivo é estudar as relações existentes entre os Espiritismo e o Magnetismo, ou seja, ver as limitações mútuas entre eles existentes. Para tanto será necessário termos algumas noções, embora elementares, do que seja Magnetismo.

Conceito da palavra magnetismo – Podemos considerar os seguintes:

1 – Segundo a Física, é o fenômeno pelo qual certas variedades de óxido de ferro natural ou aço, sem serem atritadas, atraem corpos metálicos. De muito conhecido, esse fenômeno tomou esse nome em virtude de ser comum em certos montes de Magnesia; magnetismo terrestre é o fato de se comportar a Terra como se fosse um grande imã cujos pólos estivessem próximos dos pólos geográficos. A bússola aproveita essa propriedade.

2 – segundo o mesmerismo seria a influência exercida de um indivíduo sobre outro, por intermédio de um fluido – o fluido magnético – que existiria disperso por toda a natureza, mas susceptível de ser “armazenado” num indivíduo dado e dele se expandir por influência da vontade. Verificado entre seres humanos esse fenômeno tomou o nome de magnetismo animal, que pode ser usado em relação aos animais. O que é fato é que não se costuma falar em magnetismo humano.

Esboço histórico – De há muito conhecido somente no século XVIII despertou a atenção das massas populares bem com de pessoas esclarecidas. Deveu-se a Antônio Frederico Mesmer (1733 – 1815) esse movimento de atenção para o fenômeno. Sendo médico, Mesmer procurou dar ao magnetismo aplicações práticas de ordem curativa. Indo a Paris lá obteve grande sucesso e em 1779 publicava sua “Mémoire sur la decouverte du magnetisme animal”. Atacado depois do relatório da Comissão Real que estudara os fenômenos, Mesmer teve entretanto, seguidores de valor na própria França e em outros países. Tais foram: o abade Faria, grande magnetizador, Puysegur que estudou o sonambulismo provocado graças ao qual estudou fenômenos de clarividência, Deleuze, Husson, Du Potet e o Marquês de Guibert fundador de célebre hospital mesmeriano em Tarrascon. Além da noção de um fluido magnético, acreditava-se em lados positivos e negativos no ser humano e já se usava “água fluida”. O hipnotismo – Ainda na primeira metade do século XIX surgiu uma reação científica ao magnetismo, que consistia não em negar os fatos do mesmerismo mas em lhes dar outra explicação. Em 1843, o médico inglês Braid, negou a existência de um fluido magnético e afirmou que se poderiam obter os mesmos resultados usando apenas a sugestão verbal. Em França formaram-se logo duas escolas: a da Salpêtrière (hospital em Paris) ou de Charcot e a de Nancy. A de Charcot dizia que o processo de magnetização seguia três fases bem caracterizadas: a de fascinação, a de catalepsia e a de letargia em que já se notavam fatos de clarividência. A de Nancy, com Liébeault e Bernheim, seguiu rigorosamente a sugestão verbal e não se preocupou com as fases clássicas de Charcot. Myers, em 1904, afirmou que a sugestão não era eficaz se não atingia o “eu” profundo do sujeito, seu subconsciente, a não em última análise se deviam os resultados da sugestão, os curativos por exemplo.

Entre hipnotismo e magnetismo, as diferenças são mais de princípios e processos que de natureza.

O sonambulismo – Um e outro, entretanto, levam ao sonambulismo, que é um sono durante o qual se podem verificar; uma credulidade exagerada do paciente, que, ou acredita facilmente no que lhe diz o hipnotizador, (mesmo em absurdos), faz, sugestão, certos atos sem vontade, sem necessidade. Outras vezes, a “transposição dos sentidos”, ou seja, a visão, a audição e a olfação sem auxílio dos sentidos normais. Ainda outras vezes a “insensibilidade”, e, enfim os altos fenômenos de clarividência.

Diferença entre Magnetismo e Espiritismo – Os autores concordam com as relações íntimas existentes entre o Magnetismo e Espiritismo. Ao mesmo tempo nunca incluem aquele, neste. Compreende-se: é que o ato que produz a hipnose (sono hipnótico) é consciente e os fenômenos de clarividência, em magnetismo são meros resultados da hipnose... Apesar disto, que auxílio magnífico traz o Magnetismo ao

Espiritismo! Auxilia indiretamente os propósitos morais do Espiritismo, pois, segundo Myers, a sugestão pode suprimir certos vícios como os penderes de idéia fixa, (ex. : a inveja), os falsamente benéficos a que os comete etc.. A magnetização promove o melhor conhecimento do subconsciente, pois – para dar um único exemplo – permite chegar à clarividência, que é capítulo importantíssimo do Espiritismo Científico. Ora, sendo assim, originando também o animismo, compreende-se como pode ele limitar um pouco o campo do espiritismo, limitação mútua, aliás. Enfim pode ele trazer alguma contribuição ao estudo da parte filosófica do Espiritismo; são exemplos disto, as tentativas de Rochas e Marata de provarem a reencarnação. Por intermédio da “regressão da memória”. O magnetismo é, pois, instrumento de trabalho precioso para o espírita.

Os limites do Magnetismo – Do ponto de vista analítico, chegamos ao ponto mais importante de nossa palestra, pois devemos mostrar, que a hipótese magnética não é bastante para explicar todos os fenômenos do Espiritismo, ou seja: que o Espiritismo limita o Magnetismo. Conhecem-se, hoje em dia, à sugestão e à ação do animismo (fenômeno supranormal produzido pelo encarnado). A análise comparada demonstra que os fenômenos psíquicos ora podem ser originados por um Espírito ora pelo próprio médium, cabendo a análise isto demonstrar, salvo em dois casos em que nem há necessidade de análise minuciosa para se provar que o fenômeno é de espiritismo e não de animismo. Estes dois casos são:

1 – um grupo de fenômenos cuja origem espiritual (eliminadas fraude e sugestão) não pode ser negada. Um desses fenômenos, por exemplo, é a xenoglossia (mediunidade poliglota).

2 – como demonstrou Ernesto Bozzano, a telepatia e outros tipos de clarividência tem limitado seu campo de ação. Segundo alguns anti-espíritas a ação da telepatia por exemplo (que pode ser produzida pela magnetização) seria muito grande, de modo a anular o valor probante da identificação de Espíritos... Bozzano demonstrou que não é assim, e que o sensitivo para obter informações sobre terceiras pessoas, só se verifica se essa terceira pessoa for conhecida dele, do experimentador.

Em conseqüência, vê-se bem que o magnetismo coloca dentro de justos limites o Espiritismo, porem devemos notar que também o Espiritismo coloca dentro dos justos limites o Magnetismo. Aconselhamos a leitura do livro de Bozzano “Animismo e Espiritismo” aos que se interessarem pelo assunto que tratamos.

Programa do Centro “ 18 de Abril”

Art. 1º O Centro Espírita 18 de Abril. Assim denominado em homenagem a data em que foi publicado a 1ª edição d’ O Livro dos Espíritos, é uma sociedade civil, com sede e foro no Distrito Federal, para estudar o Espiritismo, de acordo com a codificação de Allan Kardec. (Do Estatuto)

DIRETORIA DO CENTRO ESPÍRITA “ 18 de Abril” Para 1952 - 1955

Presidente: Deolindo Amorim

Vice-presidente: J. C. Moreira Guimarães

1º Secretário: Flávio de Sousa Pereira

2º Secretário: Enéas Dourado

1º Tesoureiro: João Scizinho de Araújo

2º Tesoureiro: Cândido Garantizado

Bibliotecário: Manuel Moraes

Comissão de Contas

Antônio Luiz Parreiras

Dr. Lauro Sales
Prof. Teodorico Castelo

A LIGA ESPÍRITA DO BRASIL tem 6 escolas gratuitas para crianças, sem distinção de crenças religiosas, cor ou nacionalidade.

Ajudai a obra escolar da Liga Espírita do Brasil, inscrevendo-vos como sócio daquela instituição.